



MELLO MORAES FILHO

SERENATAS  
E SARÁUS



LIVRARIA GARNIER  
RIO DE JANEIRO

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# SERENATAS E SARÁUS



# SERENATAS

## E SARÁUS

COLLECÇÃO DE AUTOS POPULARES,  
LUNDÚS, RECITATIVOS, MODINHAS, DUETOS, SERÊNATAS,  
BARCAROLAS E OUTRAS PRODUCÇÕES BRAZILEIRAS  
ANTIGAS E MODERNAS

---

*Com uma explicativa dos assumptos de cada volume*

POR

MELLO MORAES FILHO

---

III. — HYMNOS

MODINHAS DIVERSAS

---

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
RIO DE JANEIRO | PARIS

1902



## PREFACIO

---

Povos ha, cujo esbôço historico se póde encontrar no opulento repertorio de seus cantos populares. Quanto aos povos antigos, este criterio é uma lei, visto como as mythologias, a poesia cyclica formam a base de todas as civilizações primitivas.

Entre as nações modernas, a adaptação não é assim ampla, não é assim geral, podendo, porém, destacar-se, dentre muitas, algumas, e, dentre estas, a gloriosa França, o paiz natal das mais variadas fórmulas de canções.

A evolução de seus cantos populares, cujas origens derivam da idade média, e seguem do Renascimento ás revoluções, chegando até nossos dias, creou o aphorismo de que na França *tout finit par des chansons*, reflectindo-se sempre n'essa modalidade de expansões populares a alma de sua historia, atravez dos tempos,

atravez dos *seculos*, atravez dos dias tempestuosos ou tranquillos de sua triumphal existencia.

De par com os estrangeiros, quasi a bater ás portas do Renascimento, os trovadores e menestreis entôavam seus cantos de guerra, seus poemas sublimes em que os heroes eram os cavalleiros consagrados pelos combates, os reis e os principes vencedores, cujos feitos exalçavam no verso rhythmado, molde preferido na mór parte das epochas para rememorar a tradição.

E nada mais impetuoso do que o tufão das Cruzadas, levando para o Oriente as legendas christãs; e nada mais alviçareiro do que os batalhadores e peregrinos, trazendo para o occidente as opulencias de novos idéaes e de velhas civilisações. Aqui, vêmos as damas castellãs, as nobres fiandeiras dos solares cantando, ao ruido da róca, a canção do *Linho*; alli, a espôsa e a noiva modulando sentimentaes trovas, com a dôr e a saudade a gemer-lhes n'alma pelos barões feudaes e cavalleiros que haviam partido para a guerra; acolá, o peregrino dedilhando nas praças publicas episodios da luta, e á luz d'esse crepusculo radiante, e ao mesmo tempo lugubre, á semelhança de uma nuvem de pombas bravas, espôsas e noivas, para as quaes os combates abriram um sepulchro aos preferidos de seu coração, abaterem-se no

soturno dos claustros, como sombras penitentes.

Entretanto, no meio d'esse contristador espectáculo, os contrastes ás vezes se manifestavam ruidosos, e a fé e a esperança resplandeciam nos solares até então quasi desertos do feudalismo, á chegada dos barões e dos cavalleiros vencedores.

E os castellos, borborinhantes de senhores e vassallos, atravessavam noites de festa, e os menestreis entõavam ao som de instrumentos musicos suas canções ardentes, seus rumores devotos, que deliciavam as formosas Eglantinas e Yolanthas, cujas almas, embevecidas de amor e de ventura, se espanejavam em lagos dourados de luares e de illusões.

O poema de *Arthur*, da *Mesa Redonda*, as canções de *Gesta*, finalmente, consubstanciam esses momentos grandiosos da poesia bardica da França, em que os trovadores e os menestreis delineavam, em seus cantares, os mais bellos trechos da historia nacional.

Heroica e cavalleiresca essa espontanea e inspirada poesia, em quasi todos os recantos da Europa taes poemas eram modulados com o mesmo entusiasmo e com a mesma fé, já pelos pelejadores feudaes, já pelas guardas a cavallo, vencendo excursões, atravessando povoados e desertos.

Como um prolongamento de medievaes costumes, ainda actualmente regimentos ha na Russia que, em longas viagens atravez dos stepes e geleiras, marcham ao tom de cantos populares, tirados por chefes de guerra, rebôando os estribilhos cantados pela soldadesca nos céus sem estrellas de suas noites sombrias, e nos marnéis silenciosos e scintillantes de luzes, que se levantam e apagam no enxame das exhalacões.

Por tal modo diffundidas as canções, como ácima dissemos, já enobrecidas nos dominios senhoriaes, já perpetuadas nas reproducções anonymas, foi nos seculos xvi e xvii que os menestreis ambulantes as passaram para as ruas, onde elles, cantando as suas musicas, vendiam aos circumstantes as respectivas *letras*, tornando-as d'est'arte sabidas em todos os burgos nas noitadas dos lares.

De Henrique IV a Luiz XVI, esse genero de poesia lyrica e de musica popular transformou-se em *canções galantes*; sobreveio, portanto, o epicurismo, e d'ahi o vasto repertorio das canções licenciosas e bacchicas, que caracterizam esses faustosos tempos.

Mais tarde, isto é, pela Revolução, essa feição lyrica representou papel tão saliente na historia da França, que fôra impossivel com verdade escrevêl-a, bem comprehendêl-a, sem

a intervenção d'esses trovares que tanto levantaram o espirito francez, assignalando-o nas incommensuraveis lutas.

E nem só a parte ethnica d'essa nacionalidade illuminam suas canções populares, mas ainda servem de resistencia pelo ridiculo, de opposição como arma contra os desmandos e as tyrannias, perturbando o somno aos homens de Estado, e transformando a guilhotina em alguma cousa que se assemelha a uma vingança de inconsciente ou em armadilha para fazer rir.

E foi pelas canções, e foi pela tradição dos menestreis que, no album heroico das immortedouras glorias da França, a posteridade gravou em aço os bustos laureados de Berenger, Coulinges, Ange Pitou e Roger de Lisle, etc., de permeio com o *Hymne à la Liberté*, *Çà ira*, *Marseillaise* e dezenas d'outros cantos populares, que phototypam um periodo de glorias e de maldições, que poderia ser restaurado no caso de se haverem perdido os documentos e a historia que o definem e accentuam.

Sendo o Brazil um reflexo d'aquella nação, nota-se em nossa historia a influencia do espirito francez, assignalando pelas canções alguns traços da nossa existencia social e politica. D'ahi o avultado hymnario da Independencia, de que dão os editores das *Serenatas e Saráus*

os mais conhecidos e populares hymnos, não fallando ainda do geralmente ignorado escripto dos cantos patrioticos e hymnos bellicos do 2 de Julho, da guerra dos Farrapos, das revoluções de 1817 e 1824, os hymnos academicos, e outros, que, unidos aos innumerables cantares congeneres por occasião da guerra contra o governo do Paraguay, formariam por si só um dos volumes mais preciosos do nosso *Folk-lore*, de que se poderiam jactanciar a lyrica nacional e a musica brasileira.

Se passarmos d'esse esplendido hymnario aos outros generos de canções, bem escassos são os exemplares, excepção feita da tradicional modinha, do ardente e lascivo lundú, que, transplantados da metropole, aqui adquiriram mais poesia, mais graça, mais dulçor.

Na analyse d'essa modalidade da poesia e musica tradicionaes e populares, bem pouco nos restaria a accrescentar ao que uma vez escrevemos sôb o titulo *As Modinhas e o Violão* (1), quando, esmerilhando o assumpto, traçamos a caracteristica evolutiva d'essas producções de arte.

Precedendo-nos n'esses intuits, José de Alencar, Celso de Magalhães e Sylvio Roméro escreveram eruditas paginas, especialmente no

(1) Mello Moraes Filho, *Cantares Brasileiros*.

tocante ao *Folk-lore* transplantado da metropole, e aqui modificado pelas duas raças que o assimilaram e enriqueceram, passando entretanto quasi desapercibidos aos notaveis criticos as modinhas e os lundús, tão singularmente caracteristicos do espirito brasileiro em sua expansibilidade, no meio cosmico, e nas variaveis contingencias da vida.

Sentimental a modinha, sensual e pilherico o lundú, este, com *rhythm*o hespanhol, levemente alterado pelos elementos portuguez e africano, e aquella descendente em linha recta da melodia italiana, em tudo adaptavel á nostalgia das tres raças, ambos têm caminhado desdea colonia até os nossos dias de par com as delicadas e graciosas composições dos nossos mais estimados poetas, interpretando sentimentos, assignalando incidentes da vida social, ridicularizando typos e costumes.

E compilando tal evolução appareceu a velha *Cantora Brasileira*, vastissimo repositório d'essas canções tão nossas, ora enriquecido com innumeradas producções modernas, sempre ouvidas com aprêço e applauso nas serenatas e nos saráus.

MELLO MORAES FILHO.



**PRIMEIRA PARTE**

**HYMNOS**



# SERENATAS E SARÁUS

---

## HYMNO DA INDEPENDENCIA

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Já podeis, filhos da patria,  
Ver contente a mãe gentil ;  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brazil.

*Brava gente brasileira,  
Longe vá temor servil ;  
Ou ficar a patria livre,  
Ou morrer pelo Brazil.*

Os grilhões que nos forjava  
Da perfidia astuto ardil,  
Houve mão mais poderosa,  
Zombou d'elles o Brazil.

*Brava gente, etc.*

O Real Herdeiro Augusto,  
Conhecendo o engano vil,

Em despeito dos tyrannos  
Quiz ficar no seu Brazil.

*Brava gente, etc.*

Revoavam sombras tristes  
Da cruel guerra civil,  
Mas fugiram apressadas  
Vendo o anjo do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Mal soou na serra, ao longe,  
Nosso grito varonil,  
Nos immensos hombros logo  
A cabeça ergue o Brazil.

*Brava gente, etc.*

Filhos, chama, caros filhos,  
E' depois de affrontas mil,  
Que a vingar a negra injuria  
Vem chamar-vos o Brazil

*Brava gente, etc.*

Não temais impias phalanges  
Que apresentam face hostile,  
Vossos peitos, vossos braços,  
São muralhas do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Parabens, ó brazileiros,  
Já com garbo juvenil  
Do universo entre as nações  
Resplandece a do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Parabens, já somos livres,  
Já brilhante e senhoril  
Vai juntar-se em nossos lares  
A assembléa do Brazil.

*Brava gente, etc.*

Mostra Pedro á vossa frente  
Alma intrepida e viril,  
Tendes n'elle o digno chefe  
D'este imperio do Brazil.

*Brava gente, etc.*

# HYMNO

INDEPENDENCIA OU MORTE

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Já da querida patria  
Foi decidida a sorte,  
E' do Brazil divisa :  
— *Independencia ou morte.*

Temos por nós a Pedro,  
Heróe prestante e forte,  
Longe o receio fuja,  
*Independencia ou morte.*

Quer Pedro, ó vis tyrannos,  
Que negro plano aborte ;  
Queiramos nós com elle  
*Independencia ou morte.*

Do throno e patria esteios,  
O' filhos de Mavorte,

Dentro gravai dos peitos  
*Independencia ou morte.*

Da guerra entre os horrores,  
Vosso valor conforto  
O grito da victoria :  
*Independencia ou morte.*

De nossos lares fuja  
Feroz, hostile cohorte,  
Ao lêr em nossos braços :  
*Independencia ou morte.*

Quem haverá que os ferros  
Da escravidão supporte ?  
Ao vêl-os quem não clama :  
*Independencia ou morte.*

No Prata, no Amazonas,  
Do Sul resôa ao Norte  
O grito, que retumba,  
*Independencia ou morte.*

Os pais da patria venham  
Com venerando porte  
Dar leis que tenham por base  
*Independencia ou morte.*

Recebam d'estes povos,  
Entre geral transporte,  
O sancto juramento :  
*Independencia ou morte.*

# INDEPENDENCIA OU MORRER

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Ouvi, ó povos, o grito  
Que vamos livres erguer,  
O Brazil sacode o jugo,  
*Independencia ou morrer.*

Leis que a impostura dictava  
Não mais devemos soffrer,  
Ferros nunca, nem dourados,  
*Independencia ou morrer.*

Congresso oppressor jurara  
Nossos foros abater,  
Em seu despeito juremos  
*Independencia ou morrer.*

Um povo que quer ser livre,  
Livre por força ha de ser ;  
E' esta a lei das nações :  
*Independencia ou morrer.*

Temos heróe que trabalha  
Em nosso jus defender ;  
Longe fuja o servilismo,  
*Independencia ou morrer.*

Unem-se força e direito  
Para as cadeias romper,  
Mão real as despedâça,  
*Independencia ou morrer.*

Depois de tresentos annos  
Livre o Brazil vai viver,  
Deve a Pedro a liberdade,  
*Independencia ou morrer.*

Da nossa gloria, ó regente,  
Só tu penhor pôdes ser,  
Ou Pedro ou deixar a vida,  
*Independencia ou morrer.*

O Brazil, do mundo inveja,  
Não deve em ferros gemer,  
E' tempo, sejamos livres,  
*Independencia ou morrer.*

Abrasado em patrio zelo,  
Sente-se o sangue ferver ;  
Resôa em todas as boccas :  
*Independencia ou morrer.*

Embora esquadrões armados  
Ferros nos venham trazer,

E' brazão das almas livres  
*Independencia ou morrer.*

Os satellites do crime  
O que nos podem fazer?  
Juramos no altar da patria  
*Independencia ou morrer.*

Os corações dos tyrannos  
Hão de covardes tremer,  
Vendo escripto em fortes braços  
*Independencia ou morrer.*

Nós escravos! ó vergonha!  
Mais vale a vida perder,  
Nossa patria tem por timbre  
*Independencia ou morrer.*

Havemos entre as nações  
Nossos direitos manter ;  
Corra embora o sangue em rios,  
*Independencia ou morrer.*

Vem, ó Brazil, os teus filhos  
Hoje abraçar de prazer ;  
De ti são dignos seus votos,  
*Independencia ou morrer.*

# HYMNO A' CONSTITUIÇÃO

DO IMPERIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

---

Viva a brazilia  
Nobre nação!  
Salve, ó divina  
Constituição!...

Constituição, eis o dia  
Que te consagra o Brazil,  
Por ti caminha ao progresso  
Este povo varonil.

*Viva, etc.*

Salve, ó carta soberana  
Da brazilia liberdade,  
Pacto de amor e concordia  
Entre o povo e a magestade.

*Viva, etc.*

A suprema liberdade  
Co'a propria mão te escreveu  
Sobre as azas prateadas  
De um anjo vindo do céo.

*Viva, etc.*

Lá sobre os Andes sentado  
Em seu throno alabastrino,  
Coroam-lhe vinte estrellas  
Com esplendor diamantino.

*Viva, etc.*

Seus pés, que algemas pizam,  
Se dilatam d'oufo as zonas,  
Submissos se deslizam  
Alvo Prata, aureo Amazonas.

*Viva, etc.*

Enorgulha-se e gigante  
Esmero da natureza,  
Parabens, Brazil! O mundo  
Pasma da tua grandeza!

*Viva, etc.*

## HYMNO NICTHEROYENSE

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

---

Nictheroy! Eia, desperta,  
Tu tens um dia de gloria,  
Digno de eterna memoria  
Nos annaes de uma nação.  
Ah! indolente não durmas  
Sobre as flores destas plagas,  
Ao sussuro destas vagas  
Como em morta solidão.

*Festivo canto  
Celebre a gloria  
Do dia digno  
De alta memoria.*

Desperta! Relembra a historia  
Da sagrada independencia;  
Memora a fera insolencia  
Do valente general.

D. Pedro ante ti velava ;  
E teus filhos te guardavam,  
Que anciosos esperavam  
De combater o signal.

*Festiva, etc.*

Qual tormenta que vem vindo  
E traz espesso negrume,  
E tolda do sol o lume  
E derrama susto... horror...  
Assim Avilez armado  
Ante ti se apresentava,  
Seu estandarte ondulava  
Entregue á morte e ao pavor!

*Festiva, etc.*

Mas parabens! Tu vencestes  
Sem que sangue derramasse,  
Sem que em sangue nodoasse  
O teu mimoso torrão ;  
A tua attitude armada  
Impoz silencio e respeito  
Ao inimigo que affeito  
Já era ao campo de acção.

*Festiva, etc.*

Eil-o que lá se retira  
Em as naus, soltando ao vento  
As velas, que em salvamento  
A' patria sua o conduz.

No teu limpido horizonte  
Raia o sol da liberdade,  
E esparge na immensidade  
Divinal, eterna luz.

*Festiva, etc.*

E pois c'roada de flores,  
Cheia de orgulho e ufanía,  
Memora este grande dia,  
Oh faustosa Nictheroy!  
Entoa alegre e festiva,  
Com a tua mocidade,  
Mil hymnos á liberdade,  
Mil vivas ao grande heróe.

*Festiva, etc.*

# HYMNO COMMEMORATIVO

DA INDEPENDENCIA

POESIA DE J. NORBERTO

---

Creou Deus a nossa terra  
Cheia de immensa riqueza,  
Deu-lhe divina belleza  
E um céo de pura luz!  
E era pobre entre riquezas  
Todo o povo brasileiro,  
E soffreu em captiveiro  
A linda terra da cruz!...

Livre nascida  
Em a cabana  
De seccas palmas  
Americana,  
Curva-se a patria  
A' cruz, que santa  
Sobre suas plagas  
Cabral lhe planta.

Christã em ferros,  
Eil-a a soffrer!  
O' Deus, a terra,  
Da cruz, que é tua,  
Vem soccorrer!

Eis um guerreiro apparece  
E só com seu brado forte,  
Desde o sul até o norte  
Abate o genio oppressor ;  
Avante, nobre guerreiro,  
Tens a fronte radiante,  
E és de um povo inda infante  
O futuro imperador.

Deixando o throno  
Do decadente  
Reino que outr'ora  
Foi florescente,  
Abraça a causa  
Do grande imperio,  
Honra do novo  
Vasto hemisferio ;  
Gloria, ó guerreiro  
Triumphador!  
Saúda, ó patria,  
O teu futuro  
Imperador!

Lá se oppõe a tyrannia  
Ao bem que o Brazil intenta :

Eis guerra triste, sangrenta  
A patria alaga de dôr!  
Porém o Brazil combate ;  
Trôa o bronze... a bala geme...  
Córta a espada... a terra freme...  
Tudo é sangue!... Tudo horror!...

Mas é da patria  
Certa a victoria,  
Que lhe promette  
Eterna gloria ;  
A sua causa  
Protege o Eterno,  
Que o despotismo  
Prende no averno.  
Tamanho guerra  
Não temas, patria,  
Tu vencerás ;  
Dos inimigos  
Triumpharás.

O' patria, ó Brazil, exulta!  
Exulta cheia de gloria!  
Lá em signal da victoria  
Ribomba bronzeo canhão!...  
Desde o Prata ao Amazonas  
Ondêa... tremula... impéra...  
Emblema da primavera,  
Auri-verde pavilhão!...

Brilha nos ares  
O estandarte,

Que em paz impéra  
Por toda a parte ;  
O canhão sôa,  
Já de alegria,  
Commemorando  
O grande dia,  
Em que a patria  
Tudo alcançou,  
E para sempre  
Da prepotencia  
Livre ficou.

O' principe excelso, impéra  
Com teu povo brasileiro :  
Firma o pacto verdadeiro  
Da mais sagrada união !  
O' Brazil, tu serás grande,  
Santa ventura te aguarda ;  
Para isso acata e guarda  
A sacra Constituição !

Juremos todos,  
No patrio altar,  
Fieis, constantes,  
Sempre a guardar ;  
Penhor de paz  
E f'licidade,  
Firme garante  
De liberdade,  
Suave laço  
Da união,  
Tem baluartes

Em nosso peito  
E coração.

Fulge, ó sol! E' este o dia  
Da suprema liberdade!  
Entoai, ó mocidade,  
Vossos hymnos de louvor!  
Ondulai, pendões brazílios!  
Troai bronzes, em memoria  
Do grande dia de gloria,  
Que nos deu o Imperador!...

Braziliense,  
Doce harmonia,  
Celebre a gloria  
Do eterno dia,  
Que enche de pasmo  
O mundo inteiro,  
E faz o orgulho  
Do brasileiro.  
Dia faustoso,  
Dia sem par,  
Eternamente  
Nos céos da patria  
Has de brilhar!

## HYMNO MARCIAL

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Valentes guerreiros  
Que a fama buscais,  
E as armas alçais  
A novo esplendor,

*Mostremos ao mundo  
Bravura, energia,  
A patria confia  
No nosso valor.*

O' vós, que aos clamores  
Da patria correstes,  
E nada temestes  
No heroico fervor,

*Mostremos, etc.*

E vós que seguindo  
As novas bandeiras,

Antigas fileiras  
Deixastes sem dôr,

*Mostremos, etc.*

Ouvi de Bellona  
O grito, que entoa,  
Ao longe já sôa  
Da guerra o fragor.

*Mostremos, etc.*

Se vive na fama  
De heróes a memoria,  
Salvou-os a gloria  
Do tempo ao furor.

*Mostremos, etc.*

Que horror nos combates,  
Que p'riço no assalto,  
Mas fala mais alto  
O belico ardor.

*Mostremos, etc.*

Os chefes zelosos  
Nos vão excitando,  
Marchai a seu mando  
Sem susto ou temor.

*Mostremos, etc.*

Fiel disciplina  
De Marte é divisa,

Seguir-se é preciso  
A voz sup'rior.

*Mostremos, etc.*

A mão bemfeitora  
De Pedro immortal,  
Quiz ser liberal  
Em vosso favor.

*Mostremos, etc.*

Os seus beneficios  
Nos peitos guardai,  
E gratos lhe dai  
Mil provas de amor.

*Mostremos, etc.*

Em vós, ó guerreiros,  
A patria descança,  
Da sua esperança  
Vós sois o penhor.

*Mostremos, etc.*

Por vós não receia  
Imigos alfanges,  
Nem teme as phalanges  
De injusto oppressor.

*Mostremos, etc.*

Da esposa e das filhas  
Quem guarda o direito,

Não teme o seu peito  
Aos tiros expôr.

*Mostremos, etc.*

Corramos á gloria  
Que assim nos convida,  
Mais vale que a vida  
Da patria o louvor.

*Mostremos, etc.*

# HYMNO BRAZILIENSE

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Parabens, ditosos filhos  
Do brazilico hemispherio;  
Vossa patria, novo imperio;  
Ergue a fronte sem temor.

*Jura o povo brasileiro  
Dar contente os bens e a vida  
Pela patria tão querida,  
Pelo grande Imperador.*

Os tyrannos intentavam  
Lançar ferros ao Brazil,  
Mas um peito varonil  
Lhes rebate o vão furor.

*Jura o povo, etc.*

Por mil leguas os limites  
Este imperio ao longe estende ;

Seus direitos lhe defende,  
Pedro, o anjo protector.

*Jura o povo, etc.*

Pedro existe á nossa frente,  
O triumpho está seguro :  
São da patria o forte muro  
Seu denodo e seu valor.

*Jura o povo, etc.*

Já nação a par das outras  
O Brazil assombra o mundo,  
Ruge a inveja, e no profundo  
Vai sumir a immensa dôr.

*Jura o povo, etc.*

Sábias leis espera o povo  
Da brazilica assembléa,  
De cem luzes a rodeia  
Brilhantissimo esplendor.

*Jura o povo, etc.*

Aos conselhos seus presida  
Zelo ardente, sã prudencia,  
Firmem nossa independencia  
Contra as furias do aggressor.

*Jura o povo, etc.*

Vinde, ó povos, n'este dia  
Contemplan a patria cara,  
Seu destino lhe prepara  
No universo o gráo maior.

*Jura o povo, etc.*

# HYMNO DO BATALHAO

DO IMPERADOR

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

---

Hoje a patria é quem vos chama,  
O' valentes brasileiros;  
E do ferro dos guerreiros  
Vossos braços vem armar.

*Bravos filhos de Mavorte,  
Já no campo estais da gloria,  
Vamos, vamos á victoria,  
Combater e triumphar.*

Do Brazil a mãe primeira,  
Formosissima Bahia,  
Da feroz aleivosia  
Quer os vis grilhões quebrar.

*Bravos filhos, etc.*

Do Janeiro sobre as margens  
Seus clamores escutastes,  
Desde logo alli jurastes  
Os seus muros libertar.

*Bravos filhos, etc.*

Eis da guerra o clarim sôa  
E a triumphos mil nos chama,  
Negra furia que rebrama  
Não nos póde intimidar.

*Bravos filhos, etc.*

Lá nos tece a patria c'rosas,  
Nossa patria, o grão Brazil,  
Que sublime e senhoril  
Vai dous mundos assombrar.

*Bravos filhos, etc.*

Lusas quinas enfiadas  
Da soberba em vituperio,  
Vêm de novo augusto imperio  
As estrellas fulgurar.

*Bravos filhos, etc.*

Pedro a nossa independencia  
Sôbre base pôz segura,  
As promessas da impostura  
Não nos hão de fascinar.

*Bravos filhos, etc.*

Pedro firma o throno egregio  
Em valentes, livres peitos,  
Sua gloria illustres feitos  
Deve a todos inspirar.

*Bravos filhos, etc.*

Appareça n'estes lares  
Sacro-sancta liberdade :  
O egoismo, a vil maldade,  
A seus pés hão de expirar.

*Bravos filhos, etc.*

Já nos céos fuzilam raios,  
Chega o dia da vingança,  
O vislumbre da esperança  
Vai nos monstros acabar.

*Bravos filhos, etc.*

# HYMNO DA PROCLAMAÇÃO

DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

POESIA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

---

Seja um pallio de luz desdobrado  
Sob a larga amplidão d'estes céos  
Este canto rebel, que o Passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hymno de gloria que fale  
De esperanças de um novo porvir!  
Com visões de triumphos embale  
Quem por elle luctando surgir!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as azas sobre nós!  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outr'ora  
Tenha havido em tão nobre paiz...  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tyrannos hostis.

Somos todos iguaes! Ao futuro  
Saberemos, unidos, levar  
Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, ovante, da Patria no altar!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as azas sobre nós!  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!

Se é mistér que de peitos valentes  
Haja sangue no nosso pendão,  
Sangue vivo do heróe Tiradentes  
Baptisou este audaz pavilhão!  
Mensajeiro de paz, paz queremos,  
E' de amor nossa força e poder,  
Mas da guerra nos transes supremos  
Heis de ver-nos luctar e vencer!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as azas sobre nós!  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!

Do Ypiranga é preciso que o brado  
Seja um grito soberbo de fé!  
O Brazil já surgiu libertado  
Sobre as purpuras regias de pé!  
Eia, pois, brazileiros, avante!  
Verdes louros colhamos louçãos!  
Seja o nosso paiz, triumphante,  
Livre terra de livres irmãos!

**Liberdade! Liberdade!**  
**Abre as azas sobre nós!**  
**Das luctas na tempestade**  
**Dá que ouçamos tua voz!**

# HYMNO ALAGÔANO

POESIA DE LUIZ MESQUITA

---

Alagôas, Estrella radiosa,  
Que refulge ao sorrir das manhãs,  
Da Republica és filha donosa,  
Maga Estrella entre Estrellas irmãs.

A Alma pulchra de nossos avós,  
Como bençam d'amor e de paz,  
Hoje paira, a fulgir, sobre nós,  
E maiores, mais fortes nos faz.

Tu, Liberdade formosa,  
Gloriosa hosanna entôas :  
— Salve, ó terra victoriosa,  
— Gloria á terra de Alagôas!

Esta terra quem ha que idolatre-a  
Mais que os filhos que filhos lhe são?  
Nós beijamos o solo da Patria,  
Como outr'ora o romano varão!

Nesta terra de sonhos ardentes  
 Só palpitam, como almas de sóes,  
 Corações, corações de valentes,  
 Almas grandes de grandes heróes!

Tu, Liberdade formosa,  
 Triumphal hosanna entôas :  
 — Salve, ó terra gloriosa,  
 — Berço de heróes! Alagôas.

Ide algemas que o pulso prendias  
 Desta Patria, outros pulsos prender!  
 Nestes céos, nas azues serranias,  
 Nós, só livres, podemos viver...  
 E se lucta voltar, hão-de os bravos  
 Ter a imagem da Patria por fé!  
 Que Alagôas não procrêa escravos :  
 Vence ou morre!... Mas sempre de pé!

Tu, Liberdade formosa,  
 Ridentes hymnos entôas :  
 — Salve, ó terra grandiosa  
 — De luz, de paz, Alagôas!

Salve, ó terra que entrando no templo,  
 Calma e ovante, da Industria te vás :  
 Dando ás tuas irmãs este exemplo  
 De trabalho e progresso na paz!  
 Sús! Os hymnos de gloria já troam!...  
 A teus pés os rosaes vêm florir!  
 Os clarins e fanfarras resoam,  
 Te levando em triumpho ao Porvir!

**Tu, Liberdade formosa,  
Ao trabalho hosanna entôas :  
— Salve, ó terra futura,  
— Gloria á terra de Alagôas!**

# HYMNO DO CENTENARIO

POESIA DE GUIMARÃES PASSOS

---

## I

Mar em furia... e no mar caravellas...  
Ruge o vento ; dos raios á luz,  
Vê-se o sangue de Christo nas velas,  
Derramado nos braços da Cruz.

### côro

Ha perigo de alguém naufragar?  
Marinheiros não temem o mar.

## II

Formidavel redobra a tormenta,  
Mas as náus santa idéa conduz ;  
Sua audacia o perigo accrescenta :  
Tem de Christo nas velas a Cruz.

## CÔRO

Ha perigo de alguém naufragar?  
Marinheiros não temem o mar.

## III

Nuvens negras e vento bravo  
Deus, a um gesto, sereno, reduz;  
E das ondas a fról o navio  
Vai soberbo, — nas velas a Cruz!

## CÔRO

Ha perigo de alguém naufragar?  
Marinheiros não temem o mar.

## IV

Ah! já sopram as brisas fagueiras!  
Ah! já terra se avista! Eia! Sus!  
Verdes frondes alli, altaneiras,  
Já contemplam das velas a Cruz!

## CÔRO

Adiante, adiante! Avançar!  
Marinheiros não temem o mar.

## V

« Marinheiros : joelhos em terra! »  
(E hasteando o padrão de Jesus)

« Tenha a benção que o symbolo encerra. »  
Diz Cabral, eis aqui Santa Cruz!

## CÔRO

Gloria a Deus, que nos fez aportar  
A esta terra, no mundo sem par!



**SEGUNDA PARTE**

**MODINHAS DIVERSAS**



## FLÔR GENTIL

POESIA DO DR. GOMES DE SOUZA

---

Flôr gentil que derramaste  
A tua suave essencia  
Pelo jardim da existencia  
Meus dias embalsamando ;  
    Como foste, assim, tão cêdo,  
    Flor gentil, te desfolhando?

Eu amei-te como a rôla  
Ama do bosque a espessura,  
Mas a amorosa ternura  
Do meu peito não quizeste,  
    Do meu amor os extremos  
    Comprender não soubeste.

Hoje miseranda imagem  
De proscripto cherubim,  
Quem ha de querer-te assim  
Do céo cahido ao inferno?

Só eu choro, desgraçada,  
O teu infortunio eterno.

Pobre myrrado esqueleto  
Da florzinha que amei tanto,  
C'o orvalho de meu pranto  
Por compaixão vou regar-te.  
Do meu amor é só esta  
A prova que posso dar-te.

---

## A ROSA

POESIA DE L. J. DE ALVARENGA

No vasto reino das flôres  
E's, rosa, a rainha dellas ;  
E no reino dos amores  
Marcia a rainha das bellas.

Em a ver, em te cheirar,  
Sinto um prazer lisongeiro ;  
Seus mimos são tão suaves,  
Como é suave o teu cheiro.

Vai, linda, mimosa flôr,  
Morre ao seio de meu bem :  
Quem me dera a tua sorte!...  
Morrer com ella tambem !

Porque me dizes chorando  
Que te não lembras de mim,  
Se os teus ais, se os teus suspiros  
Me estão dizendo que sim?

Não só teus olhos me dizem  
Que inda suspiras por mim ;  
Meu coração, que não mente,  
Me está dizendo que sim.

---

## PESCADOR DA BARCA BELLA

POESIA DE ALMEIDA GARRET

Pescador da barca bella,  
Onde vais pescar com ella,  
Que é tão bella,  
Oh pescador!

Não vês o que a ultima estrella  
No céo nublado a sós vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela  
Que a sereia canta bella ;  
Mas cautela,  
Oh pescador!

Não s'enrede a rede nella,  
Que perdido é remo e vela ;  
Só de vêl-a,  
Oh pescador!

Pescador da barca bella,  
Inda é tempo, foge d'ella,  
Foge della,  
Oh pescador!

---

## LAURA

POESIA DE FREDERICO COLIN

A aurora bella  
Fresca e formosa,  
Os céos c'lorindo  
De ouro e rosa :

O doce aroma  
Do prado em flôr,  
Trajando galas  
D'aureo primor ;

A borboleta,  
Subtil, dourada,  
Pelas flôrinhas  
Dependurada ;

Tudo que ha ledo  
Na terra e céo,  
Não vence em graças  
A um riso teu.

A lympha em perolas  
Serpenteando,  
Quando nas pedras  
Vai scintillando ;

O hymno alegre  
Dos passarinhos,  
Cantando amores,  
Entre os raminhos ;

Laura formosa,  
Teu bello riso  
Resume, e as graças  
Do Paraiso !

---

## BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

POESIA DO DR. J. M. NUNES GARCIA

Beijo a mão que me condemna  
A ser sempre desgraçado,  
Obedeço ao meu destino,  
Respeito o poder do fado.

Que eu ame tanto  
Sem ser amado!  
Sou infeliz,  
Sou desgraçado!

---

## O DESEJO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Ardo, oh! bella,  
N'um desejo,  
De te um beijo  
Offerecer ;  
Mas receio  
A cada instante.

Incessante  
Te offender.

Sim, receio...  
Mas as faces  
Mais vivaces  
São na côr!  
Oh! que rosas  
Tão perfeitas!  
Que colheitas  
Para amor!

E o receio  
Se esvaece,  
Que recresce  
O desejar...  
E a esperança,  
Que me alenta,  
Se accrescenta  
A me inspirar!...

Mas tu voltas  
O semblante,  
N'um instante  
A me fugir.  
Não me queres,  
Não me attendes,  
Só pretendes  
Me affligir!

Vês a abelha,  
Que a roseira

Vai ligeira  
Osculo dar?  
Eil-a toda  
De ventura  
E doçura  
A se fartar!

Vês as aves  
Que arrulhando  
• E beijando  
Lá s'e vão!  
Que doçura  
N'essa estreita,  
Tão perfeita  
União!

Vês a brisa  
Sobre o lago?  
Com que afago  
Se espraçou!  
Oh! nas aguas,  
Que ventura,  
Que doçura  
Respirou!

E eu sómente,  
Desgraçado,  
Despresado  
Sou de amor!  
Como é duro  
Meu destino.

Que ferino  
E' teu rigor.

---

## ACORDA, ESCUTA, ESCUTA

POESIA DE JOÃO CUNHA

Acorda, escuta, escuta,  
Desperta, — não durmas tanto :  
Se não me podes falar,  
Ao menos escuta o pranto.

Que pelo pranto que vêto  
Me conhecerás então ;  
Quem te fala é teu amigo,  
Quem te chora é teu irmão.

Bem me chamavas irmão  
Quando o outro irmão perdi !  
Pranteei, chorei por elle...  
Agora choro por ti.

Foram dous irmãos ligados  
No soffrer, na desventura,  
Foi-lhes a vida pesada,  
Mas a morte prematura.

E' qu'elles dos céos nascidos  
Só nos céos pôdem viver,  
Foi-lhes a sina na terra  
Peregrinar e soffrer.

E já que na terra unidos  
Como irmãos se deram tanto,  
Unidos nos céos escutem  
Deste irmão o triste pranto.

Nos céos gosem felicidade  
Pois só lá a podem ter :  
Se na terra não gozâram,  
Nos céos não pôdem soffrer.

Acorda, escuta, escuta,  
Desperta, não durmas tanto ;  
Se não me podes falar  
Ao menos escuta o pranto.

---

## A DESPEDIDA

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Adeus, adeus, é chegada  
A hora da despedida,  
Vou, qu'importa, se te deixo  
Neste adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos,  
Não te peço gratidão :  
Perdão — para os meus carinhos,  
Aos meus amores — perdão!

Eu era um ente na terra,  
Tu eras um cherubim!  
Deus tirou-te dos seus anjos,  
Não nasceste para mim.

Ah perdoa a meus amores  
Esta estulta enlevação ;  
Perdão, *etc.*

O crime que commetti  
Foi muito punido já,  
Castigou-me o teu desprezo,  
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço  
Quanto é justa a punição :  
Perdão, *etc.*

Pouca vida já me resta!  
Eu sinto qu'esta amargura  
Tão intensa muito cedo  
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,  
Vem dar-me absolvição :  
Perdão, *etc.*

---

## A DESPEDIDA

POESIA DO DR. BITHENCOURT SAMPAIO

Adeus, terra dos amores,  
Paulicéa, adeus, adeus :  
Da saudade acerbadas dores  
Não findarão dias meus.

E tu, virgem peregrina,  
Anjo do céu que adorei ;  
Quem sabe, terna Angelina,  
Se algum dia te verei.

N'este estado de incerteza  
Que mágua sinto de amor ;  
Até mesmo a natureza  
Parece chorar de dôr.

Ah! que saudades  
Na solidão!  
N'este meu canto  
Deixo alma e pranto  
E o coração.

Felicidade,  
A ti, aos teus,  
Anjo dos céos,  
Adeus! adeus!...

## A ESTRELLA DE MINHA VIDA

POESIA DE VILLAS-BOAS

A estrella da minha vida,  
Aqueella esphera de luz,  
Que vêl-a empallescida  
Nunca no céu eu suppuz ;  
    Qual meteóro que passa  
    Sem traços deixar de si,  
    Assim por minha desgraça,  
    Do azul do céu a perdi !

Ella era a estrella mais pura  
Que habitava o lindo céu !  
Do manto da noite escura  
Era um engaste, um trophéo ;  
    Como ella outr'ora brilhava  
    Nem um astro hoje reluz,  
    Seu brilho n'alma falava  
    De amor, de visão, de luz !...

Quando ás vezes, qual açoite  
Soprava o rijo escarcéo,  
D'entre os negrúmes da noite  
Me apparecia no céu !...  
    Como um phanal de bonança  
    Me offertava os raios seus,

Eu n'ella tinha esperança  
Seus raios diziam : DEUS!

Em quanto eu tive essa estrella,  
Gozei da vida a ventura,  
Depois que deixei de vê-la  
Só me lembra a sepultura ;  
    Pois cahido o astro amigo  
    Que de norte me servia,  
    Que tambem ao meu jazigo  
    Chego em breve me annuncia

Em trévas vivendo agora  
Como um ludribio da sorte,  
Peço a Deus que apresse a hora  
De minha propicia morte...  
    Morrendo, ao menos ao espaço  
    Minh'alma n'um vôo erguida,  
    Talvez encontre inda um traço  
    Da estrella de minha vida.

---

## A FLÔR DOS MEUS CULTOS

A flôr dos meus cultos,  
A rosa, que ha pouco,  
Tão cheia de encantos  
Se via ostentar,

De chofre o tufão  
Levou-a nas azas,  
As pet'las vôaram  
Dispersas no ar!

Que flôr é aquella,  
Que triste, coitada!  
O crepe de luto  
Parece vestir?...  
E' a flôr da saudade  
Que ausente da rosa,  
Comigo, chorosa,  
Parece sentir.

Vem, flôr de minh'alma,  
Unir-te ao meu seio,  
Pois quero contigo  
Meu pranto verter :  
O meu coração  
Partido ficou;  
E afflicto não póde,  
Não póde gemer.

---

## AI MEU BEM SE EU NAO TE AMO

POESIA DE F. M. M.

Ah! meu bem, se eu não te amo  
Deus lá do céu não me escute,  
E nem o sol me allumie,  
Nem a terra me sepulte.

Ah! meu bem, se te não amo  
Seja um ente sem ventura ;  
As ondas do mar sanhudo  
Sejam minha sepultura.

Se não crês no que te digo  
Tens aqui meu juramento,  
Acharás teu nome escripto  
No meu terno pensamento.

Pois mesmo depois de morto,  
Debaixo do frio chão,  
Acharás teu nome escripto  
No meu terno coração.

---

## QUEIXA

POESIA DE L. J. DE ALVARENGA

Debaixo de um alto cedro  
Onde contigo sonhei,  
Acordei, Marcia, e o teu nome  
No duro tronco gravei.

Tal estrago fez no tronco  
N'um só dia o nome teu,  
Que as verdes folhas seccáram,  
O duro tronco morreu.

Se mata a um tronco o teu nome,  
Gravado por minha mão ;  
Que hei de esperar, si o amor mesmo  
Gravou-te em meu coração ?

Mais desgraçado do que o tronco  
A natureza me fez ;  
Eu morro todos os dias !  
Elle morreu uma vez !

---

## GRANDEZAS DA TERRA

POESIA DE JOSÉ VICTORINO

De que valem grandezas da terra,  
Seus orgulhos despidos de amor,  
Se as grandezas tão fôfas que encerra  
Se sepultam da campa no horror?...

De que valem sorrisos fagueiros,  
Desprendidos sem alma ou ardor,  
Se os sorrisos voando ligeiros  
Vão sumir-se da campa no horror?...

De que valem bellezas na vida,  
Sem o brilho do meigo pudor,  
Se a belleza, qual flôr já pendida,  
Perde o viço da campa no horror?...

De que valem na vida os prazeres,  
Ternas phrases, do ouro o fulgor,  
Se taes brilhos, encantos, poderes,  
Lá se escondem da campa no horror?...

Esta vida é votada á tristeza,  
A's miserias, aos prantos, e á dôr!  
N'ella a gloria, o poder, a belleza,  
Tudo foge da campa no horror!...

Venha embora uma falsa doçura  
D'esta vida occultar o amargor,  
Tudo acaba! sómente a alma pura  
Não succumbe da campa no horror.

---

## PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava  
Teu amor me fez gozar,  
Bella Armia, tu não queiras  
A minha vida acabar!

Careço de ti, meu anjo,  
Careço de teu amor ;  
Como da gotta de orvalho  
Carece no prado a flôr!

De teus labios na fragancia  
Vi do céo todo o dulçôr ;  
Goza amor — quem t'idolatra,  
Porém soffre o teu rigor.

Não fujas de mim, meu anjo,  
Careço de teu amor ;  
Como do orvalho celeste  
Carece na terra a flôr.

---

## O BOTAÓ DE ROSA

POESIA DE GONÇALVES LEDO

*Botão de rosa,  
Mimosa flôr,  
E's o retrato  
Do meu amor.*

Se tu tens nas breves folhas  
Suave, purpurea côr,  
Nas pulchras faces de Lilia  
Arde em chammas o rubor.

*Botão de rosa, etc.*

Se o ar vizinho perfumas  
Com o teu suave odor,  
De Lilia o virgineo bafo  
Inspira e convida a amor.

*Botão de rosa, etc.*

Tu abres o rubro seio  
Ao formoso beija-flôr,  
Nos botões do seio della  
Haure a vida o casto amor.

*Botão de rosa, etc.*

---

## DÁ-ME UM SORRISO

POESIA DE J. J. BERNARDO

Dize-me, ó bella, se me amas,  
Escuta com attenção :  
Dá-me um riso dos teus labios,  
E me crave o coração.

Se teu affecto é voluvel  
Porque m'illudes em vão?  
Pede a teu anjo um punhal  
E me crave o coração.

Ah! como sou infeliz!  
Amar e não ser amado,  
Ser pelo anjo que adoro  
Pouco a pouco desprezado.

Prudencia, tu és a mãe  
D'um infeliz como eu :  
Já gozei horas felizes,  
Meu coração já bateu.

Mas hoje a sorte mudou-se,  
Tornou-se um fel o meu fado ;  
Tinha ventura, acabou-se,  
Pois amo sem ser amado.

---

## SIM

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Vai-te, oh receio,  
Vai-te, oh tormento  
Vai-te, oh tormento  
Consumidor!  
Brilhe a verdade,  
Rompa-se o arcano,  
Fuja o engano,  
E fale o amor.

O que quer diga  
O desgraçado,  
O acovardado  
Meu coração ;  
Pois tudo quanto  
Hoje emprenhe,  
Céus, só depende  
De um — sim ou não !

Armia, Armia,  
Alma constante,  
Escuta o amante,  
Que fala assim :  
— Tu serás minha,  
Muda-me a sorte ;

Ou dá me a morte,  
Ou diz-me : — sim!

---

## CONFISSAO E DESENGANO

POESIA DO DR. J. M. VELHO DA SILVA

Tu és bella, teu rosto é tão lindo  
Como um astro de noite a luzir ;  
São teus labios a rosa entre-abrindo,  
E' de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um Nume,  
Se és um'alma de affectos descrida ;  
Uma rosa de amor sem perfume,  
Uma estatua formosa sem vida?

Tu serias de amor minha estrella,  
Dos meus sonhos o puro ideal ;  
Fôras tu, anjo meu, menos bella,  
Mas teu peito mais firme e leal.

Esses cantos de outr'ora acabaram,  
Para ti minha deusa findou,  
Teus desprezos as cordas quebraram  
Desta lyra que a ti se votou.

---

## AMOR DE MAI

Sob as azas plumosas da rôla,  
O filhinho piando se acolhe,  
Como em seio de mãe carinhosa  
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla, arroubada de affecto,  
O seu filho contente affagar ;  
E a mãe, com extremo e enlevo,  
Doce somno d'infancia embalar.

Nossa mãe é o anjo inspirado,  
Que na dôr ou prazer resplandece,  
Tudo acaba e destróe-se na vida,  
Só de mãe o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,  
Se elle ri, ella exulta tambem ;  
Nossa mãe é um anjo sublime,  
Outro igual este mundo não tem.

Póde o crime manchar a existencia  
D'um seu filho nos seios criado ;  
A mãe terna lamenta a desgraça,  
Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãe é um anjo inspirado,  
Que na dôr ou prazer resplandece ;

Tudo acaba e destróe-se na vida,  
Só de mãe o amor não fenece.

---

## DÁ-ME UM BEIJO

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Se me adoras, se me queres,  
Como dizes com ardor,  
Dá-me um beijo tão sómente  
Em prova de teu amor...

A paixão em que me abraço  
Dilacera o peito meu...  
Dá-me prazer, dá-me vida,  
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende  
Em chammias do céu nascidas  
Dous corações n'um abraço,  
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta  
A metade de meu ser...  
Quero um beijo de teus labios,  
E depois... depois morrer!...

---

## SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZ/

Se és anjo no gesto e belleza,  
Tens no peito da féra o rigor...  
Ai não temo teus féros enganós,  
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste a flôr de meus dias,  
Como o vento desfolha uma flôr!  
Não quizeste que a flôr fosse minha  
Já não sinto por ti terno amor.

De teus olhos n'um terno desmaio  
Vi escripto a traição e o furor!  
Enganava-me a luz de teus olhos,  
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, *etc.*

Longos tempos julguei ser divino  
O teu porte de tanto primor,  
Profanaste-o deixando tocal-o,  
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, *etc.*

Finda a quadra de amores tão bella,  
Murcharás abrandando o rigor :

Em te vendo sem graças, direi :  
Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, *etc.*

---

## OLHA, OH MARCIA...

NOCTURNO SENTIMENTAL

Olha, oh Marcia, aquelles campos  
De sepulchros alinhados,  
Alli dormirão bem cedo  
Os meus ossos descarnados.

Suspende o pranto de amor,  
Não chores, prenda querida,  
Porque a morte nos liberta  
Das desgraças desta vida.

Qual amamos sobre a terra  
Já da vida rôto o vêo,  
Com o mesmo extremo se pôde  
Tambem amar lá no céu.

Suspende o pranto, *etc.*

(Augmento de Ed. Villas-Bôas.)

Se gozamos nesta vida  
Puro amor, tão divinal,  
Que fará quando subirmos  
A' mansão celestial!...

Suspende o pranto, *etc.*

Dê-se á terra o que é da terra,  
O fardo immenso da dôr,  
Mas noss'alma, que é eterna,  
Levemos pra' o céu de amor.

Suspende o pranto, *etc.*

Não, não chores, cara Marcia,  
Despe da tristeza o véo,  
Que pr'as delicias eternas  
Foi que Deus formou o céu.

Suspende o pranto, *etc.*

---

## E' SO' POR TI

N'este mundo de prazeres  
Olho e vejo — tudo é gala,  
Tudo é goso, tudo festa,  
Tudo canta, tudo fala.

Só minh'alma não se acalma  
Muda e triste não sorri,  
Meu peito solta suspiros,  
E', meu anjo, é só por ti!

E tu virgem que desprezas  
Este amor, que te offereço,  
Já não vês que por ti soffro,  
Que por ti tanto padeço?

Como a rosa que descora,  
Como a voz da juruty,  
E' meu canto todo pranto,  
E esse pranto é só por ti!

Como a rolinha que afflicta  
Chora o ninho que perdeu,  
Eu só choro esse amor santo,  
Esse amor que não morreu.

E se eu choro como louco  
Esse amor que não frui,  
Esse amor tão santo e puro  
E', meu anjo, só por ti!

---

## MAR QUE OUTR'ORA

POESIA DE J. NORBERTO

Mar que outr'ora nestas praias  
Tão alegre já me viste,  
Repara como hoje triste  
Choro, suspiro de amor ;  
    Geme também nesta praia,  
    Sente também minha dôr.

Elle, oh! céos! a quem amava  
De meus braços se afastando,  
E ao baixel velas soltando,  
Se perdeu aos olhos meus :  
    E sumido no horisonte  
    Não ouviu o meu adeus.

Agora, se busco vel-o,  
Branca vela me apparece,  
E depois desaparece  
Lá no horisonte sem fim ;  
    E choro, espero — não volta,  
    Não volta — ai triste de mim!

---

## FOI CRUEL O MEU DESTINO

Foi cruel o meu destino,  
Foi sonho a minha ventura ;  
Nada prende áquella ingrata,  
Só me resta a sepultura.

Passo meus dias  
Cheios de dôr,  
Sem que os alente  
Risos de amor.

Do ciúme abrazador  
Vive est'alma combatida,  
Nesta luta desastrosa  
Nem morro, nem tenho vida.

Só da féra desventura  
E' minh'alma perseguida,  
Ah! mentio-me o duro fado,  
Nem morro, nem tenho vida.

---

## AI DE MIM

POESIA DE INNOCENCIO REGO

Gemendo em vão minha dôr,  
Mil suspiros vou soltar ;  
Consumo assim minha vida  
Triste pranto a derramar!

Ai de mim! eis meu viver,  
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adoro  
Menospreza o meu amor;  
Deixa-me assim ir penando,  
Soffrendo cruenta dôr!

Ai de mim, *etc.*

Victima da desventura  
Soffrerei a minha sorte,  
Deixarei de padecer  
Quando enfim vier a morte!

Ai de mim, *etc.*

---

## EU TE AMO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Eu te amo! — A tua imagem  
Me acompanha a todo o instante,  
Dize, se teu peito amante  
Tambem me vota affeição!  
Attende-me, oh bella Armia,  
Responde-me : sim ou não!

Oh de minha triste vida  
Grato nuncio de bonança,  
Tu és a minha esperança,  
Serás a consolação!  
Attende-me, oh bella Armia,  
Consulta o teu coração!

Tudo, tudo o que possuo  
Eis a teus pés deposito ;  
Se acceitas, eu não hesito  
Em te offertar minha mão.  
Oh! não me digas que não,  
Attende-me, oh bella Armia.

---

## EU AMO AS FLÔRES

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA

Eu amo as flôres  
Que mudamente  
Paixões exprimem  
Que o peito sente.

Amo a saudade,  
O amor perfeito,  
Mas o suspiro  
Trago no peito.

A fôrma esbelta  
Termina em ponta  
Como uma lança  
Que ao céo remonta.

Assim minh'alma,  
Suspiros géras,  
Que ferir pôdem  
A's mesmas féras.

---

## ERA UM ANJO

POESIA DE E. VILLAS-BOAS

Era um anjo, um anjo lindo  
A filha que Deus me deu ;  
P'ra me dar um goso infindo  
Foi que ao mundo ella desceu.  
    Tão graciosa, tão bella  
    Era no gesto e brincar,  
    Que na graça a mais singela  
    Ella sabia encantar.

Mas a filha estremecida  
Mais linda que Deus me deu,  
A minha Isabel querida,  
Fechou seus olhos, morreu :  
    Morreu, ai, dôr! mas tão bella  
    Ficou da morte entre o véo,  
    Que a sua graça singela  
    Deve ser hoje do céo.

Foi-lhe esta morte um descanso,  
Fôra-lhe a vida um penar,  
Hoje dorme no remanso  
Que só Deus lhe pôde dar.  
    Levou do mundo a innocencia  
    Tão pura, qual Deus lh'a deu :

Dos anjos tinha a essencia,  
Fechou seus olhos — morreu!

---

## AS UYÁRAS]

(Lenda do Rio=Negro)

POESIA DE MELLO MORAES FILHO, MUSICA  
DE ALBERTO NEPOMUCENO

Travesso menino,

Do fundo das aguas  
Que em flocos se ameigam dos juncos ao pé,  
A's vezes se escuta na queixa do rio  
Um canto macio...  
De quem... não se vê!

O canto se estende ; mais doce que as moitas  
Que dormem silentes ás nuvens do céu ;  
Se acaso o barqueiro que vai na jangada  
Lhe escuta a toada,  
Meu Deus, se perdeu!

Travesso menino,

Não sabes ainda?  
Ali as Uyáras se occultam reveis!  
São ellas as moças que vivem cantando...  
Crianças roubando...  
São moças crueis!

São alvas, mais alvas que o dente das antas ;  
Mais loiras que as folhas crestadas... são bellas !  
Se alguem as descobre na molle corrente,  
Lá some-se a gente,  
Lá somem-se ellas !

Em noites de lua resvalam fugaccs,  
Quaes nevoas doiradas, — nas aguas azues...  
E ao collo suspenso nas ondas bem mansas,  
Enroscam-se as tranças,  
Quaes serpes de luz.

E ellas entoam cantigas tão meigas  
Que o écho dos valles acorda veloz ;  
Mas foge, menino, de ouvires das fadas  
Gentis, encantadas,  
Um hymno, uma voz.

— Eu tenho aqui mil palacios  
Todos feitos de coraes ;  
Seus tectos são mais formosos  
Que a coma dos palmeiraes.  
Infante que vais no monte,  
Deixa o teu pouso d'além ;  
Eu sei historias bonitas...  
Vem !

Quando nas conchas de espumas  
Sigo á tóa até ao mar,  
As princezas que morreram  
Dansam na luz do luar.

Jangadeiro que murmurás,  
Eu sou princeza também ;  
O rio está na vasante...  
Vem !

Minhas escravas são virgens,  
Loucas, esveltas, morenas ;  
Têm mais ternura nos olhos  
Que orvalhos as açucenas.  
Jangadeiro, a noite é fria,  
Tem máo assombro o sertão ;  
Minhas escravas são lindas...  
São !

Tenho collares de per'las,  
Harpas d'ouro em que descanto ;  
Governo a luz das estrellas,  
Pára o luar ao meu canto.  
Infante, a choça é deserta,  
Ninguem te espera lá não ;  
Minhas historias são bellas...  
São !

E assim ellas levam ás grutas sombrias,  
A's grutas medonhas dos rios, do mar,  
Aquelles que ouviram seus cantos, á noite,  
Distantes do fogo querido do lar.

Ouviste, menino? Não corras do rancho,  
Que ali as Uyáras se occultam reveis ;  
São ellas as moças que vivem cantando...

Crianças roubando...  
São moças crueis!

---

## A PRETA MINA

POESIA DE XISTO BAHIA

Eu tenho uma namorada,  
Que é mesmo uma papafina,  
Lá na praça do mercado...  
Digo logo : é preta mina.

### ESTRIBILHO

Laranja, banana,  
Maçã, cambucá,  
Eu tenho de graça,  
Que a preta me dá.  
Em noites de frio,  
Das que ella mais gosta,  
Me estende por cima  
Seu panno da Costa.

Mas quando ao longe me vê  
Grita logo : Acugelê!  
Vem cá, dengoso, vem cá...  
E diz-me ao ouvido :  
— Acubabá!

Certo dia um senador  
Quiz fazer-se de bonito...  
Mas a preta, que é só minha,  
Foi-lhe ás ventas c'um palmito.

Carurú apimentado,  
Que ella faz com tanto geito,  
Dá-me, as vezes, tão sómente  
Para me ver satisfeito.

---

## PERDOA-ME, OH! SÊ CLEMENTE

POESIA DA J. SERRA

Perdoa-me, oh! sê clemente,  
Deus sabe qual foi meu crime!  
Vi os teus olhos — perdi-me,  
Perdi de todo a razão!  
Quiz tentar inda um esforço,  
Combater por um instante;  
Mas na luta um peito amante  
Cede sempre ao coração!

Se pequei foi por excesso  
De te amar, mas com loucura!  
Em suppor que era ventura  
O que tu chamaste dôr...

E desvairado e afficto,  
Por combater um martyrio,  
Commetti no meu delirio  
Um crime, um crime de amor!

Nem a formosa azevinha  
Com o terno beijo innocente,  
Suave, casta e clemente  
Entristece aos cantos seus!  
Mas tambem, se fôra um crime,  
O meu foi menor ainda :  
Foi ver essa mão tão linda  
E trazer aos labios meus!

Perdoa-me! que a flôr mais pura  
Tambem ás vezes desmaia!  
Não chores, que em teus olhares  
Eu leio, todo a tremer...  
Dá-me outra vez a ventura,  
Dá-me outra vez um sorriso!  
Seja a vida um paraíso  
Que nos prenda até morrer.

---

## UMA VISAO

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Quando o somno me pesa nos olhos,  
Revoar sinto em torno de mim,  
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos,  
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave  
Me acalenta com meigo frescor,  
Vem, meu anjo dos cilios retintos,  
Vem levar-me nas azas de amor.

Passo a noite, se acaso repouso,  
Sempre a vêr-te nos meus sonhos d'ouro,  
Alva a tez, breve a boca rosada,  
Sob o véo escondido um thesouro!

N'uma rêde d'encantos me prendes  
Com grinaldas de mystico odor,  
Vem, meu anjo dos cilios retintos,  
Vem levar-me nas azas de amor.

Bella fada que doura meus sonhos,  
Que sympathica a vida me fez!  
Já não és illusão mentirosa,  
Eu te vejo acordando talvez!

Bello anjo d'uma alma celeste,  
Doce olhar de innocencia e pudor,  
Vem, meu anjo dos cilios retintos,  
Vem me dar teus extremos de amor!

---

## NÃO SE ME DÁ QUE OUTROS GOZEM

POESIA DE F. MAGALHÃES

Não se me dá que outros gozem  
Daquillo que eu já gozei ;  
Aproveita, pobresinho,  
São restos que eu já deixei.

De Marcia os bellos carinhos  
Em quanto eu quiz desfructei ;  
Os mimos que agora gozas  
São restos que eu já deixei.

A flôr, o fructo de amor,  
Intactos n'ella encontrei,  
O que bebes tão sedento  
São restos que eu já deixei.

Basta para castigar-te  
Tocares no que eu toquei ;  
Vou lembrar-te que esses gozos  
São restos que eu já deixei.

## VOLTA

POESIA DE CATULLO CEARENSE

Porque partiste,  
Mimosa flôr!  
A vida é triste  
Sem teu amor.

Dias risonhos,  
Tudo eu perdi...  
Foram-se os sonhos  
Atraz de ti!

Lembrança amena,  
Fundo amargor!  
Tu não tens pena  
Da minha dôr.

Ai, que amargura,  
Que solidão!  
A dôr perdura  
No coração.

Meiga bonança  
Já não sorri,  
Morre a esperança  
Longe de ti!

Tem pena, o lua,  
Destes meus ais!  
Na jura sua  
Não creio mais.

O' lua, emblema  
De um casto amor,  
E's o diadema  
Da minha dôr.

Ai, tem piedade  
Do meu soffrer,  
Que esta saudade  
Me faz morrer.

Ai, tu partiste  
Sem dó de mim!  
Como é tão triste  
Viver assim!

Volta, que as flôres  
Murchando estão!  
Acalma as dôres  
Do coração.

---

## SEMPRE-VIVA

POESIA DE FRANÇA JUNIOR

A sempre-viva que me déste, ó bella,  
Oh! sempre viva me será na mente,  
Nas pet'las d'ouro que esta flôr ostenta  
Leio o protesto d'um amor ardente.

Se a flôr mimosa desbotar não póde,  
Mesmo dos annos ao poder nefando,  
Ao seio unida viverei com ella,  
Beijando as pet'las morrerei te amando.

Amor tão puro como eu sonho, archanjo,  
Vejo exhalar-se d'esta flôr divina :  
Oh! seja embora meu amor um crime,  
Hei de adorar-te como a flôr me ensina.

A sempre-viva que me déste, ó bella,  
Oh! sempre viva me será na mente,  
Nas pet'las d'ouro que esta flôr ostenta  
Leio o protesto d'um amor ardente.

---

## MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá ;  
As aves que aqui gorgeliam,  
Não gorgeliam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,  
Nossas varzeas tem mais flôres,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,  
Mais prazer encontro eu lá ;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que taes não encontro eu cá ;  
Em scismar, — sósinho, á noite! —  
Mais prazer encontro eu lá ;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá ;

Sem que desfructe os primores  
Que não encontro por cá ;  
Sem que inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

---

## O DESCRIDO

POESIA DE TITO LIVIO

Quem será que alta noite medonha,  
Ao rugir da tormenta vagueia  
E passeia na areia do mar?  
Será espectro do inferno surgido?  
Ou phantasma da campa sahido  
A vagar?

Brame o pégo n'um leito de furias,  
Soam gritos, gemidos de dôr,  
D'extertor! e de horrores no ar...  
E sorrindo ao rugir da tormenta,  
O phantasma lá paira e se assenta  
A cantar, a bramar!

— Que m'importam desgraças da terra,  
Dessas vagas o louco furor,  
Que m'importa o rugir da tormenta,  
Esses raios, faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe  
Que na terra fique eu sendo rei!  
Que m'importa, se o mundo detesto  
Se desprezo e rancor lhe votei!

Venham embora coriscos e raios  
Roubar doces esp'ranças de amor ;  
Que este peito de marmore e gelo  
So tem fé na tormenta e na dôr!

Tive fé, muita fé nesta vida,  
Crenças mil neste meu coração!  
Mas qu'importa se seccas, mirradas,  
Eil-as todas perdidas no chão!

Já não tenho esperanças nest'alma,  
Que o cynismo varou-ma de fel!  
Além sim, que só pódem caveiras  
Nesta fronte cingir-me um laurel.

Eia, avante, meu peito, eia avante!  
Solta um brado de eterno estampido,  
Que soando, soando nos ares  
Lá repita brabando — Descrido!

---

## A MUCAMA

POESIA DE G. CRESPO

Mostraram-me um dia, na roça dansando,  
Mestiça formosa, de olhar azougado,  
Co' um lenço de côres nos seios cruzado,  
Nos lóbulos da orelha pingentes de prata.

Que viva a mulata!

Por ella o feitor

Diziam que andava perdido de amor.

De em torno dez leguas da vasta fazenda  
A vel-a corriam gentis amadores ;  
E aos dictos galantes de finos amores,  
Abrindo seus labios de vivo escarlata,

Sorria a mulata,

Por quem o feitor

Nutria chimeras e sonhos de amor.

Um pobre mascate, que em noites de lua  
Cantava modinhas, lundús magoados,  
Amando a faceira dos olhos rasgados,  
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...

Amaste-o, mulata!

E o triste feitor,

Chorava na sombra, perdido de amor.

Um dia encontraram, na escura senzala,  
O catre da bella mucama vasio,

Embalde recortam pirogas o rio,  
Embalde procuram na sombra da matta...  
Fugira a mulata,  
Por quem o feitor  
Se foi definhando, perdido de amor.

---

## IGUALDADE ILLUSORIA

PŒSIA DE J. P. MONTEIRO DE BARROS

A primavera é uma estação florida,  
Cheia de immenso, divinal fulgor!  
De flôres enche o coração da vida  
E enche de vida o coração da flôr!

A mocidade é uma estação ditosa,  
Cheia de risos, de ideal prazer!  
E as almas sentem um viver de rosa,  
Na mocidade — a rosa do viver!

Na primavera ha profusão de côres,  
As flôres brotam no rochedo bruto!  
Depois... o fructo que ha de vir das flôres.  
E as novas flôres que hão de vir do fructo!

Na mocidade ha melopéas calmas,  
Tremem dos labios os vermelhos frisos!

Os risos cantam no brotar das almas,  
Cantam as almas no brotar dos risos.

Ambas se adornam de um viver risonho,  
Iguaes parecem — ambas são de amor!  
Se a mocidade faz nascer o sonho,  
A primavera faz nascer a flôr.

Iguaes parecem quando a vida as solta,  
E, no entretanto, ellas não são iguaes!  
A primavera, passa e depois volta,  
E a mocidade não nos volta mais!...

---

## A FLÔR DO MARACUJÁ

POESIA DE FAGUNDES VARELLA

Pelas rosas, pelos lyrios,  
Pelas abelhas, sinhá,  
Pelas notas mais chorasas  
Do canto do sabiá,  
Pelo calice de angustias  
Da flôr do maracujá.

Pelo jasmin, pelo goivo,  
Pelo agreste manacá,  
Pelas gottas do sereno  
Nas folhas do gravatá,

Pela corôa de espinhos  
Da flôr do maracujá.

Pelas tranças da Mãi d'agua  
Que junto da fonte está,  
Pelos colibris que brincam  
Nas alvas plumas do ubá,  
Pelos cravos desenhados  
Da flôr do maracujá.

Pelas azues borboletas  
Que descem do Panamá,  
Pelos thesouros occultos  
Nas minas de Sincorá,  
Pelas chagas roxeadas  
Da flôr do maracujá.

Pelo mar, pelo deserto,  
Pelas montanhas, sinhá,  
Pelas florestas immensas  
Que falam de Jehovah!  
Pela lança ensanguentada  
Da flôr do maracujá.

Por tudo que o céo revela!  
Por tudo que a terra dá,  
Eu te juro que minha alma  
De tua alma escrava está...  
Guarda comtigo este emblema  
Da flôr do maracujá.

Não se enojem teus ouvidos  
De tantas rimas em — á,

Mas ouve meus juramentos,  
Meus cantos ouve, sinhá!  
Te peço pelos mysterios  
Da flôr do maracujá.

---

## A' TERRA UM ANJO BAIXOU

A' terra um anjo baixou  
De pureza e de candura,  
De graças mil rodeado,  
Primorosa creatura.

Soberanos, raros dotes  
Concedeu-lhe a natureza!  
E' copia, é typo fiel  
Da perfeição, da belleza.

Taes encantos me prenderam  
Ao vel-a, mimosa flôr!...  
Que logo ardeu em meu peito  
Fogo intenso, abrazador!

Desceste, ó anjo, do céu!  
Sê meu anjo tutelar!  
Attende, não me recuses  
A ventura de te amar.

---

## ESCUTA

POESIA DE TOBIAS BARRETO

Eu sinto n'alma a vibração etherea  
De harpas que ao longe soluçar ouvi ;  
Sinto os suspiros, o bater das azas  
Talvez de um anjo que morreu por ti.

Mas tu não sabes o que eu sinto, escuta  
O verbo augusto que direi tremendo,  
Ultima nota que do peito as cordas  
Por ti quebradas soltarão morrendo.

Eu te amo ! attende e deste amor que calo  
Por premio e gloria só imploro a Deus :  
Na terra, um pouco de silencio, nada !  
Nos céos a graça dos sorrisos teus.

## MARINHEIRO

Ser marinheiro é sina  
Que Deus me deu ;  
Melhor vida não ha,  
Isto julgo eu !

Quando o mar encapellado  
Me ruge aos pés,  
Alegre entusiasmado  
Pizo no convéz.

Oh! que vida é a minha  
Sempre alegre no mar!  
Vem comigo, donzella,  
Nosso amor gozar.

Do mar ás furias  
Do furação,  
Da vida eterna  
Do coração.

A terra com seus primores  
Não val p'ra mim  
A coberta dourada  
Do meu bergantim.  
Se na tempestade horrivel  
Ouço o trovão,  
E' quando eu sinto arfar  
O meu coração.

Oh! que vida, etc.

Quando a morte um dia  
Me vier ceifar,  
Não quero outro tumulo  
Para me sepultar.  
Então, eu descansado  
Lá dormirei ;

Lembranças do meu passado,  
Jámais terei.

Oh! que vida, etc.

---

## CANTO DO BARDO

POESIA DE TITO LIVIO

Porque jazes no leito pendida,  
Como flôr pelo Noto embalada?  
Que profundos mysterios te enleiam,  
P'ra que vivas de mim descuidada?!

Vem ouvir teu cantor, bella Elina,  
Sobre relvas de lyrio assentada ;  
Vem, não tarda de Vesper a estrella,  
Vem teus votos cumprir extremada.

Ah! não vivas assim, pois te eu juro  
Ser-me a morte por ti descretada.

A est'hora, que a sós me dizias  
Ser a amor qu'eu te dei consagrada!  
Quem, Elina, bebendo teu pranto,  
Deixa a face que adoro aljofrada!

Quero ver-te sorrindo tão bella  
Nos efluvios d'amor engolphada!

Eis a lyra!... desprende teu canto,  
Junto a mim, só comigo sentada.!

Ah! não vivas, etc.

Preferido rival tem acaso  
Em tu'alma, em teu peito morada?!  
E' por elle que vives tão triste,  
Como rosa em botão já crestada?!

Sê feliz — mas não ouças o canto  
Desta lyra por ti desprezada,  
Nem vivendo te accuse um espectro  
Esta hora — esta lyra inflammada.

Ah! não vivas, etc.

---

## LÁ PARA AS BANDAS DO NORTE

Lá para as bandas do Norte,  
Do sertão de minha terra,  
Onde as nuvens se espreguiçam  
Nas cumiadas da serra!...  
Onde as flôres têm mais viço,  
E a mulher tem mais feitiço,  
De nuvens é limpo o céu...  
Existe em pobre choupana  
A minha bella serrana...  
A virgem do sonho meu!

Como eu gostava de vel-a,  
Pés mettidos na tamanca!...  
Cabellos soltos aos hombros,  
De saia curtinha e branca!  
Aquella saia de neve  
Que lhe cobria de leve  
As suas fórmãs tafues!...  
Guarnecidas de matames,  
Que pareciam enxames  
De borboletas azues!

Oh! que saudades que tenho  
Dos sertões de minha terra!...  
Das nuvens que se espreguiçam  
Nas cumiadas da serra!...  
Do verde esmalte dos montes,  
E dos bulícios das fontes,  
E do pleno azul dos céos!...  
Das brisas beijando as flôres,  
Dos prados com seus verdores,  
Da virgem dos sonhos meus!

---

## VENDEDORA DE AMORES

- Quem se quer habilitar?
- Quem compra, quem compra *Amores*?
- São lindos, são tentadores!
- Quem é que m'os quer comprar?! —

« Vejamos, diz um freguez :  
 « Como é tanta a variedade,  
 « Se houver algum que mêm agrade,  
 « Farei negocio, talvez! »

— *Amor ciumento?* Convém?

« Esse é já mui desusado! »

— *Amor tímido?* « Obrigado!

« Passou de moda tambem! »

— *Amor tranquillo?* se o quer,

Posso vendel-o barato —

« E' bom p'ra o homem pacato,

« E estou bem longe de o ser. »

— *Amor bulhento?* « Peior!

« Será dos mais divertidos,

« Mas é lá para os maridos :

« Quanto a mim causa-me horror!

— O *Amor ditoso?* « Esse então

« Nem de graça o compraria!

« Sempre a dormir noite e dia!...

« Que amor tão semsaborão!

— Tenho ainda... « Ora, ouve lá :

« Nesse viveiro galante,

« Não tens tu o *Amor constante?*

« Se tens, eu compro-t'o já!

— Ai, esse não tenho eu!

— Tive-o já, e bem bonito!

- Mas estava tão velhito...  
— Que ha muito tempo morreu!
- 

## A PARASITA

POESIA DE MELLO MORAES FILHO

— Junto ás pedras de uma ermida  
Foi que viçosa nasci ;  
Pelas auras embalada,  
Por muito tempo vivi.  
Como sultana orgulhosa,  
Nas molles séstas do harém,  
Tinha talvez mais encantos  
Que as proprias huris não tem.

Quando a lua despontava  
Eu p'ra ella me sorria,  
E quando nos véos sombrios  
A linda face escondia,  
Eu chorava : e n'esse pranto  
Pendida na lage fria,  
No desalento, em saudades,  
Um terno adeus lhe dizia.

Porém, donzella inclemente  
Me vendo, n'um devaneio,  
Me disse : « Vem, flôr mimosa,  
Quero abrigar-te em meu seio!

Tu me darás teus perfumes  
Ao matutino esplendor,  
Eu em troca os meus sorrisos,  
Os meus affectos de amor. »

E com a dextra formosa  
Que ao desprazer me roubou,  
Aquella vestal perjura  
Do meu tronco me arrancou ;  
E depois que aos meus aromas  
Toda a magia faltou,  
N'este deserto, sósinha,  
P'ra sempre me abandonou.

Um boiadeiro passando,  
Que vinha ao pouso pousar,  
Ergueu-me n'este arvoredó  
Onde me posso abrigar :  
Se estranha seiva me anima,  
Se vivo de seus verdóres,  
Rende-lhe um culto minha'alma  
De puras, singelas flôres.

---

## A ROSA MURCHA

POESIA DE A. C. DE ANDRADA MACHADO E SILVA

Murchaste, minha rosa,  
Crestada pelo sol!  
Ninguem teve-te amores,  
Saudou-te o arrebol!

Eras a mais formosa,  
Perdeste teu odor ;  
Pobre, não comprehenderam  
Tuas falas de amor.

Não quiz a meiga briza  
Teus encantos beijar,  
Não quiz a rubra aurora  
Teus risos namorar.

Pobre de minha rosa,  
Só eu na vida te amei!  
Murchaste, ó pobresinha,  
Eu contigo murchei!

---

## ALTA NOITE

POESIA DE J. NORBERTO

Alta noite! Tudo dorme...  
Tudo é silencio na terra,  
Nem se quer nos ares erra  
Negro mocho gemedor!  
Oh! que horas tão propicias  
Para quem geme de amor.

Sob a avara gelosia  
De seu bem caro adorado,  
Ancioso o praso dado  
Espera o teu amador!  
Vem saudosa e grata amante,  
Que por ti suspira amor!

Leonor, meu doce anjo,  
Vê que sôa a hora primeira,  
Vem pela vez derradeira  
Abraçar o teu cantor ;  
Em teus braços ache a vida  
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a morte,  
E esta vida tão amada,  
Ao cruel golpe da espada  
Vou por ti contente expôr ;

Oh! por mim seja o triumpho,  
Que por ti é meu amor.

Já se abre a gelosia,  
E' hora da despedida...  
Podesse aqui minha vida  
Findar da saudade a dôr!  
Vem saudosa e grata amante,  
Tua porta abrir a amor!

---

## O AUGMENTO DAS PASSAGENS

Foi um Passos na Estrada de Ferro,  
Não sei se erro por idéas minhas,  
Quem inventou estes soberbos planos  
Dos suburbanos comerem dobradinhas.

Se já viviamos todos na *opulencia*,  
Temos agora mais esta vantagem :  
De esperar no ponto da paciencia,  
Ou pagar os tresentos da passagem.

### ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!  
A portinhola dos bilhetes sempre aberta!  
Ah! ah! ah! ah!  
Em todo caso é o pobre quem se aperta.

Dusentos réis nos custa uma passagem!  
 Dusentos réis nos custa uma passagem!  
 De segunda! de segunda! de segunda!  
 Felizes somos não irmos na bagagem̄.

Assim, viva quem póde...

Quem póde, olé, olé!

Quem não póde vai mesmo a pé!

Pé, pé, pé, pé!

A pé, a pé!

Quem não póde vai mesmo a pé!

A pé, a pé!

Certas familias que habitam Engenho-Novo  
 Dizem que a cousa amarga como fel;  
 Que é muito castigar assim o povo,  
 Preferem bond de Villa Izabel.

Desde então o gerente d'esta linha  
 Vai depressa, contente, sem receio,  
 Felicitar o Passos da Estrada  
 Por seus bonds andarem sempre cheios.

#### ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!

A portinhola dos bilhetes sempre aberta! etc.

Tem muita graça um tal abatimento  
 De cinco por cento para o nosso futuro,  
 Nos taes passes de primeira ou de segunda,  
 Quer a gente embarque ou não, lá vai o furo!

Esta moda de andar furando os passes  
Eu não creio que sejam bagatelas ;  
Se a gente um dia não embarca, fica em casa,  
No outro dia leva duas furadelas.

## ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!

A portinhola dos bilhetes sempre aberta! etc.

Certos rapazes que andavam de primeira,  
A namorar na alegria a mais profunda,  
Hoje os vejo de cabeça abaixadinha,  
Atraz da porta n'um cantinho da segunda.

Na Central elles fazem uma tramoia :  
Passam depressa para o carro de primeira ;  
Desembarcam fumando um bom charuto  
Com o passe da segunda na algibeira.

## ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!

A portinhola dos bilhetes sempre aberta! etc.

As operarias da Imprensa Nacional  
Que por seu mal habitarem no suburbio,  
Vão para seus affazeres satisfeitas,  
Sem receiarem no trem qualquer disturbio.

Mas se o itinerante é cabra engrossador,  
E um namoro quer já ferrar com ellas,  
Se dão corda, passam logo de carona,  
Se não dão, tem de levar as furadelas.

## ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!  
 A portinhola dos bilhetes sempre aberta! etc.

Em certo dia embarcou na Piedade  
 Um gordo abbade que a meu lado se assentou,  
 Mas de comprar esquecendo o seu bilhete  
 Não quiz a multa pagar e protestou.

Fis o tal facto alarmando os passageiros,  
 Pois que ninguem esperava por aquella,  
 O doutor Passos foi logo excommungado,  
 E o .reverendo gemeu na furadela.

## ESTRIBILHO

Ah! ah! ah! ah!  
 A portinhola dos bilhetes sempre aberta! etc.

## LUA DA ESTIVA NOITE

TRADUCÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

Lua da estiva noite,  
 Que surges no horizonte :  
 Vai por além do monte  
     Cahir! cahir! cahir!

Avirgem dos meus sonhos  
Não vês dormir!  
Dormir!

Vento da estiva noite,  
Que andas soprando as vagas,  
Vai nas remotas plagas  
Rugir! rugir! rugir!  
A virgem dos meus sonhos  
Não vês dormir!  
Dormir!

Sonho da estiva noite,  
Visão suave e bella,  
Vem sobre a fronte della  
Sorrir! sorrir! sorrir!  
A virgem dos meus sonhos  
Não vês dormir!  
Dormir!

---

## A MULHER É UM DIABO DE SAIAS

A mulher é um diabo de saias,  
Que nasceu para os homens tentar!  
E' perversa, é maldosa, e tem labia  
Que nos faz a cabeça gyrrar.

Sob as manhas de arteira amestrada,  
Com seu modo sereno e pacato.

Tem as unhas tão bem afiadas,  
Que fariam inveja ás do gato.

Se em solteira a mulher é de força,  
Quando casa, mais facil nos logra!  
Mas, nem mesmo o diabo lhe escapa,  
Se ella chega a ter nome de sogra!

Se o marido, — esse pobre pateta —  
Não a engrossa de noite e de dia,  
Ella finge uns ciumes grotescos,  
E põe tudo em medonha airelia!

Vendo o homem que a bicha esbraveja,  
Que o seu nome na honra periga,  
O remedio que tem é vestir-se,  
E ir sahindo, sem mais, de barriga.

Se, porém, o marido, mais calmo,  
Vai falar-lhe de amor, de paixão,  
Ella diz que se deixe de agrados  
E que bote p'ra casa o feijão!

Não tem alma a mulher, meus amigos!  
Vêde aquella de olhar meigo e atro!  
Se lhe acolhes um riso fingido,  
Amanhã 'stás andando de quatro!

Um conselho : fugi da serpente,  
Que o basbaque sómente venera!  
Mas se queres á força uma esposa,  
Vai buscar no deserto uma féra.

## A MULATA

POESIA DE MELLO MORAES FILHO

Eu sou mulata vaidosa,  
Linda, faceira, mimosa,  
Quaes muitas brancas não são !  
Tenho requebros mais bellos ;  
Se a noite são meus cabellos,  
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,  
Fina, tão alva, arrendada,  
Treme-me o seio moreno :  
E' como o jambo cheiroso,  
Que pende ao galho frondoso  
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinellinha,  
Quem vâa mais levesinha,  
Mais levesinha do que eu?...  
Eu sou mulata tafúla ;  
No samba, rompendo a chula,  
Jámais ninguem me venceu !

Ao afinar da viola,  
Quando estalo a castanhola,  
Ferve a dança e o *desafio* ;  
Peneiro n'um molle aneio,

Vou mansa n'um bamboleio  
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,  
Sendo de todos captiva,  
Demoro os olhares meus ;  
Mas, se murmuram : « maldita !  
Bravo, mulata bonita ! »  
Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da japella  
Me atiram cada olhadella,  
*Ai dá-se!* mortas assim...  
E eu sigo mais orgulhosa,  
Como se a cara raivosa  
Não fosse feita p'ra mim.

Na frente, ainda que baça,  
Me assenta o torço de cassa,  
Melhor que c'rôa gentil ;  
E eu posso dizer ufana,  
Que, qual mulata bahiana,  
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados  
Trago coraes engrazados,  
Contas d'ouro e coralinas ;  
Prendo meu pano á cintura,  
Que mais realça á brancura  
Das saias de rendas finas.

Se arde um desejo agora,  
De meus affectos senhora,

Sei encontral-o no amor ;  
Minh'alma é qual borboleta,  
Que vôa e vôa inquieta  
Pousando de flôr em flôr.

Meus brincos de pedraria  
Tombam, fazendo harmonia  
Com meu cordão reluzente ;  
Na correntinha de prata,  
Tem sempre e sempre a mulata  
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,  
Que assim se passa esquecida  
De tudo que é triste e vão :  
Um *dito* repenicado,  
Um mimo, um riso, um agrado,  
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha .  
Só a mulata é rainha,  
Meiga a mostrar-se de novo ;  
De minha face ao encanto,  
Vai-se o fervor pelo santo,  
P'ra o santo não olha o povo!...

Minha existencia é de flôres,  
De sonhos, de luz, de amores,  
Alegre como um festim !  
Escrava, na terra um dono,  
Outro no céu sobre um throno,  
Que é meu Senhor do Bomfim !

Na frente, ainda que baça,  
Me assenta o torço de cassa  
Melhor que c'rôa gentil ;  
E eu posso dizer ufana,  
Que, qual mulata bahiana,  
Outra não ha no Brazil.

---

## MORENA, TEUS OLHOS

POESIA DE ED. VILLAS BOAS

Morena, teus olhos  
Têm luz scintillante;  
Nos labios teus brincam  
Mil beijos de amante :  
Asylas as graças  
No lindo semblante,  
Mas, ah! deu-te amor  
Farpão penetrante...

Moréna travessa,  
D'onde é que vieste?  
Sem dó, no meu peito,  
Que golpe me déste!...  
Quando eu te julgava  
Divina, celeste,  
Assim teu escravo  
Cruel me fizeste!...

Oh linda morena,  
Qual raio fugaz,  
Por onde tu passas  
Conturbas a paz...  
Teu rir feiticeiro  
Se amantes mil faz,  
No teu peito ha gêlo  
Que a morte lhes traz :

Os homens seduzes  
Por mago condão,  
Depois que os captivas  
Lhes foges então!...  
Assim foi comigo,  
Que ardo em paixão ;  
Depois que fugiste  
Com meu coração !

Aos astros, ás flôres,  
A tudo que existe,  
Pergunto, ó morena,  
Pr'a onde fugiste...  
Não já venturoso,  
Não qual tu me viste ;  
Porque tua ausencia  
Me faz hoje triste.

Morena travêssa,  
Morena formosa,  
Esbelta, faceira,  
Querida e saudosa !  
Ah ! vem, não te occultes,  
Vem terna e amorosa

Esta minha vida  
Fazer venturosa!

---

## SAUDADE

POESIA DE ED. RIBAS

Vem, meu anjo, qu'eu não posso  
Viver n'este ermo sem ti,  
Vem, meu anjo ; se não vôas  
Pensarei que te perdi.

Tu já sabes quantas magoas  
Uma saudade contém ;  
Ah ! são muitas, sinto-as todas,  
Vem, meu anjo, corre, vem.

Aqui n'esta soledade  
Cada flôr é tua imagem,  
Cada murmurio um suspiro,  
Cada gemido uma aragem.

Vejo em tudo a tua sombra,  
Mas eu hamo-te e não falas !  
Vem, meu anjo de ternura,  
Qu'estas flôres te são galas.

---

## SOBRE O MAR

Sobre o mar de eterno amor,  
Na barquinha da Esperança,  
Eu quero, gentil criança,  
Ir contigo onde ella fôr!  
Não tenhas medo de escolhos,  
Que serei mesmo o barqueiro,  
Por pharol tendo teus olhos,  
Tendo Deus por timoneiro!

## ESTRIBILHO

Gentil moreninha,  
Corramos ao mar,  
Na minha barquinha,  
A' luz do luar.

Da véla soltando o panno,  
Aos frescos beijos da briza,  
Verás como ella deslisa  
No manto azul do oceano.  
No largo traço argentino  
Que ella extender na passagem,  
Do nosso amor o destino  
Tu has de ver na miragem!

## ESTRIBILHO

Gentil moreninha, etc.

Anda!... Vem!... Tudo convide!...  
Lua cheia!... céu azul!...  
As auras sopram do sul!  
Não te demores, querida!  
A minha barca é segura,  
Dormirás em meu regaço!  
Pr'a conter nossa ventura  
Só no mar encontro espaço!

## ESTRIBILHO

Na praia, anciosa,  
A minha barquinha  
Te espera garbosa,  
Gentil moreninha.

---

## UM MYSTERIO

POESIA DE ALBANO CORDEIRO

Em noite medonha  
Que os raios cruzavam,  
E os ventos lutavam  
Com ondas do mar;  
    Meu peito saudoso  
    C'um rosto formoso  
    Brincava a sonhar.

A lua tranquilla  
Das ondas se erguendo,  
E os raios detendo  
C'um meigo volver ;  
    Calmou da tormenta  
    A furia cruenta,  
    Mas fez-me gemer.

Senti na bonança  
Cruel désventura,  
Provei a amargura,  
Que amor recordei ;  
    Mas foi por aquella  
    Que outr'ora tão bella  
    Gostoso adorei.

A lua piedosa,  
A face cobrindo,  
Ao céo foi subindo  
Com dôce langôr...  
    E o céo puro e santo  
    Juntou-se a meu pranto,  
    Calmou minha dôr.

---

## DORME, DORME, Ó MORENA

POESIA DE J. J. ALVES

Dorme, dorme, ó morena,  
O somno da eternidade!  
Que só deixaste ao esposo  
A triste dôr da saudade.

Roubou-me a Parca tyranna  
O meu mais caro penhor,  
Com elle a flôr dos meus dias,  
Minha vida e meu amor!

Que sorte desventurada  
Traz meu pranto em amargura!  
Dorme, dorme, ó morena,  
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares  
Envolto com o meu soffrer,  
Passarei contente a vida  
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires  
Repassados de ternura,  
Dorme, dorme ó morena,  
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena,  
Descançada d'este mundo,  
Fico só em cruel luta  
Com este ardor tão profundo.

---

## E AQUI... BEM VEJO A CAMPA

POESIA DE LAURINDO RABELLO

E' aqui!... bem vejo a campa  
Onde jazem meus amores,  
O perfume de su'alma  
Inda sinto nestas flôres.

*Aqui nasceram saudades  
Plantadas por minha mão,  
Nasceram — devem regal-as  
Pranto do meu coração.*

Pranto amargo de minh'alma  
Orvalhe bem estas flôres...  
Verta aqui saudosa magoa  
Que sinto por meus amores.

*Aqui nasceram, etc.*

---

## TYRANNA

POESIA DE CASTRO ALVES

Minha Maria é bonita,  
Tão bonita assim não ha ;  
O beija-flôr quando passa  
Julga ver o manacá.

Minha Maria é morena  
Como as tardes de verão :  
Tem as tranças da palmeira  
Quando sopra a viração.

Companheiros ! o meu peito  
Era um ninho sêm senhor;  
Hoje tem um passarinho  
P'ra cantar o seu amor.

Trovadores da floresta !  
Não digam a ninguém, não !...  
Que Maria é a baunilha  
Que me prende o coração.

Quando eu morrer só me enterrem  
Junto ás palmeiras do val,  
Para eu pensar que é Maria  
Que geme no taquaral...

---

## VEM

Vem ver como é doce,  
Por noite saudosa,  
A voz tristorosa  
De um terno violão!  
A lua, em quebrantos,  
Inspira divina!  
A dôr é que ensina  
Gemer na canção!

Talvez, repousando  
No flácido leito,  
Emquanto meu peito  
Lacera-se aqui,  
Nem penses que existe  
Na terra, exilada,  
Um alma prostrada,  
Que morre por ti!

Gemi todo o dia  
Por ver-te, penoso,  
E agora, saudoso,  
Descanto de amor!  
Oh, dá-me um sorriso  
Dos labios sómente...  
Talvez acalente  
No peito esta dôr!

A lua, em quebrantos,  
Inspira divina!  
A dôr é que afina  
Meu triste violão!  
Vem ver como é doce  
Achar quem acoite  
No meio da noite  
Do bardo a canção!

---

## VINGANÇA

Se muito te adoro, se peno, se soffro,  
Prementes angustias de insana paixão,  
Das turbas estultas as magoas occulto,  
Não quero do vulgo me expor á irrisão.

Lamentos, queixumes de amor desditoso,  
Dolencias, torturas de celico amor,  
Não podem casar-se co'as vozes mundanas...  
Só posso, só devo contal-as á dôr!

E nem a ti mesmo, que és causa dos males  
Que vão-me a existencia bem breve acabar,  
A ti, a quem sagro ferventes extremos,  
Não quero, importuno, martyrios contar!

Bafeja os tormentos que soffro, calado ;  
Bemdicta esperança de as magoas findar,

Que a morte piedosa tem mais caridade...  
Bem cedo os meus dias virá rematar.

---

## ACORDA

Vem ouvir a voz queixosa,  
Minhas trovas vem ouvir!  
Geme a lyra suspirosa...  
Não são horas de dormir!

Ouve o canto triste e rude  
Do teu rude trovador!  
São as notas do alaúde  
Quando o punge antiga dôr!

São as horas encantadas  
De falar do nosso amor!  
As estrellas, namoradas,  
Se namoram no fulgor.

Olha o mar na rocha erguida  
Dando um beijo com fragor!  
Só não tens pena, querida,  
Do inditoso trovador!

Ama tudo cá na terra,  
Lá nos céos, com mais ardor!

Todo o peito amor encerra,  
Que é da vida sem o amor?!

## ESTRIBILHO

Vem, com um beijo meigo e terno  
Dar alento ao trovador!  
Eu te juro amor eterno...  
Vem jurar-me eterno amor!

---

## O BEMTEVI

POESIA DE MELLO MORAES FILHO

A' sombra frondosa de enorme mangueira,  
Coberta de flôres, da tarde ao cahir,  
A virgem dos campos, morena, garbosa,  
Contava ao amante meiguices a rir.

O céu era bello! Na beira da estrada  
Cantava o *encontro* nas noites de ipé!  
E os olhos da virgem tornaram-se languidos,  
E os labios mais rubros que o rubro café.

E qual uma flecha que envia o selvagem,  
Um'ave n'um ramo, n'um galho pousou!...  
E o joven dizia palavras mais ternas,  
E a virgem mais ternas venturas sonhou.

—« Sederes-me um beijo, trigueira, em minh'alma  
Terás sempre affectos, delirio, paixão!  
No pouso, uma rêde de pennas, bem feita,  
Na minha viola, saudosa canção... »

Depois d'esse beijo, talvez que o primeiro,  
Não sei que mysterio passara-se ali :  
Cobrira a trigueira, vexada, o semblante,  
E a ave, voando, gritou : — Bem-te-vi!

A' sombra frondosa de enorme mangueira,  
Coberta de flôres, da tarde ao cahir,  
A virgem dos campos, morena, garbosa,  
Contava ao amante meiguices a rir.

---

## ULTIMA ESPERANÇA

Já perdi toda esperança  
De vencer o teu rigor;  
Este peito não se cansa  
De jurar-te infindo amor!

Tenha embora um outro a palma,  
Bemdirei o meu soffrer!  
Este amor que punge n'alma,  
Morrerá quando eu morrer!

Teu falar arrouba a mente,  
Teu sorrir tem seducção!  
Teu andar machuca a gente...  
Faz captivo o coração!

Mas dos olhos tenho medo,  
Fujo delles com pavor!...  
Ai! não mates já tão cedo  
Teu magoado trovador!

Gyra, incerto, o pensamento,  
Desde a tarde em que te vi!  
Este peito, em desalento,  
Só respira junto a ti!

Geme o bardo, teu captivo,  
Dos fulgores desse olhar!...  
E'-me a lyra um lenitivo...  
Deixa a lyra soluçar!

Minhas trovas sem poesia,  
Não te inspiram compaixão!  
Quem me déra uma harmonia  
Que te fosse ao coração!

Mas o peito não se cansa  
De jurar-te amor sem fim!  
Ai! morreu minha esperança!...  
Quanto é triste amar-se assim...

## A CRIOULA

Não faz-me inveja a mulata  
Nem a branca brasileira,  
Porque não têm mais encantos  
Do que a crioula faceira.

Quando caio  
N'um fadinho,  
Trago o branco  
No beicinho.

Meus olhos também desprendem  
A luz que os peitos maltrata;  
Por isso a branca me odeia,  
Me odeia a fatua mulata.

Esses odios,  
Não sou tola!  
São inveja  
Da crioula.

Eu ando por essas ruas  
Com toda a seriedade,  
Picantes ditos ouvindo  
Dos labios da mocidade!

Homens velhos,  
Graves, serios,

Me sacodem  
Seus dicterios.

Pois sendo preta *retinta*,  
Mais preta que a escuridão,  
Conheço os castos amores...  
Sou branca de coração!

Mesmo a boa  
Da senhora,  
*Xinga* o amo  
Que me adora!

Se valso, sou qual gaiivota  
Que á flôr dos mares deslisa,  
Pois meu pésinho mimoso  
O chão da sala mal pisa.

Geme a flauta,  
Soluçando,  
Já não danso...  
Vou voando.

Eu canto as minhas modinhas  
E disso muito me ufano,  
Melhor que a dona prendada  
Cantando ao som do piano.

Geme e chora,  
Coração,  
Nos quebrantos  
Do violão.

## A VIDA É UM SONHO

A vida é um sonho,  
Ligeira passagem,  
Que traz a imagem  
De doce illusão ;

A cova no chão  
Jazigo final,  
E' negro signal  
P'ra meu coração.

Se ouço na matta  
Cantar uma ave,  
Bem doce, suave,  
Trinando amorosa...

Eu sinto orgulhoso  
Meu peito pulsar,  
E devo adorar  
A um Deus poderoso.

Se vejo no bosque  
Soberba cascata  
Surgindo da matta  
Mostrando a natura ;

Eu vejo bem perto,  
Bem junto de mim,

A triste sem fim  
Final sepultura.

Eu amo, não nego,  
Porém eu não devo,  
No alto relevo  
Tirar uma flôr.

Tributo d'amor,  
Amor e respeito  
Exhala em meu peito  
Ferido de dôr!

---

## MINHA VISINHA

Gosto de ouvil-a cantar,  
Canta como um avesinha  
A minha bella visinha  
Que móra no outro andar.

Inda ao longe vem a aurora,  
Inda não rompeu o dia,  
Canta como a cotovia  
Uma canção tão sonora.

Seu canto prende e remoça  
E traz á gente a lembrança

Do tempo que era creança  
Desses bons tempos da roça!

Do tempo em que se escutava  
Do monjóllo a voz tão longa...  
E na mata se apanhava  
A jurity, a araponga!

Ao ouvir essa harmonia  
Pelo canto esqueço tudo,  
Eu fico abstracto, mudo,  
Nem sei porque tal magia!

Ouvindo o canto argentino  
Da minha alegre vizinha,  
Renasce a alegria minha,  
N'aquelle trinar divino!

---

## A DUAS FLÔRES

POESIA DE CASTRO ALVES

São duas flôres unidas,  
São duas rosas nascidas  
Talvez no mesmo arrebol,  
Vivendo no mesmo galho,  
Da mesma gotta de orvalho,  
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas  
De duas azas pequenas  
De um passarinho do céu...  
Como um casal de rolinhas,  
Como a tribu de andorinhas  
Da tarde no frouxo véo.

Unidas, bem como os prantos,  
Que em parelha descem tantos  
Das profundezas do olhar...  
Como o suspiro e o desgosto,  
Como as covinhas do rosto,  
Como as estrellas do mar.

Unidas... Ai! quem pudera  
Numa eterna primavera  
Viver qual vive esta flôr!  
Juntar as rosas da vida  
Na rama verde e florida,  
Na verde rama do amor!

---

## AS BAHIANAS

POESIA DE TITO LIVIO

São astros luzentes, são linda estrellas  
Os anjøs formosos da minha Bahia ;

Os olhos se quebram, meu Deus, que ternura!  
Se vivos fascinam, qual astro do dia.

Seus risos são flôres cahidas do céu,  
Em labios formados de fino coral;  
Que enfeitam as lyras dos nossos poetas,  
Que ornam seus cantos com voz divinal.

Quem ha que escutando seu canto melifluo  
Não julgue expandir-se n'um céu de prazer,  
Com os ternos arroubos da voz argentina  
Os anjos bahianos nos fazem morrer.

São meigas no gesto, na fala sonoras,  
Resaltam no todo encantos a mil;  
A fina cintura se move em volupia  
Aos lindos requebros do corpo gentil!

Se o negro das tranças, exparsas no collo,  
Contrasta do jambo o mimo da côr;  
Se flôres se abrem em campo de jaspe,  
As minhas patricias são mimos de amor.

## ESTRIBILHO

Quem ha que escutando, etc.

Uns olhos travessos que o fogo dos tropicos  
Exprimem ardentes no magico olhar,  
Plantados em rosto de côr mcreninha,  
Quem ha que as bahianas não ha de adorar?

As flôres que exhalam suaves aromas,  
Que em muda linguagem nos falam d'amores,

Têm magos encantos, têm mil attractivos,  
Porém das bahianas não têm os primores.

## ESTRIBILHO

Quem ha que escutando, etc.

---

## ÉS MARILIA

E's Marilia tão bella e formosa!  
Eu te adoro inda mais do que a vida!  
Só por ver tua face mimosa,  
Trago est'alma de dôr opprimida.

Um momento, sequer, não me esqueço  
Do teu riso e olhar prazenteiro!  
Esse premio de amor não mereço,  
Consagrando-te amor verdadeiro!

Desfructando o sublime do amor,  
Eu comtigo só quero viver!  
Pois no mundo acharei mais sabor,  
Se teus mimos, meu bem, merecer!

Mas espero que tu, flôr galante,  
Não me negues um riso de amor!  
Vem ao menos um rapido instante  
Moderar no meu peito esta dor!

---

## A CONCHA E A VIRGEM

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Linda concha que passava,  
Boiando por sobre o mar ;  
Junto a uma rocha, onde estava  
Triste donzella a pensar ;

Perguntou-lhe : — Virgem bella,  
Que fazes no teu scismar ?  
E tu, pergunta a donzella,  
Que fazes no teu vagar ?

Responde a concha : — Formada  
Por estas aguas do mar,  
Sou pelas aguas levada,  
Nem sei onde vou parar !

Responde a virgem sentida,  
Que estava triste a pensar :  
— Eu tambem vago na vida,  
Como tu vagas no mar !

— Vais d'uma a outra das vagas,  
Eu d'um a outro scismar ;  
Tu indolente divagas,  
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,  
Eu, onde me leva Deus :  
Buscas a vida, — eu a morte ;  
Buscas a terra, eu os céos !

---

### CANÇÃO DO TROVADOR

Trovador, o que tens, o que soffres,  
Porque choras com tanta afflicção ?  
O teu pranto assás me compunge,  
Trovador, ah ! não chores mais não !

Se acaso a mulher que tu amas  
Te tratou com acerbo rigor,  
Trovador, ah ! por isso não chores,  
Oh ! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é a nuvem,  
Que o vento a impelle no ar ;  
O amor da mulher é voluvel,  
E' tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é um fragil,  
Pequenino, adoudado batel,  
Que vagueia sem norte e sem rumo,  
Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é luzerna,  
N'uma noite d'inverno a luzir ;  
E' estrella no céu entre nuvens  
Que a furto se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,  
Tem maneiras que sabem levar...  
Mas no meio de seus attractivos,  
A mulher tem o dom de enganar!

Um exemplo tu tens em Helena  
Que os muros de Troia abateu,  
Que infida deixando o consorte,  
Para os braços de Páris correu.

A mulher tem feitiço nos olhos  
E nos labios veneno lethal,  
A mulher nos illude chorando  
E sorrindo nos crava o punhal.

O amor da mulher, como a rosa,  
Desabrocha, mas logo fenece :  
A quem hoje a mulher idolatra,  
Amanhã, menospreza e aborrece.

Trovador, ah ! esquece essa ingrata,  
Não mendigues a sua affeição ;  
Oh ! despreza a quem te maltrata,  
Não suspires por ella, mais não !

## A MARREQUINHA

POESIA DE F. PAULA BRITO

Os olhos namoradores  
Da engraçada yáyásinha,  
Logo me fazem lembrar  
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Se dansando á brazileira,  
Quebra o corpo a yáyásinha,  
Com ella brinca pulando  
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa,  
Pequenina e redondinha,  
Não diz que conserva presa  
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada  
Não ha bagre e nem tainha,  
Ahi foi que ella criou  
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,  
Tão jururú... coitadinha!  
Quasi que morre de sede  
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

## DESALENTO

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Quando eu morrer, minha morte  
Não lamentos, caro amigo,  
Que o sepulchro é um jazigo  
Onde eu devo descansar ;  
A minha triste existencia  
E' tão pesada, é tão dura,  
Que a pedra da sepultura  
Já não me póde pesar.

Um soluço, um suspiro,  
Eis quanto custa o morrer ;  
Custa-nos sempre o viver,  
Prantos, suspiros sem fim !  
Que tormento fôra a vida  
Se não fosse transitoria !?...  
Não me risques da memoria,  
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,  
Mais ninguem delle se queixa ;  
Quando o morto os olhos fecha,  
Não quer luz — quer descansar ;  
Aquelle fundo silencio,  
Aquelle extremo abandono,

Dão-lhe tão profundo somno  
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,  
Agora tenho da vida ;  
Sinto minha alma abatida,  
Sem vigor o coração ;  
Já cansado de viver  
Para a morte os olhos lanço,  
Vejo nella o meu descanso,  
A minha consolação.

---

## O SELLO

LUNDÚ

Que festança na cidade  
Deste Rio de Janeiro !  
As portas estão fechadas  
Das casas de sapateiro.

Tem feito grande successo  
Esse imposto tão falado !...  
E' grande o nosso progresso,  
Deve dar bom resultado.

Diz o fino fabricante \*  
Que o sello é muito pesado,

Não sei porque, pois do povo  
E' que sahe esse cruzado.

Anda o povo cabisbaixo,  
Pede ao governo soccorro,  
Por ver que breve andaremos  
Com sapatos de cachorro.

Pois muito breve veremos  
Mulatos, pretos e brancos,  
De casaca e de cartóla,  
Arrastando seus tamancos.

Tambem paga seu imposto  
De facil vida a mulher :  
Leva o sello em certa parte,  
Que não devo aqui dizer.

A que tiver seu cachorro,  
Bello, manso e felpudinho,  
Deve pregar-lhe um bom sello  
Bem na ponta do focinho!

Com chapéo nacional  
Ou mesmo vindo da Europa,  
Paga multa quem andar  
Sem ter um sello na cópa.

Por isso o Jacintho Lopes,  
Que não é de caçoada,  
Já fez com que seus freguezes  
Andem de cópa sellada.

E dizem que os congressistas,  
Profectos homens, honrados,  
Nos querem tambem dar *sellos*,  
Porque só andam *sellados*.

---

## NINGUEM

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA

Quando estou c'o a minha amada,  
Quer a veja passeando,  
Quer em pé, quer assentada,  
Quer sorrindo, ou quer falando,  
Minh'alma magnetisada  
A vai sempre acompanhando.  
    A mago influxo  
    Obediente,  
    Ao seu capricho  
    Só pensa e sente.

Vós que sobre a terra amais  
    Mortaes ;  
Vós anjos, que amais nos céos,  
    A Deus ;  
Vós, que de amor entendeis ;  
    Sabeis  
Se eu posso amar inda mais...  
Se eu não posso, póde-o alguém ?  
    Ninguem !

Quando ella ao som do piano,  
Que ao toque suave geme,  
Das harmonias o arcano  
Revela na voz extreme,  
Minh'alma como o oceano  
Se espraia a ouvil-a e treme.  
De cada nota  
Que vai fugindo,  
E'cho é minh'alma  
Que a vai seguindo.

Vós que sobre a terra, etc.

---

## MATER DOLOROSA

POESIA DE G. CRESPO

Quando se fez ao largo a nave escura,  
Na praia essa mulher ficou chorando,  
No doloroso aspecto figurando  
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura,  
Das gementes alcyones o bando  
Via-se ao longe, em circulos, voando  
Dos mares sobre a cerula planura.

Nas ondas se atufara o sol radioso,  
E a lua succedera, astro mavioso,  
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta  
Que o sol morrera, e que o luar desponta,  
A vista embebe na amplidão das vagas.

---

### SAUDADES DE MAURA

Tenho saudades de Maura,  
De Maura terna e formosa,  
Daquelle tempo de amores,  
Daquella quadra saudosa.

Tenho saudades dos beijos  
A' luz da lua furtados!  
Das brisas que doudejavam  
Por seus cabellos dourados!

Tenho saudades da choça,  
Mimoso ninho de amores...  
Onde se ouviam descantes  
Dos roceiros trovadores!

Tenho saudades da lua,  
Que lhe escutava os queixumes,

Quando a viola chorava  
Por entre agrestes perfumes!

Tenho saudades das flôres,  
Debruçadas na janella,  
Do seu banquinho ao terreiro...  
De tudo quanto era della...

De sua canção plangente  
Que a meiga esp'rança restaura...  
De Maura tenho saudades...  
Tenho saudades de Maura!

---

## OH SORTE MINHA CRUEL

Oh sorte minha cruel,  
Vem meus dias terminar,  
Já que Jonia, por quem morro,  
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo  
De a gozar,  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

Um momento de prazer  
Bem merece o trahidor,

Que só tem por ti soffrido  
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo  
De a gozar,  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

Céos, oh céos! por piedade  
Arrancai meu coração,  
Que sumiu-se a minha estrella  
Nas nuvens da ingratidão!

Só o desejo  
De a gozar,  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

---

## GOSTO DE TI

Gosto de ti, porque gosto,  
Porque meu gosto é gostar ;  
Mas tu de mim não te lembras...  
Por que me fazes penar?

Ausente de ti, distante,  
Não posso a vida soffrer :

Sentindo tantas saudades,  
Como é possível viver?

Gosto de ti, por que te amo,  
Porque meu gosto é te amar,  
Mas não te lembras, ingrata,  
Que eu vivo longe a penar!

A's noites passo velando,  
Os dias passo a gemer!  
Sentindo tantas saudades  
Como é possível viver?

Que tu me estimes devéras  
Meu coração não mais crê...  
Gosto de ti, porque gosto,  
Sem mesmo saber porque.

---

## QUANDO OS CÉOS DAO

EM TEUS LABIOS

Quando os céos dão em teus labios  
Terno riso encantador,  
Sinto quão doce é-me a vida,  
N'um teu riso, anjo de amor.

Sem ti são triste meus dias,  
Duro e penoso o viver ;

Junto a ti, preso a teus braços,  
Viver quero até morrer.

Os laços com que me prendes  
Mais e mais quero apertar ;  
Não é crime, antes virtude  
Sempre firme te adorar.

Vem, ó morte, embora um dia  
Sobre mim seu furor farte,  
Morto, extincto no sepulchro,  
Este peito inda ha de amar-te.

E' minha sina adorar-te  
Embora sejas perjura,  
Que ao meu amor não esmaga  
A pedra da sepultura.

Póde o gelo do sepulchro  
Tirar da vida o calor,  
Mas n'um peito firme, amante,  
Apagar não póde amor.

---

## O VAGABUNDO

Confessa, com lealdade,  
Se tu me tens amizade,

Ou se não me tens amor,  
O' flôr.

Eu vou dizer-te um segredo,  
Mas olha que eu tenho medo  
Que o contes a teu papá...  
Vê lá!

Eu amo-te ardentemente,  
E juro-te amar sómente,  
Que o terno coração meu  
E' teu.

Cercado de moças bellas,  
Jámais faço caso dellas...  
Não acho prazer alli  
Sem ti.

Ai, deste amor não me esqueço!...  
Distante de ti, padeço  
Tormentos desta paixão,  
Vulcão.

Eu juro que não te minto,  
Só digo aquillo que sinto...  
Tem fé nos protestos meus,  
Por Deus.

Sou franco... Sou verdadeiro...  
Não julgues-me interesseiro  
Nem um momento, sequer,  
Mulher.

Pois bem. Ouve o meu segredo,  
Mas, nem por sonhos, concedo  
Que o digas a teu papai...

Lá vai.

Por ora estou, não te nego,  
*Quebrado*, sem ter emprego...  
Sem ter um magro vintem,  
Meu bem!

Assim, vagando, erradio,  
O bolso sempre vasio,  
Não tenho onde possa ir  
Dormir!

Nas bellas noites de lua,  
Eu ando de rua em rua,  
Buscando onde possa haver  
Comer.

Mas visto tal circumstancia,  
Entremos em concordancia,  
Agora, feita entre nós,  
A sós.

Accordes bem combinados,  
Modinhas, lundús magoados,  
Serão do meu puro amor,  
Penhor.

Tu n'uma tina lavando!...  
Eu n'um *pinho* dedilhando

N'um terno, n'um meigo tom!  
Que bom!

Arranja-se um bom quartinho,  
Que seja bem baratinho,  
O qual possas sem custar,  
Pagar.

Quando a lavagem cançar-te,  
Vou n'uma casa alugar-te...  
Vê lá que bem eu te quero...  
Sincero!

O *pinho* não se consome! ..  
O que é um dia de fome?  
Uma modinha, n'um ai...  
Distrae!

Comprarei com teu dinheiro  
No Belchior um fato inteiro...  
Botinas, chapéo tambem,  
Meu bem.

Se alguém vier perguntar-te  
Qual é meu officio ou arte,  
Dirás que sou, minha flôr,  
Doutor!

Se acceitas a condição,  
Se *chocas* um bom violão,  
P'ra nós tudo prompto está...  
P'ra já!

Senhores meus, confessae,  
Se algum dentre vós é pae :  
Melhor proposta haverá ?!  
Não ha.

---

## AO VER-TE

Eu não sei o que te diga,  
Rapariga,  
Quando lanças-me um olhar!...  
Tua bocca nacarada,  
Perfumada,  
Tem perfumes de matar!

Eu nem sei mesmo o que penso...  
Me convenço  
Que não ha no mundo, não,  
Uma bocca tão formosa,  
Côr de rosa,  
Que mais prenda um coração!

Teu cabello côr da noite  
Fez-se açoite,  
Que fustiga o meu amor!  
Fere, punge, mas ensalma,  
A minh'alma  
Prazenteira sente a dôr!

Quando passas, lá na selva,  
Sobre a relva,  
Onde geme a juryty,  
Batem palmas as palmeiras,  
Prazenteiras,  
Porque passas por alli!

Toda a flora se illumina,  
Na campina  
Lastram flôres todo o chão,  
Quando passa a minha diva,  
Que captiva  
Toda a gente do sertão!

## ESTRIBILHO

Assim como eu te adoro,  
Como eu te choro,  
Na minha dôr,  
Comtigo viver quizera,  
O' primavera  
Do meu amor.

---

## O GIGANTE DE PEDRA

POESIA DE TITJO LIVIO

Lá n'aquelle gigante de pedra  
Que se diz Corcovado chamar,

Quero dar expansão a meu pranto,  
Quero só minhas magoas chorar.

Lá ao menos irei esquecer-me  
Do quem tanto me odeia e maltrata,  
Da donzella qu'assim me despreza,  
Da mulher que sorrindo me mata.

Minhas queixas d'involta c'o as nuvens  
— Subirão á etherea mansão,  
Pois na terra não ha um vivente  
Que console este meu coração.

Quando a lua vier — meia-noite! —  
Do gigante na face beijar,  
Compassiva d'ouvir minhas queixas,  
Lenitivo a meu peito ha de dar.

Deixarei minha pobre choupana,  
O amigo extremoso, o meu lar,  
E descrido do mundo e das cousas  
Hei de minha existencia findar.

---

## AI MORENA

Ai morena,  
E's formosa,  
Tu és formosa, morena ;  
E tua altivez garbosa

Nutre-se sempre serena,  
Ai morena,  
E's formosa.

Ai morena,  
Teu sorriso  
Em teus labios de carmim,  
Vejo que paira indeciso ;  
E julgo ser só para mim,  
Ai morena,  
Teu sorriso.

Ai morena,  
Teu olhar  
Tem scintillações de ardor,  
Que o estro faz vacillar  
E dá ao coração — amor,  
Ai morena,  
Teu olhar.

Ai morena,  
Tua voz  
Tem um tom harmonioso ;  
E quando estamos a sós  
Tem o som mais mavioso,  
Ai morena,  
Tua voz.

Ai morena,  
Tuas faces  
Tem o encanto da rosa ;  
São mais viçosas que alfices

E têm a tez setinosa,  
Teus olhinhos  
Tuas faces.

Ai morena,  
Teus olhinhos  
Têm uma côr desmaiada ;  
São faceiros, pequeninos,  
E deixam a alma prostrada,  
Ai morena,  
Teus olhinhos.

Ai morena,  
E's minh'alma,  
Sem ti não posso viver ;  
A minha fronte tão calma  
Eu sinto desfallecer,  
Ai morena,  
E's minh'alma.

Ai morena,  
Teus cabellos  
Têm uma côr trigueirinha ;  
Seus longos fios singellos  
Prenderam a alma minha,  
Ai morena.  
Teus cabellos.

Ai morena,  
Teu amor  
Eu bem quizera obter,  
E possuir-lhe o penhor ;

Mas é difficil prender,  
 Ai morena,  
 Teu amor.

Ai morena,  
 Teus encantos  
 São bellos, são seductores ;  
 Enchem minh'alma de prantos-  
 Teus attractivos de amores,  
 Ai morena,  
 Teus encantos.

---

## A CRIOULA

PARODIA A' « MULATA » DE GONÇALVES CRESPO

Na roça eu já vi, formosa crioula,  
 Tristonha e sosinha de enxada na mão ;  
 De saia vermelha, já quasi em farrapos,  
 Chorando, coitada, plantando feijão.  
     E chora a crioula  
     Porque o feitor  
 De suas costellas fazia tambor.

Um dia a preguiça lhe deu muito forte,  
 E a pobre coitada não foi trabalhar ;  
 Então o tratante, com voz tenebrosa,  
 Com uivos de féra, se poz a ralhar.

Tremia a crioula  
Porque o feitor  
Armado de relho fazia furor.

Um pobre diabo, que andava a nenhum,  
Cantava modinhas no seu violão,  
E a bella crioula tristonha escutava,  
Mas sem fazer caso do tal toleirão.

E chora a crioula  
Porque sua flôr  
Com muitas promessas colhera o feitor.

E quando surgira formosa a manhã  
O quarto da bella se achava vazio :  
A linda crioula já tinha azulado,  
E lá na fazenda ninguem mais a vio.  
Fugira a crioula,  
E o negro feitor  
Bufava damnado de raiva e calor.

---

## A BAHIANA

Quem poderá resistir  
A's denguiques da bahiana,  
Quando vae-se a sacudir,  
Toda dengue, toda ufana ?

Obtendo da sinhá  
Permissão para sahir,

Nem mais socega ella já,  
Está toda a se brunir!

De renda alva como neve,  
Põe o seu torço com graça ;  
Agitando o braço breve  
Sua béca tambem traça.

Chinellinha repimpada  
Mostra na ponta do pé,  
Com seu bico revirado,  
Que de verniz elle é.

Se bem arrasta, a chinella,  
E as chaves lá vão tinindo ;  
Completa o seu todo bello,  
O tundá, que vae bulindo!

N'esse attractivo tafulo  
Atravessa rua e praça ;  
Deixando de beijo fulo  
A gente por onde passa!

E se um gaiato lhe diz :  
— Minha bahiana, vem cá —  
Logo arribita o nariz,  
Responde : Salta p'ra lá!

Dá meia volta, lá segue,  
Sua ginga vai dobrando ;  
Com graça o seu torço ergue,  
Vai a béca endireitando.

E por fim desaparece  
Qual ephemero meteoro ;  
Quem a viu logo entristece,  
Fica com cara de choro!...

Que não póde resistir-se  
Da bahiana ao requebrado ;  
Pois na rua, a sacodir-se,  
Deixa tudo enfeitado.

---

### CATÊRETÊ

Hoje é dia de ventura,  
Vai chegar nosso doutor ;  
Haja pendega em fartura,  
Muita palma e muita flôr ;  
E com tanta matinada  
Que tres dias vai durar ;  
Ficam moças satisfeitas  
E a *saroca* hão de dansar.

Quebra tudo, bem quebrado,  
Repinica o violão,  
Que um fadinho bem dansado  
Ergue um morto do caixão!

N'estes dias de festança  
Sinto cocegas no pé,

Quando se trata de dansa  
 Não sou *tenente croné* ;  
*Sinhá dona companheira*,  
 Faz favor, venha dansar,  
 P'ra puxar uma feiira  
 Não ha outra no logar.

Quebra tudo, etc.

Mulatinha ! pula e brinca,  
 Meu dengoso coração ;  
 Fórma um peixe de escabeche  
 Com seu molho de limão ;  
 Mulata, meu pesadelo,  
 Talhada de *manué*,  
 Torce a gente um tornozelo  
 Quando dansa com você !

Mulata, minha dondoca,  
 Meu azeite de *dendê*,  
 Anda e gente de matroca  
 Quando dansa com você !

De *masidras*, de *massada*,  
 Com passo de circumstancia,  
 Fica e gente atrapalhada  
 N'um fadinho de sustancia ;  
 Salto, pulo, qual borracha,  
 Viro páo de goiabeira,  
 Sou verruma, sou tarracha,  
 Quando *puxo* uma feiira.

Mulata, minha dondoca, etc.

## BOLINA

Anda a gente pelos bonds  
Sem poder nem se virar,  
Porque grita certa moça :  
Este homem quer bolinar !

Anda a gente pensativa  
Sem poder accommodar-se,  
Esperando a toda hora  
O instante de bolinar-se.

Uma vez ia n'um bond  
Doña Nica satisfeita,  
Quando diz p'ra sua mãe :  
Bolinam para a direita !

— Pois então, ó filha minha,  
Muda já de direcção ; »  
— Não se póde, pois a esquerda  
Me bolina um bilontrão !

Ouvindo isso mãe Gertrudes,  
Dá gritos dilacerantes,  
Exclamando em voz bem forte :  
Senhora dos Navegantes !

Mãe Gertrudes ia num bond  
A falar com seu Armando,

Quando a filha ao lado grita :  
— Mamãe, 'stão me bolinando.

Uma vez, era bem tarde,  
Quando eu ia me deitar,  
Eis que ouço uma voz dizer :  
Olhe, querem bolinar.

Logo corro pressuroso,  
Me dirijo ao tal lugar,  
E outra vez ouço dizer :  
Olhe, querem bolinar.

Espantado, atrapalhado,  
Sem poder a causa achar,  
Por ter sido um grande chuva  
Quem falava em bolinar.

Ora vejam, meus senhores,  
P'ra que a tal cerveja dá,  
Um cachaça já me fez  
Andar d'aquí p'ra acolá.

Diz-se mesmo com recato,  
A qualquer bella menina,  
Não haver um desacato  
Nunca antes da bolina.

Aos queridos da bolina  
Aqui eu venho saudar,  
Não viajeis pelos bonds  
A não ser p'ra bolinar.

## O BEBER

Beber n'uma orgia a fundo,  
E ter quem pague a despeza,  
Nada melhor neste mundo,  
P'ra vos fallar com franqueza.  
E' como ter-se a ventura  
De achar a quem se procura  
Nos sonhos de nossa mente...  
E' mais ainda. E' achar-se  
Um meio de embriagar-se  
De um modo limpo e decente.

Cachaça, vinho e cerveja  
N'um torvelinho sem fim...  
Onde o páo sempre tropeja  
E a cousa vira em chinfrim!  
Um despejar de mil copos,  
Nas *bestias* feitas dos *tropos*  
Mais arrojados e quentes!  
Um esvasiar de garrafas,  
Com taes pifões, taes muafas,  
Que nos prosternam dormentes.

Assim, em lide *farreira*,  
Sem que uma noite se perca,  
A gente vae, de carreira,  
Dar com o costado na cerca!

E' como um barco a bolinha,  
Que molha as velas, se empina  
Ao som da aragem propicia!  
Em busca de mais badernas,  
Vamos, entrando em tabernas,  
Cahir nas mãos da policia.

Beber é viver na chuva,  
Tendo seccas as guelas!  
Ser cacho, encher-se de uva,  
Vinificada em barrela!  
E' sonho doce, illusorio,  
Que cessa com vomitorio  
De tudo quanto se ensacca!  
E' um dansar de paredes  
Que jogam como mil redes  
E pára só com a resaca!

Beber é fechar os olhos  
E resonar sem querer!  
E' como ter-se uns ant'olhos  
Para impedir-nos de vêr!  
E' como... não sei... mas creio  
Que a gente fica tão cheio  
E vê-se forçado á vasa!  
E vae cambando, cambando,  
Por entre as rondas passando,  
Bater ás portas de casa!

Beber assim como eu bebo  
E' muito para um rapaz!...

De mais não é... ora sebo!  
Pois ha quem beba inda mais!  
Mas eu não sei que mysterios  
Nos asteroides sidereos  
Das abluções cosmogonicas,  
Que as illações metaphoricas  
São fulvas bases phosphoricas  
Das faculdades canonicas!

---

## OS OLHOS DE MARILIA

De Marilia os lindos olhos  
São tão gentis, tão formosos!  
Demonstiam tanta ternura  
Taes olhinhos buliçosos!

São pyrilampos errantes  
Por essas noites sem véo,  
Ou estrellas fulgurantes,  
Brilhando no azul do céo!

A natureza primara,  
Melhor inda não fez, não,  
Pondo nessa creatura  
Olhos de tal perfeição!

Ai! morto estou por taes olhos!  
Por elles quero morrer,

Que voltarei breve á vida,  
Se derem meigo volver.

---

### ASSIM

Tu já léste a *Nebulosa*  
Do fluminense cantor?  
Tu não viste a peregrina  
Que matou o trovador?!

Assim, mulher, eu te amo,  
Nos meus martyrios sem fim!  
Não tenhas tal isenção!...  
Meu anjo, tem dó de mim!

A flôr de minha esperança  
Não queiras assim murchar!  
Não te commovem meus prantos?  
Inda me queres matar?

Queres que eu faça em pedaços  
A minha lyra querida,  
Que te diga eterno adeus,  
E, depois, termine a vida?

Que eu morra, porque te amo,  
Não consintas, lindo archanjo ;

Mulher, acolhe os meus ais!  
Tem pena de mim, meu anjo!

---

## ZIZINHA

Ser minha  
Juraste...  
Faltaste  
Zizinha,  
A' jura!  
Mentida,  
Perjura,  
Fingida!

Não cresta  
Essa face...  
Na festa  
Valsaste!  
Dansando  
Qual fada,  
Gyrando  
Enlevada!

Eu vi-te  
Passar,  
E o par  
Te cingia!

Teu rosto  
Formoso  
De gozo  
Sorria!

Eu triste  
Calado,  
Ralado  
De dor!  
Que bem  
Te importavas,  
Valsavas  
Oh! flôr!

E fraco,  
Sósinho,  
Mesquinho  
Chorei!  
Dizia  
Meu pranto  
O quanto  
Te amei!

Assim  
Como a rosa  
Formosa  
Definha...  
P'ra mim  
Feneceste,  
Morreste  
Zizinha!...

---

## O SAPO NA LAGÔA

## I

Eu vivo triste como o sapo na lagôa,  
Cantando triste escondido pelas mattas...  
Para ver se endireito a minha vida  
Vou deixar das malditas serenatas.

## II

Ha sete mezes que não pago o aluguel,  
Mas a chave, sempre vive em minha mão;  
O senhorio quer dinheiro e eu não tenho,  
Desta vez vou parar na detenção.

## III

O meu nome na « Gazeta de Noticias »  
Ainda eu hoje vi bem declarado :  
« Hontem á noite foi preso um vagabundo  
Por estar numa esquina recostado. »

## IV

Eu só tenho um terno no bahú,  
Este mesmo está cheio de *bolô*,  
Até os pratos que eu tinha na depensa  
Tudo isto o senhorio carregou.

## V

A' meia noite, quando eu pego o violão,  
E ponho as cordas no tom bem afinadas,  
Uma garrafa de cachaça vem no bolso  
Para beber com os policias camaradas.

## VI

A vizinha sempre vive me espiando  
Se eu entro pela frente ou pelo fundo;  
Uns me chamam de grande malcriado,  
Outros dizem : é um grande vagabundo.

---

## O GUARANY

Eu sinto aqui no peito  
Extranho fogo arder,  
Mas qual seu nome seja  
Eu não te sei dizer.

Fujamos, vem sem medo  
Viver na solidão,  
Lá, onde pulsa livre  
No peito o coração!

Eu tenho o arco e a flecha!...  
Desterra os sustos teus!  
Eu tenho a clava horrivel  
Terror de imigos meus!

Pavor infundo ás tabas  
Do timido Aymoré,  
Se escuta lá nas brenhas  
Os sons do meu boré.

A vida em minhas selvas  
Tem mais prazer que aqui!...  
Tú lá serás rainha  
Da tribu guaranay.

## ESTRIBILHO

Eu juro!... A tua imagem  
Foi só que me venceu!  
Condoe-te do selvagem,  
Humilde escravo teu!

---

## A MULATA

Ouçõ gabar desde a infancia,  
Como rainha a franceza!  
Seus modos são, seus requebros,  
Requintes de gentileza.

O mundo inteiro apresenta  
Como deusa soberana,  
Dentre todas as mulheres  
A *fancciulla* italiana.

Alguns, porém, que em assumptos  
Do *bello* tem outra eschola,  
Elegem dentre as mais bellas  
A donairoza hespanhola.

A russa, a turca, até mesmo  
A triste, insulsa chineza  
São elevadas ao solio  
Em que preside a Belleza!

Mas eu que adoro a suprema  
Perfeição da deusa ingrata,  
Proclamo como a primeira  
A terna, a doce mulata!

Só ella em horas penadas,  
Da lyra em soccorro vem!  
As trovas que ella me inspira  
Têm o calor que ella tem!

---

## ●MORENA

Eu amo a gentil morena,  
Bella, travessa, elegante,  
De fronte altiva e divina,  
Olhar vivo e penetrante.

Esses teus cabellos pretos,  
Esses olhos scintillantes,  
Fascinam, matam de amores...  
São martyrios dos amantes.

No teu rosto, moreninha,  
Nos teus labios purpurinos,  
Eu vejo brotar as flôres  
Dos teus sorrisos divinos.

Eu quero ver-te sorrindo  
Sempre bella e linda assim,  
Com teus olhos captivantes,  
Com teus labios de carmim.

## ESTRIBILHO

Se fizeres n'um momento  
Mil peccados commetter,  
Pensa em tua formosura  
Que me faz enlouquecer.

---

## TALVEZ NAO CREIAS

Talvez não creias que por ti sou louco,  
Tens feito pouco, por que tu és má ;  
Talvez duvides, mas, donzella, eu juro  
Que amor tão puro como o meu não ha.

Tens feito pouco, porque és vaidosa,  
Tão orgulhosa nunca vi assim ;  
Talvez duvides, mas parece incrível,  
Não é possível duvidar de mim.

Tu não tens pena, coração de gelo,  
Do meu desvello, e do meu penar ;  
Talvez não creias, mas darei a vida  
Por ti, querida, por um teu olhar.

Talvez não creias que a paixão ardente  
Não é somente o que se chama amor ;  
Roe mais que um cancro é peor que fél,  
Não ha pincel que bem lhe pinte a côr:

Talves que zombes, pode ser que rias  
Das phrases frias que eu te disse agora ;  
Talvez que rias, coração de aço,  
Tu ris ao passo que minh'alma chora.

Talvez não creias, porque és creança,  
Da esperança que perdi de vez;

Talvez mais tarde quando penses serio  
O teu imperio quebrará talvez!

---

## OH! MULHER NÃO SORRIAS

Oh! mulher não sorrias que eu choro,  
Oh! mulher não sorrias de mim;  
Tu bem sabes a dôr que eu padeço  
É querendo te podes dar fim.

Vem depressa, visão de meus olhos,  
Vem depressa, meu anjo de amor,  
Dar allivio aos martyrios que soffre  
O teu pobre e infeliz trovador.

Quando a lua ridente e formosa  
Os seus raios derrama no ar,  
Eu me lembro de ti com saudades  
E ao lembrar-me começo a chorar.

Vem depressa etc., etc.

A teu lado serei venturoso,  
A teu lado feliz passaria,  
E depois de gozar teus carinhos  
Nos teus braços feliz morreria.

Vem depressa etc., etc.

## QUIZERA AMAR-TE

Quizera amar-te, mas não posso, Elvira,  
Porque gelado tenho o peito meu!  
Não me crimines, que eu não sou culpado...  
Amor no mundo para mim morreu.

Quizera amar-te, mas não posso, ó anjo,  
Que inda conservo no meu peito a dôr;  
Do vil desprezo da mulher perjura,  
A quem sagrei o meu primeiro amor.

Guardo no fundo do meu peito as juras  
Que della, outr'ora, vezes mil ouvi!  
Meu peito ardia, mas gelou-se agora...  
Eis porque, ó bella, já não creio em ti!

Ai! tu não sabes como é triste amar-se,  
Ardendo em fogo de voraz paixão,  
E, ao fim de tudo, desbotada a crença,  
Sentir as garras de crul traição!

Quizera amar-te, mas não posso... E' tarde!  
Cobre minh'alma da tristeza o véo!  
Descri das juras desse amor da terra!...  
Não creio agora nem no amor do céu.

---

## QUE SORTE, QUE SINA

Que sorte, que sina,  
Cruel é meu fado!  
Viver separado  
De um anjo fiel!  
Que valem bellezas  
Da verde campina?  
Da flôr purpurina...  
Que importa seu mel?!

E tarde, bem tarde,  
Ao pé de uma fonte,  
Perguntei ao monte  
Que mal eu te fiz!  
O monte não sabe  
Noticias da amada!...  
A fonte é calada,  
Se sabe não diz.

Nas margens de um rio,  
N'um velho ingazeiro,  
Levei dia inteiro  
Por ella a chamar...  
Um canto saudoso  
De longe se ouvia...  
Ninguem respondia...  
Me puz a chorar.

Com ella eu vivia  
Cantando ou carpindo,  
Venturas fruindo  
N'um terno gozar!  
Com o leve biquinho  
Seu peito arrufado,  
Com tanto cuidado  
Me punha a cantar.

N'um velho ingazeiro  
Depuz o meu ninho,  
Que chora, sosinho,  
Sem ella e sem mim!  
Tão grande trabalho  
Me deu seu fabrico,  
Tecendo com o bico  
Pennugem, capim.

---

## SERENATA

Se em meio da noite  
Colmada de encantos,  
Ouvires uns cantos  
De magoas e dôr,  
Escuta os suspiros  
Dorosos, magoados,  
Do peito exhalados...  
Sou eu, meu amor!

Se ouvires um threno  
Que angustias acalma,  
Soluços de um'alma  
Prostrada de dôr,  
Acolhe em teu peito  
Queixumes que eu guardo...  
Não fujas do bardo...  
Sou eu, meu amor!

Se ouvires nas azas  
Das auras olentes,  
Descantes plangentes  
De cruceo amargor,  
Vem ver, ao silencio,  
Quem magoas revela!...  
Descerra a janella...  
Sou eu, meu amor!

Té mesmo se ouvires  
Um echo, um lamento,  
Já falto de alento  
Da lua ao pallor,  
Descansa em teu peito  
Purissimo, ethereo,  
Do bardo o psalterio,  
Meu anjo de amor!

---

## AI ! MORENA !

POESIA DE MELLO MORAES FILHO

Quando em meus braços, na insomnia pallida,  
Tremes, filha do céo, tremes, suspiras,  
Eu sinto que o aneio de teu peito  
Tange-me as notas de esquecidas lyras!

D'entre a vigilia e o somno, em noite amena,  
Não te desprendas, não ; — nunca, morena!

Vi-te adormida no teu leito brando,  
Apartando a cortina que fluctúa ;  
A brisa era mansinha, e lá do espaço  
Beijos de luz te despedia a lua.

Vela-te o somno um anjo que te acena,  
Porque repousas ao luar, morena?

Aos meus joelhos reclinada a frente,  
Se cantas, o teu canto magoado  
Me acorda n'alma as illusões queridas  
Dos bellos dias do viver passado.

Ai ! não cantes assim ! p'ra que mais pena ?  
Meu futuro é só teu... teu só, morena!

Quando sorris, na rosa dos teus labios  
Passam perfumes de tu'alma pura!  
Como a per'la na concha — o riso encerra  
A traição, o prazer, ou a candura.

O teu riso, yáyá, é luz serena...  
Inda mais um sorriso... um só, morena!

---

## POR TEU RISO...

POESIA DE JOÃO CUNHA

Por teu riso eu déra a vida,  
Déra tudo quanto é meu,  
Se tu me desses, querida,  
Um mimoso riso teu.

Mas tu não me dás, ingrata,  
Um teu sorriso de amor;  
O teu desprezo me mata,  
O teu desprezo é rigor.

Minh'alma que amor não roga,  
Que já descrente a senti,  
N'um mar de angustias se afoga,  
Chorosa de amor por ti.

Mas tu não me dás, ingrata,  
Um teu sorriso de amor,  
O teu desprezo me mata,  
O teu desprezo é rigor.

---

## O POETA E A FIDALGA

POESIA DE WANDERLEY

Bem sei que tu me desprezas,  
Bem sei que tu me aborreces,  
Zombando das minhas preces  
Com orgulhoso desdem ;  
Mas não supponhas, não creias  
Que o teu rigor me consome,  
Pois mesmo pobre e sem nome  
Sei desprezar-te tambem.

Bem sei, mulher, bem conheço  
Que fui um louco em fitar-te  
Muito mais louco em amar-te  
Sem consultar a razão !  
Aquellas doces promessas  
Que nos teus olhos eu lia,  
Não eram mais que ironia,  
Não eram mais que irrisão.

Eu sei medir a distancia  
Que nos separa na vida :  
Tu tens a aurora florida,  
Eu tenho as noites crueis !  
Tu tens um manto de flôres  
Que te alcatifa os caminhos...  
Eu trilho em senda de espinhos  
Que dilaceram-me os pés.

Teu vulto passa indolente  
Por sobre os fundos pezares;  
Tens n'alma os gelos polares  
Em vez da luz do Equador !  
A bella Venus de Milo  
Fêl-a sem braços o artista;  
Mas Deus foi mais egoista,  
Negou-te os fluidos do amor !

Não rias !... Isso é loucura !  
Não zombes de um desgraçado,  
Que, se não teve passado,  
Póde um porvir aspirar !...  
Não rias, que da existencia,  
No drama ignoto, infindo,  
Quem abre a scena sorrindo  
Encerra o acto a chorar !

A fidalguia o que vale ?  
O teu orgulho o que importa ?  
Se o ouro me fecha a porta,  
A gloria me estende a mão !

Eu antes quero ser filho  
Das musas da natureza,  
Que ter por mãe a riqueza  
E ter por pai um braço.

Se de custosos brilhantes  
Tu tens a fronte adornada,  
Eu tenho a minha inundada  
Das ondas da inspiração!  
Sim, eu não troco, orgulhoso,  
Por teu thesouro fulgente,  
Uma só nota plangente  
Da lyra do coração.

Não julgues que o céo que sonhas  
Seja constante de rosas,  
Ha muitas sombras nublosas  
Para empannar-lhe o setim!  
Nem sempre o lago é tranquillo,  
Nem sempre a flôr tem perfume,  
Nem sempre os astros têm lume?  
Nem sempre o gozo é sem fim.

---

## PARTIDA

POESIA DE SOARES DE PASSOS

Ai! adeus, acabaram-se os dias  
Que ditoso vivi a teu lado ;  
Sôa a hora, e momento fadado ;  
E' forçoso deixar-te e partir.  
Quão formosos, quão breves que foram  
Esses dias d'amor e ventura!  
E quão cheios de longa amargura  
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes :  
Já o outomno lhes despe os encantos ;  
Cedo o inverno com gelidos mantos  
Baixará nas montanhas d'além.  
Tudo triste, sombrio, e gelado  
Ficará sem verdura nem flôres :  
Tal meu seio privado d'amores,  
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino  
Me dará que eu te abrace na volta...  
Ai! quem sabe onde a vaga revolta  
Levará meu perdido baixel?  
Sobre as ondas sem norte, e sem rumo,  
Açoutado por ventos funestos,,

Subirá por ventura seus restos  
Nas voragem d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!  
Longe, longe o cruel desalento!  
Após dias d'amargo tormento  
Virão dias mais bellos talvez.  
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,  
Uma esp'rança que esta alma alimente,  
E na volta da quadra florente  
Eu co'as flôres virei outra vez.

Mas se as flôres dos campos voltarem,  
Sem que eu volte co'as flôres da vida,  
Chora aquelle que em tumba esquecida  
Dorme ao longe seu longo dormir.  
E cada anno que o sopro do outomno  
Desfolhar a verdura do olmeiro,  
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,  
D'este adeus que te disse ao partir!

---

## QUANDO VEJO O LINDO ROSTO

Quando vejo o lindo rosto  
Da mimosa Olina bella,  
Não desejo separar-me,  
Só quero viver com ella.

Olina tens  
Tanto atractivo,  
Que amor existe  
Por teu motivo.

---

## N'AQUELLES DIAS

Chora nos prados onde a brisa passa  
Plangente e triste o laranjal sombrio,  
E nos regatos onde nós brincavamos  
Geme e soluça o procelloso rio.

Como de novo reapareces bella  
Entre protestos de eternal paixão!  
Guardas ainda nos teus roseos labios  
Os doces beijos que eu te déra então!

N'aquelles dias dos primeiros annos  
Tanta belleza na sombria alfombra!  
Tu me juravas teu amor eterno  
Deitada ás arvores na celeste sombra!

Depois o tempo foi contigo ingrato,  
Cortou-te as crenças e a esperanza bella...  
Mas não te importes pois talvez minh'alma  
Já durma aos raios de formosa estrella!

Jámais, porém, esquecerás o nome  
D'um coração que idolatraste tanto,  
Embora tu, minha creança louca,  
Volvas a outro teu sublime encanto!

Para nós ambos apagou-se o amor,  
Sómente existe a solidão da morte...  
Mas hei vingár-me da paixão ardente :  
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Chora nos prados onde a brisa passa  
Plangente e triste o laranjal sombrio,  
E nos regatos onde nós brincavamos  
Geme e soluça o procelloso rio.

---

## A' MINHA MÃI

POESIA DE CARDOSO DE MENEZES

Aos frouxos raios da lua,  
Que se derramam no ar,  
Vai deslizando a falúa  
No liso espelho do mar.  
Ao longe, por entre as fragoas,  
Ao sopro da viração,  
Murmuram brandas as agoas  
Mysteriosa canção.

No azul do céu transparente,  
Tudo inundado de luz,  
A face do Omnipotente  
Em cada estrella transluz.  
Tamanha serenidade  
No céu, na terra, no mar,  
Terna, suave saudade  
N'alma nos faz despertar.

Alegres reminiscencias  
Dos tempos que já lá vão,  
Fazem pulsar apressado,  
Commovido o coração!  
Tempos que lembram a infancia,  
Da vida puro arrebol,  
Limpidos dias banhados  
Da luz brilhante do sol!

Lembram-nos ternos carinhos  
Do anjo do nosso lar,  
Os beijos estremecidos  
Que só as mãis sabem dar!  
Lagrima ardente deslisa  
Dos nossos olhos, então...  
Lagrima pura, abrolhada  
Na fonte do coração.

E logo dentro em noss'alma  
Dissipa-se o dissabor ;  
Reaparece-lhe a calma  
No pranto consolador !

Suprema felicidade  
Se espalha por nosso ser,  
E ao pungir da saudade  
Sente-se a fé renascer!

De nossos labios se exalam  
Murmúrios do coração,  
Linguagem que as almas falam  
Em fervorosa oração!...  
Por isso, fitando a lua,  
Que resplandece no ar,  
Deixo vogar a falúa  
No liso espelho do mar!...

---

## BEIJO DE AMOR

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Se me queres ver ainda  
Recobrar da vida a flôr,  
Deixa remoçar-me a vida  
Um beijo de teu amor.

De minha vida a ventura  
Teus labios guardam comsigo,  
Dá-me um só beijo e verás  
Se é mentira o que eu te digo.

Como a flôr do sol a um beijo,  
Se quizeres, pódes ver,  
A minh'alma, semi-morta,  
N'um teu beijo reviver.

De minha vida a ventura, etc.

Só esperal-o me alenta,  
Me conforta o fado meu,  
Imagina só por isso  
Quanto póde um beijo teu.

De minha vida a ventura, etc.

---

## NA ROÇA

Na rêde luxuosa que estava amarrada  
Nos troncos do ingá,  
Por sua mucama de leve agitada  
Dormia Sinhá!

Cantavam as aves das verdes mangueiras  
Nos ramos frondosos!  
E ao longe os colonos nas vastas clareiras  
Cantavam saudosos!

Dormia a crioula tranquilla e innocente  
Talvez a sonhar...

Tudo era silencio! Porém de repente  
Ouviu-se o rugido do feroz jaguar!

Tremendo a mucama qual debil palmeira,  
Um grito soltou ;  
Emquanto que a féra, soberba, altaneira,  
Por entre a ramagem medonha assomou!

Ao ver Sinhásinha dormir brandamente  
A féra estacára...  
A pobre liberta, de medo, tremente,  
Estatica, immovel, tranzida ficára!

Segundo rugido soltou sibilante  
O rubro jaguar,  
E lésto qual gamo, cruel, coruscante,  
Um pulo p'ra rêde já ia formar...

Mas eis que na relva se escuta um ruido,  
E um tiro partiu.  
A féra soltando medonho rugido  
C'o olhar desvairado, pezada cahiu!

Seus ultimos véos o sol já enviava,  
A lua surgia!  
Na rêde a crioula dormia e sonhava,  
E a pobre mucama convulsa tremia.

---

## POR MAIS QUE BUSQUE ABAFAR

Por mais que busque abafar  
Este amor, que me consome ;  
Por mais que eu tente riscar  
Do pensamento o teu nome ;  
Lucta minh'alma em martyrio,  
E debalde o coração  
Quer socegar o delirio  
Da minha louca paixão.

Não te faz dó minha sorte,  
Nem te commoves por mim !  
De ti quero vida ou morte ;  
Quero um não ou quero um sim.  
Dá-me que eu possa orgulhoso,  
Na terra um goso provar,  
Unido a ti venturoso  
Meus tristes dias findar.

Eu sinto, padeço tanto,  
Gemendo neste retiro,  
Vertendo este amargo pranto,  
Em vão soltando um suspiro !  
Eu vivo chorando o fado,  
Luctando com minha dôr,  
Pois soffre sempre calado  
Quem nasceu martyr de amor.

## NAO SEI

Por entre as flôres de um festim ruidoso,  
Mundo de amores que a sonhar criei,  
Criança louca, lhe falei de amores ;  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Falei-lhe, crente, de um futuro e gloria,  
Amor eterno a soluçar jurei :  
Disse — consente que te adore muito ;  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Assim, ás falas, que a chorar lhe disse,  
Aos juramentos que a seus pés lancei,  
A tudo aquillo que lhe disse d'alma,  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Mostrei-lhe, ao longe, pelo espaço infindo,  
A meiga lua, que na infancia amei,  
E disse : eu juro pela luz da lua...  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Não sei!... eu temo respirar no inferno,  
Sob dictames de funesta lei!  
Não vês que soffro, que padeço tanto...  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Não, tu não ouves meus gemidos tristes,  
Gemidos d'alma, que te consagrei!...

O amor mais puro que no mundo existe,  
Ella, corando, respondeu : Não sei.

Assim, me grava n'esta fronte gélida,  
Fronte de moço que a seus pés curvei,  
Em lettra ardente que requeima e mata,  
Sentença horrivel, que só diz : Não sei.

---

## OS OLHOS AZUES

Teus olhos castanhos são lindos, serenos,  
Qual chammas ardentes aos males conduz ;  
Porém a minh'alma despreza com força  
P'ra amar tão somente teus olhos azues.

Não sei o que inflúe o azul de teus olhos,  
Que iman, que chammas, que força, que luz,  
Eu ouço a minh'alma dizer-me baixinho :  
Me sinto captiva dos olhos azues.

O sol da alvorada aqui n'esta terra  
Surgindo á matina em tudo reluz ;  
Mas nunca lançou uns raios tão fortes  
Como esses que lançam teus olhos azues.

Não sei o que influe o azul de teus olhos,  
Que iman, que chammas, que força, que luz,

Eu ouço minh'alma dizer-me baixinho :  
Me sinto captiva dos olhos azues.

Se me vires um dia com os olhos em christo  
E as mãos vacilantes ligadas á cruz,  
Oh! crê firmemente na minha fugida  
E cerra o abysmo dos olhos azues.

Não sei o que influe o azul de teus olhos  
Que iman, que chammas, que força, que luz,  
Eu ouço minh'alma dizer-me baixinho :  
Me sinto captiva dos olhos azues.

---

## A FACADA

### PARODIA

Quizera dar-te uma facada agora,  
Porque pingando tenho o bolso meu ;  
Não penses nunca que te morda atôa  
Comer no mundo para mim morreu.

Quizera uns cobres, porém, tenho susto,  
Pois que inda devo aquelles dez a ti,  
Foi uma conta que eu não paguei nunca,  
Porque dinheiro nunca em casa vi.

Um dia vindo junto a mim, mordeste,  
Triste coitado o cobre fui passando,  
Meu bolso tinha uma porção de notas  
E eu do dinheiro não vi mais o bando.

Eu quiz morder-te com tanta vontade,  
Eu quiz morder-te com dente tão forte,  
Jurei, *ó coisa*, mordedura eterna,  
Jurei sómente não morder com a morte.

E tu tambem por tua vez mordeste,  
Mordeste fundo e me disseste ainda :  
« Se eu, algum dia precisar de cobre,  
De ti me venha uma pelega linda ».

Eu quiz te dar uma facada em regra,  
Porque tu tinhas muito cobre, olé!  
Fugiste o corpo e eu fiquei chuchando  
No dedo grande do terceiro pé!...

Já fui mordido, que dentada aquella!  
Eis a razão porque não posso mais ;  
Não me crimines, que não ha dinheiro,  
Eu tenho o bolso suffocado em ais!

Oh! quantas vezes procurei morder-te,  
Mas nunca tive tanto medo assim ;  
A dor que eu tenho na barriga é tanta  
Que não sei mesmo se inda estou em mim.

Inda hei de ver-te muito arrependido  
Passar o cobre me dizendo « ai! ai! »

Não como disse, nem sou pai dos outros,  
Adeus, ingrato, vai morder teu pai.

---

## DESEJO

Na meiga lyra, meus affectos santos,  
Em meigos cantos te votei, ó flôr!  
Muito adorei-te, com paixão ardente...  
Foste sómente, meu primeiro amor.

Hoje repouzas na féral jazida!  
Perdestes a vida, descançaste alfim!  
Mas eu, que o calix da amargura trago,  
No mundo vago, sem saber de mim.

Levou-te a morte... que fatal desdita!  
Magua infinita soffrerei na terra!  
Foram-se os sonhos de eternal ventura,  
Na sepultura que teu corpo encerra.

No golpe féro, que vibrou-me a sorte,  
Imploro a morte, me levar d'aqui,  
Matar saudade, que me devora o peito,  
No terreo leito, me juntar a ti.

---

## SOBRE AS ONDAS

Sobre as ondas, mansamente,  
O nosso barco, fagueiro,  
Oscilla brando e ligeiro,  
A' luz do luar albente!

A noite calma, divina,  
Vai sobre nós deslisando,  
Emquanto a náu peregrina  
Vai sobre as ondas boiando.

Ante o teu labio risonho,  
Ante o clarão de teus olhos,  
Não tenho medo de escolhos!...  
Navego como n'um sonho!

Como cysnes alvejantes  
N'um lago serenamente,  
Vamos felizes, errantes,  
Sobre as ondas mansamente!

Que importa que ruja o vento,  
Raivoso rebrame o mar,  
Se eu tenho neste momento  
O pharol de teu olhar!

## UMA ENTREVISTA

Cantor de sereneta, assim me chamam,  
Que eu tenho para isso muito gosto ;  
Pois tenho o pobre peito tão cansado,  
Contente sempre estou, sempre disposto.

Nas bellas noites de lua  
Quem ouvir o meu cantar,  
Chegue á janella da rua,  
Venha ouvir o meu penar.

Cantando uma canção, á luz da lua,  
Um nome terno e doce então profiro!  
Rumor eu ouço além, numa janella,  
Soltando aos mansos ares um suspiro.

Vibrando as cordas da lyra  
Na minha branda canção,  
Vou ver logo quem suspira  
Da noite na solidão.

Fazendo a voz mais terna eu disse : O' deusa,  
Porque gemer assim se a noite é bella?!  
Eu quero ver teu rosto... não te escondas,  
Não vês? Sou trovador! Abre a janella.

Ha muito que eu gemo triste  
Pensando sómente em ti!

Hontem á tarde sorriste  
Quando eu passei por aqui.

Espera, ó trovador, descanta ainda,  
Quero a vida contigo! eu já sou tua!  
E' bello ao som de um canto um beijo puro  
Que mesmo faz inveja á propria lua!

Colei meus labios aos della,  
Vibrando de ardente amor!...  
De noite tão meiga e bella  
Só resta lembrança e dor.

---

## LUNDÚ

Meus senhores, este caso  
Faz a gente embasbacar!  
No fim do Noventa e Nove  
Vai o mundo se acabar.

Virá medonho cometa,  
Nos diz um sabio allemão,  
Que ha de lançar tanto fogo  
Que o sólo fique em carvão.

Desta vez q Corcovado  
Levá a bréca com certeza!

Liquefaz-se o Pão de Assucar  
Por obra da natureza.

Que espectac'lo pavoroso!  
Enormes chammas de fogo,  
Que do morro da Viuva  
Arrazarão São Diogo.

Meu avô foi para a Italia,  
Minha avó foi para Hamburgo!  
Para não morrer torrado  
Vim fugindo p'ra Friburgo.

---

## DESDE O DIA EM QUE TE VI

Desde o dia em que te vi.  
Inda em botão, bella flôr,  
Vi-te e guardei em meu peito  
Amizade e puro amor.

Mas se algum dia pudesse  
Desfructar amores teus,  
Então, sorrindo, eu diria :  
Tu és minha, encantos meus.

Por mando da flôr  
De minha afeição,

Vieram tres rosas,  
Ainda em botão,  
Plantar em meu peito,  
Amor e paixão.

Nessas pet'las de carmim  
Que retratam formosura,  
Ficou minh'alma gravada,  
Mas gravada sem ventura.

Porém, quando a feia morte  
Meus tristes dias findar,  
Vai, ó flôr de meus encantos,  
Lá na campa vegetar.

E, sobre o sepulchro,  
De orvalho banhada,  
Revela teu cheiro  
Na triste morada,  
Que assim a minh'alma  
Aos céos é levada.

---

## CHIQUINHA

— Chiquinha, se eu te pedisse  
De modo que ninguem visse,  
Um beijo, tu m'ó negavas?  
— Eu dava! eu dava!

— Um dia, eu te encontrando,  
Na varanda costurando,  
Me recebeste sorrindo...  
— Que lindo! que lindo!

Beijava teu pé pequeno,  
Teu lindo rosto moreno,  
O frescor dos labios teus!  
— Meu Deus! meu Deus!

— Se teu pae não fôr beocio,  
Descobre nosso negocio,  
E vai lançar mão da lei!  
— Não sei! não sei!

— Depois dos olhos quebrados,  
Dos enfeites machucados,  
Que havemos nós de fazer?  
— Morrer! morrer!

— Se teu paé não fôr beocio,  
Descobre nosso negocio,  
Negocio de decidir...  
— Fugir! fugir!

— Encostado no teu seio,  
Sem ter o menor receio,  
O Chiquinha, minha flôr,  
— Que amôr! que amôr!

---

## COMO EU VOS AMO

## I

Como eu vos amo, formosa virgem,  
Nesta vertigem que me faz soffrer!  
Com este affecto que é todo nosso  
Dizer não posso nem podes ver.

## ESTRIBILHO

Ai, como és formosa,  
Oh! linda rosa do sertão!  
Ai quem me dera na primavera  
Dar-te os orvalhos do coração.

## II

Se esse meu peito abrir podesses,  
E tu viesses ver minha dor,  
Então verias quanto te adoro,  
Quanto te choro, oh minha flôr.

## ESTRIBILHO

Ai, como és formosa, etc.

## III

Mas tu me foges como um suspiro  
Qu'este retiro me faz soltar.

E assim não posso dizer que vivo  
Sempre captivo só p'ra te amar.

## ESTRIBILHO

Ai, como és formosa, etc.

## IV

Mas se algum dia tu me encontrares  
Com os pezares d'este soffrer,  
Dá-me um sorriso só eu te peço  
Que eu te confesso que irei morrer.

## ESTRIBILHO

Ai, como és formosa, etc.

## V

Singrando mares de angustias cheio,  
Vou sem receio meu viver deixar,  
Certo que gravas na tua mente  
Que a ti sómente eu jurei amar.

## ESTRIBILHO

Ai, como és formosa,  
Oh linda rosa do sertão!  
Ai! quem me dera na primavera  
Dar-te os orvalhos do coração.

---

## A BRISA CORRE DE MANSO

POESIA DE CAMPOS CARVALHO

A brisa corre de manso  
Por entre as trevas de além!  
O mar se move em balanço,  
As ondas correndo vêm!  
E tu desprendes as tranças  
Aos sopros do vento sul,  
E choram as esperanças  
Nesses teus olhos de azul.

Depois a noite suspira,  
A onda geme na praia,  
A voz do vento delira,  
A luz nas trevas desmaia...  
Ergues os olhos aos céos,  
Cantas um hymno de amor,  
E Deus te envolve nos véos  
Do teu pudico rubor!

Some-se a lua, e os astros  
Do plumbeo céu se retiram,  
Já do lume os fulvos rastros  
As doidas nuvens sumiram.  
Então, velada e constricta,  
Lembrando a prece infantil,

O triste pranto te agita  
O bello, o mago perfil!

Quando a matina sorrindo,  
Por entre flocos de luz,  
Tráz os cabellos fulgindo  
Como as legendas da cruz :  
Falas de amor em delirio,  
Fitas louca a immensidade!...  
Só te responde o martyrio!...  
Fala-te a voz da saudade!

---

## QUANDO MEU CORPO

SE ABYSMAR NA CAMPA

Quando meu corpo se abysmar na campa,  
Descanso eterno de infeliz mortal,  
Deixem que a virgem que adorei na vida  
Chore meus restos na mansão final.

Dourada lousa não me enfeite a compa,  
Não quero pompas que a riqueza tem,  
Simples cruzeiro collocado á beira,  
Cypreste esguiu que se aviste além. (*bis*)—

Plantem-se goivos e saudade roxas,  
Tristonhos lyrios de sentida côr,

Funebre emblema de meus dias tristes,  
Orae na campa do infeliz cantor.

Dourada lousa não me enfeite a campa, etc.

---

## NA SOLIDÃO

Eu vivo no silencio do abandono  
Onde aguardo o laurel de ingente magua;  
No mysterio de angustias, que borbulham,  
Quando os olhos se empannam, razos d'agua.

Nas horas em que o dia desfallece  
Quando a tarde descamba merencórea,  
Espontaneo chorar lenteja as faces  
E relembro' do amor a triste gloria!

A minha insulação estringe e mata!  
Mas não sabes o nectar que derrama  
Este affavel silencio, em horas mortas,  
Na sonora dor de quem te ama!

E quando a noite desce somnolenta,  
Eu, cantando, me envolvo em seu sudario!  
Tenho as solfas do mocho em louza algente  
Minhas dores gemendo solitario...

Da lua o espumeo alvor o estro acorda!  
A lyra, a palpar, de amor estúa!  
E a solidão escuta uns ais quebrados  
Que se embebem no alvor da argentea lua!

E' que a doce e pulcherrima saudade  
Lucillando edulcora a fronte quente,  
E ao livor das estrellas eu confio  
Ao coração da noite o que a alma sente!

Como é bello o soffrer! Que importa a vida,  
Se os espinhos do amor, do amor terrestre,  
Laceraram-me a tunica dos sonhos,  
Se a esperança mudou-se em flôr sylvestre?

Mas, quando penso em ti, vejo o teu vulto  
Reclinar-se ao frouxel desta tapéia,  
Revivendo esse affecto que murchaste  
No esmeraldeo espontar da primavera.

Tu fazes renascer sonhos elysios!...  
Mas a dôr fere, preme, esmaga e pulsa,  
Se da lyra os accentos lacrimantes  
Vem soltar de meu labio a voz convulsa.

E, assim pensando eu vou, que os meus scismares  
Transformaram-me ha muito em triste

[monge!..

Se tu vives aqui no escritorio d'alma,  
Porque me vens dizer que estás tão longe?

Oh!... tu sabes que soffro sorridente!  
E longe do bulicio e goso espurio,  
Sou qual pobre ermitão na tosca ermida,  
Desterrado por ti neste tugurio...

---

### MULHER IDEAL

Sonhando avistei-a qual fada formosa,  
Na praia arenosa da lua ao clarão ;  
E eu enlevado cheguei-me em segredo,  
Mas sempre com medo, pr'aquella visão !

E lá silencioso detraz de um rochedo,  
Pisando em segredo me fui collocar ;  
E vi-a, meu Deus ! dos céos era ella,  
Como era tão bella, sósinha a scismar !

Estava sentada, qual linda sereia,  
N'um banco d'areia no fundo do mar ;  
Nas mãos delicadas trazia encostado  
Seu rosto nevado, tão triste a pensar !...

Nas vestes de garça, no collo mimoso,  
Seu peito ancioso se via arquejar ;  
E ella chorava ! seu rosto nevado  
Trazia orvalhado de pranto a rolar !

Ao sopro d'aragem, seus soltos cabellos,  
Tão loiros, tão bellos, queriam voar...  
E um terno suspiro do seio arrancado  
Seu pranto gelado lhe veio enxugar.

E logo n'um harpa que junto trazia,  
Celeste harmonia ouvi-a entoar,  
E um hymno sublime d'infinda magia  
Na praia se ouvia a virgem cantar!...

E eu em delirios, tremente arrastei-me,  
Até que cheguei-me á virgem do mar ;  
Prostrei-me á seus pés e cheio de pejo  
Um fervido beijo nas mãos lhe fui dar!

Pedi-lhe chorando me dêsse o seu canto,  
Seu nome, seu pranto, mas nada quiz dar-me!  
Só disse — no campo, no prado, na selva,  
No orvalho, na relva, deveis encontrar-me!

E a brisa que passava,  
Com a imagem carregou ;  
Porém seu nome gravado  
Em uma concha deixou !

POESIA ! era esse o nome  
Dessa mulher ideal,  
E amando-a, sem ser poeta,  
Fui louco — pequei — fiz mal!

E com o bater das ondas,  
Do doce sonho acordei,  
Olhei, não vi mais Poesia,  
Na praia triste fiquei.

---

## NA ALDÊA

POESIA DE BRUNO SEABRA

Olha! — que paz se agasalha  
Nesta casinha de palha,  
A' sombra desse pomar!  
Olha, vê! — que amenidade  
Abre a flôr da mocidade  
Na soleira deste lar!

Olha! — as flôres vêm sorrindo,  
Dos verdes ramos cahindo  
Aos beijos dos colibris!  
Olha! — este harem de verdura,  
Onde o amor bebe a ternura  
Das saudosas juritys!

Olha! esses montes virentes,  
Esses arbustos florentes,  
Estes risonhos vergeis!  
Olha! — os céos que além descobres,

Que reis tiveram mais nobres,  
Mais deslumbrantes doces?

Olha os dourados insectos  
Nos seus enleios de affectos,  
Dourando a hervagem do chũo!  
E' tradiço que são flôres  
Animadas dos ardores  
D'uma extremosa paixão.

Olha... vê! não são chimeras  
São iris, são primaveras  
Na tela do nosso amor.  
Amor aqui — faz pousada,  
No romper da madrugada,  
Nas horas do sol se pôr!

Não cuides ser a ventura  
Esse ouropel que fulgura  
Sob os tectos dos salões;  
Onde a mentira prospêra,  
E o perfume degenera  
Nas flôres das affeições.

Que valem ruidosos fastos  
Quando os corações vão gastos  
De affectos, de amor, de fé!  
A ventura verdadeira  
Vive á sombra hospitaleira  
Da casinha de sapé.

Olha! que paz se agasalha  
Nesta casinha de palha,  
A' sombra deste pomar!  
Olha! vê! — que amenidade!  
Abre a flôr da mocidade  
Na soleira deste lar!

---

## A MULATINHA

Do Brasil a mulatinha  
E' do céu doce maná,  
Adocicada fructinha,  
Saboroso cambucá!

E' quitute appetitoso,  
E' melhor que vatapá;  
E' nectar delicioso,  
E' boa como não ha.

E' manjar bem delicado,  
E' melado com cará,  
Agradavel bom bocado,  
Gostoso maracujá!

E' cajú assucarado  
E tem da manga o sabor;

E' quibêbe apimentado  
Pelas mãosinhas de amor.

E' doce licor de rosa,  
E' melhor do que melado ;  
Delicado e melindroso  
Vinho velho engarrafado.

E' manguinha da Bahia,  
E' doce favo de mel ;  
Não é clara como o dia  
Nem alva como o papel

A mulatinha mimosa,  
Fios d'ovos com canella ;  
E' morena côr de rosa,  
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,  
Tem do côco o paladar ;  
Tem meiguices, tem ternura'  
Tem *quindins* de enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella,  
Tão terna, tão moreninha,  
Logo exclamo : — Como é bella  
Do Brazil a mulatinha !

Os olhos sabe volver  
Tão ternos a namorar,  
Que eu quizera só poder  
Junto della sempr'estar.

## A PRIMAVERA

Na primavera, na estação das flôres,  
E' tudo amores, tudo é puro e santo ;  
Tudo é risonho na floresta ingente,  
Com voz plangente solta a rôla o canto.

A abelha morde com lascivia ardente  
A flôr temente que no val nasceu,  
E a estrella brilha com sublime encanto,  
No azul do manto que sombrea o céu.

A' jurity preludiando a aurora,  
A virgem córa... e semi-núa acorda ;  
Com o pé descalço, no tapete rente,  
Seu peito crente só de amor transborda.

Branca chrysalida que se transformando  
Vai-se tornando em borboleta bella ;  
Botão de rosa que escondido a meio,  
Vive no seio de gentil donzella !

Na primavera, na estação das flôres,  
E' tudo amores, celestial delirio !  
Cantam as aves a fartar desejos,  
Supplica beijos a borboleta ao lyrio.

---

## NÃO CORRAS NA AREIA

Nas praias desertas  
Que a lua branqueia,  
Que mimos, que rosas,  
Que finas areias!

## ESTRIBILHO

Não corras na areia,  
Não molhes os pés,  
Morena, onde vaes!  
Meu Deus, por quem és!

Morena, morena,  
Anjo de candura,  
Tira-me dos males  
E dá-me ventura.

Não corras na areia, *etc.*

Que praias tão longas,  
Que onda bravia,  
Não molhes a roupa,  
Que és doentia.

Não corras na areia, *etc.*

Morena, morena,  
Teus labios travessos

De finos rubis,  
São dous adereços.

Não corras na areia, *etc.*

Morena, morena,  
Teus olhos galantes,  
De pedras tão finas,  
São dous diamantes.

Não corras na areia, *etc.*

---

## O PINTO PINICA O VELHO

Ai! o pinto pinica o velho,  
O velho salta p'ra traz ;  
As mocinhas estão dizendo  
Que velho sem dinheiro não é rapaz.

O bond subia,  
O bond descia,  
O passageiro  
Era o tio Zacharias.

Ai! e ahi é que o velho baba,  
No pitar do cachimbo o cachimbo acaba.

O velho era alto  
E era pimpão,  
Negro entendido  
Em seu violão.

Ai! o pinto pinica o velho,  
O velho salta p'ra traz ;  
As mocinhas estão dizendo  
Que velho sem dinheiro não é rapaz.

O velho era alto,  
Todo lamparina,  
Ao subir p'r'o bond  
Perdeu a botina.

Ai! e ahi é que o velho baba,  
No pitar do cachimbo o cachimbo acaba.

Nunca vi rua  
P'ra fazer tanta poeira ;  
Na rua do Conde  
Vinha o velho de carreira.

Ai! o pinto pinica o velho,  
O velho salta p'ra traz ;  
As mocinhas estão dizendo  
Que velho sem dinheiro não é rapaz.

---

## CHIQUITA

Chiquita, meu ladrõesinha,  
E' melhor do que dendê,  
De manhã cedo, quentinho,  
Um beijo dado em você.

Um beijo, um beijo,  
Um beijo dado em você.

Sabe a côco de catharro,  
E não sei a mais o que ;  
Já me lembro, é queijo assado  
Um beijo dado em você.

Um beijo, um beijo, *etc.*

Naquellas salas escuras,  
Lá onde ninguem nos vê,  
No meio dos circumstantes,  
Um beijo dado em você.

Um beijo, um beijo, *etc.*

Sua mamãe é muito má,  
Comigo sempre lelé,  
Não quer que eu saiba que é bom  
Um beijo dado em você.

Um beijo, um beijo, *etc.*

Em Paris o gato é *chat*,  
Pagagaio *perroquet*,  
No Brazil é doce d'ovos  
Um beijo dado em você.

Um beijo, um beijo, *etc.*

---

## O BEBER E O FUMAR

Guardae vossos bons conselhos  
Para deixar de beber!...  
Quero cumprir minha sina!...  
Na *chuva* quero morrer!

Caboclos, negros, mulatos,  
Era a gente que bebia;  
Mas hoje os nobres fidalgos  
Tomam *chuva* todo o dia!

Do funil façam mortalha,  
Da pipa façam caixão!  
Sirva de vela a garrafa.  
Mas quero um copo na mão!

No fundo de um alambique  
Quero a minha sepultura,  
Pois, mesmo depois de morto,  
Quero beber á fartura!

Caboclos, negros, mulatos,  
Era a gente da *mamata*,  
Mas hoje vive na *chuva*  
Muita gente aristocrata!

## ESTRIBILHO

O beber alegre a gente!  
O fumar nos dá prazer!  
Quem não bebe, quem não fuma,  
Que alegria póde ter!

---

## SERTANEJAS PAULISTANAS

## O ARREEIRO

Olha a madrinha da tropa,  
João ;  
O lote não vai seguido,  
Deitou-se o burro — Perdido,  
No chão!

Sentido no alevantar,  
Cuidado!  
E' arisca a besta baia,  
Anda, vê que ella não caia,  
Pasmado!

Toca a — Fidalga — da beira  
Da serra ;  
Se escorregar, vae-se embora,  
Pelo barranco de fóra,  
Na terra.

Olavo, que fazes tu,  
Não vês ?  
Sacode o relho, o chicote,  
Só andam cinco no lote,  
São seis.

Tinhoso, vira esta cara  
No andar ;  
Estou vendo a cabeçada  
Da besta mais carregada  
No ar.

Olha o cavallo tordilho  
Parado ;  
Sentido que o lote espalha,  
Já traz pendida a cangalha,  
Do lado.

Deita, deita o tapa-olhos  
Nos pares ;  
Aperta mais o arrôcho,  
Vai o ligal meio frouxo  
Nos ares.

A ferradura alli está  
Da mão,

Anda, suspende o embornal,  
Não vês o sacco do sal  
No chão?

*Ché*, que bella esperança!

Rapaz :

Vou só beber a canninha  
Alli naquella vendinha  
— Detraz.

Vamos depressa, galopa,  
Machinho ;  
Em um nadinha lá estou,  
Tendo as chilenas — lá vou,  
E volto logo ao caminho.

Tenho meu ponche e garrucha,  
Que mais ?  
Posso seguir socegado,  
Que vou correndo o meu fado,  
Vou com Deus e vou-me em paz.

---

## DÁ-ME UM BEIJO

Se me adoras, se me queres,  
Como dizes, com ardor,  
Dá-me um beijo tão sómente  
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abraço  
Dilacera o peito meu ...  
Dá-me prazer, dá-me a vida,  
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende  
Em chãmmas do céo nascidas...  
Dous corações em um abraço,  
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...  
A metade de meu ser,  
Quero em um beijo amoroso  
De teus labios receber.

---

## AFFEIÇÕES

Ama o cysne as brancas aguas,  
A mariposa ama a flôr,  
Amam as aves os bosques,  
Trinando loucas de amor ;

O infante ama os folgedos,  
O poeta a solidão,  
A virgem os aureos sonhos  
Que lhe sonha o coração.

Ama o guerreiro os combates,  
Ama os saráus o donzel,  
Ama a linda camponeza  
Os encantos do vergel.

Ama o nauta o céu da patria,  
O proscripto o ama tambem...  
A mãe ama o terno filho,  
Que estreitando, ao collo tem.

O avarento ama os thesouros,  
Ama o triste o pôr do sol,  
Ama os ermos solitarios  
Solitario rouxinol.

Eu, por mim, amo os desertos,  
Amo a vasta immensidade,  
Amo tudo que soletro :  
« Deus, e Patria e Liberdade! »

---

## BARCAROLA

### I

Sobre as ondas que murmuram  
Busca meu barco a correr,  
A que meus olhos procuram  
Mas que não conseguem ver.

Emquanto o sol refulgente  
Illumina o céu azul,  
Vai do Occidente ao Oriente,  
Vai do Norte até o Sul.

## II

Vôa nas azas do vento  
Por estes mares além,  
E leva meu pensamento  
Para entregal-o a meu bem.

Seja amor o teu gageiro,  
E, se a encontrares emfim,  
Tral-a contigo, ligeiro,  
Tral-a contigo p'ra mim!

## SOMNAMBULA

POESIA DE FAGUNDES VARELLA

Virgem de louros cabellos,  
— Bellos —  
Como cadeias de amores,  
Onde váes tão triste agora  
— Hora —  
De tão sinistros horrores?

Sob nuvem lutulenta,  
— Lenta —  
Se esconde a pallida lua ;  
Na sombra os genios combatem,  
— Batem —  
Os ventos na rocha núa.

Noite medonha e funesta  
— Esta —  
Fundos mysterios encerra !  
Não corras, olha, repara,  
— Pára —  
Escuta as vozes da serra !

Dos furacões nas lufadas  
— Fadas —  
Traidoras passam nos ares !  
Cruentos monstros te espiam,  
— Piam —  
As corujas nos palmares.

Bella douda, se soubesses  
— Esses —  
Esses gritos o que dizem,  
Ah ! por certo que me ouviras,  
— Viras —  
Que tredas cousas predizem !

Mas, infeliz, continuas !  
— Nuas —  
As tuas espaduas são !  
E sob teus pés mofinos,

— Finos —

Prendem-se as urzes do chão!

O orvalho teu rosto molha ;

— Olha —

Como branca e fria estás!

Virgem de louros cabellos,

— Bellos —

Por Deus! conta-me onde vás!

Nestes hervações sem termos,

— Ermos —

Ninguém póde te acodir...

Toma sentido socega,

— Céga —

Vê, são horas de dormir!

Teus olhos gyram incertos ;

— Certos —

Comtudo teus passos vão!

Teu ser que a illusão persegue

— Segue —

O impulso de occulta mão!

Ai! dormes! talvez risonho

— Sonho —

Te chame a bailes brilhantes!

Talvez vóz que te encantam

— Cantam —

A teus ouvidos amantes!

Talvez teus ligeiros passos,  
— Paços —  
Pisem d'ouro construidos!  
Talvez quanto ha de perfume  
— Fume —  
Para agradar teus sentidos!

Mas ah! Na cabana agora,  
— Ora —  
Tua pobre mãe por ti :  
E teu pai além divaga,  
— Vaga —  
Sem saber que andas aqui!

Virgem de loiros cabellos  
— Bellos —  
Com cadeias de amores,  
Onde vás sósinha agora  
— Hora —  
De tão sinistros horrores?

---

## ANJOS DO MAR

POESIA DE M. A. ALVARES DE AZEVEDO

As ondas são anjos que dormem no mar,  
Que tremem, palpitam, banhados de luz :

São anjos que dormem a rir e sonhar  
E em leito d'escuma revolvem-se nós!

E quando de noite vem pallida a lua  
Seus raios incertos tremer, pratear,  
E a trança luzente da nuvem fluctúa,  
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonham — e o vento do céu  
Vem tépido á noite nos seios beijar!  
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,  
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas aguas os ventos suspiram,  
São puros fervores de ventos e mar;  
São beijos que queimam... e as noites deliram,  
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr  
Os ventos e vagas gemer, palpitar,  
Porque não consentes, n'um beijo de amor,  
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

---

## RISO E MORTE

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Eu vim ao mundo chorando,  
Chorar é o meu viver,  
Quando eu deixar de chorar  
Estou prestes a morrer.

Quando a alma ao infortunio  
Assim ligado se tem,  
Como termo da desgraça  
A morte não longe vem.

Quando eu deixar de chorar,  
Quando contente me rir,  
Não se enganem, descofiem  
Que não tardo a succumbir.

Vem, oh! morte — ver meu pranto,  
Não receis, podes vir ;  
Choro nos braços da vida,  
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer,  
Que parece de ventura,  
Não é mais que um riso d'alma  
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida,  
Por vêr n'ella o seu jardim ;  
O desgraçado na morte,  
Por vêr da desgraça o fim.

---

### TENHO MEDO, DONZELLA...

Tendo medo, donzella, de ver-te  
Solitaria na rocha a velar ;  
Tenho medo, porque este peito  
Ha de sempre constante te amar.

Vem unir-te comigo, donzella,  
Não augmentes meu duro penar...  
— Não, jámais deixarei o rochedo  
Onde existo sósinha a velar.

Deixa, deixa, donzella formosa,  
Para sempre esse triste rochedo ;  
Não sepultes uma vida de encantos  
No silencio de eterno degredo.

Vem unir-te comigo, *etc., etc.*

Desce, oh! fada, da rocha deserta,  
Desce á praia, oh! imagem de amor,

Vem, não tardes, fazer a ventura  
Ao teu bello e gentil pescador.

Vem unir-te comigo, *etc., etc.*

— Pescador, eis-me aqui em teus braços,  
Já não quero na rocha habitar ;  
Minha vida eu te juro, é só tua,  
Habitemos agora no mar.

Vem unir-te comigo, *etc., etc.*

---

## PEZARES

Tal como a nuvem  
Rubra, dourada,  
Que co'alvorada  
Foge, se esvae ;  
Assim, minha alma,  
A mão do pranto  
Roubou-te o encanto,  
Deixou-te um ai.

### ESTRIBILHO

Por isso eu triste,  
Desalentado,

Busco no canto  
Ser consolado.

Amei qual louco,  
Doce vertigem!  
Por uma virgem  
Senti... que amor!  
E dessa bella,  
Gentil creança,  
Só a lembrança  
Me resta e dôr.

Por isso eu triste, *etc.*

Sonhos de gloria  
Se dissiparam,  
Feroz saudade  
Delles ficaram.

---

## AO LUAR

Vê que amenidade,  
Que serenidade  
Tem a noite em meio ;  
Quando, em brando enleio,  
Vem lenir o seio  
De algum trovador !

O luar albente  
Que do bardo a mente  
No silencio exalta ;  
Chora a tua falta,  
Rutillante estrella  
De ethereal candor !

Minha lyra geme,  
No concerto extreme  
Que a saudade inspira !  
Vem ouvir a lyra,  
Que sem ti, delira  
Nesta solidão !  
Vem ouvir meu canto  
No fluir do pranto,  
Com que a dôr rocejo...  
Lancinante harpejo,  
Que das fibras tanjo  
Deste coração !

Vem, meu anjo, agora,  
Recordar nest'hora  
Nosso amor fanado,  
Quando eu a teu lado,  
Mais que aventurado,  
Por te amar vivi !  
Quero a fronte tua  
Vêr á luz da lua  
Resplendente e bella !...  
Descerra a janella,  
Que soluça o estro  
Só pensando em ti !

Dá-me um teu conforto,  
Que esse affecto é morto  
Que me consagravas...  
Quando protestavas  
Quando me juravas,  
Eviterno amor!  
Vem um só momento  
Dar ao pensamento  
Uma estellante imagem;  
Depois, na miragem,  
Deixa, em tua ausencia,  
Cruciar-me a dôr!

Da saudade o dardo  
Vem ferir do bardo  
O coração silente!  
Esta dôr latente  
Só na campa algente  
Poderá findar!  
Mas, si ainda o peito  
Palpitar no leito  
De eternal abrigo...  
Hei de, só, contigo,  
Sob a lousa, em somno  
Funeral, sonhar!

---

## A NOITE

POESIA DE AURELIANO LESSA

Deixei de insomnias cercado  
O meu solitario leito,  
Para vir contar-te, ó noite,  
As angustias de meu peito.

Toda de luto trajada,  
Tão tristonha como eu,  
Teu triste aspecto harmonisa  
Com as dôres do peito meu.

Se tu velas só na terra,  
Chorando teu triste fado,  
Quantas lagrimas derrama  
Quem é como eu desgraçado!

Se eu vivera n'um sepulchro,  
Mais negro que o manto teu,  
Tão desgraçado não fôra  
Com as dôres do peito meu.

---

## E FOI-SE...

POESIA DE PEDRO DE CALAZANS

E foi-se a estrella que sorriu nas trévas  
De um triste coração ermo de fé ;  
Minh'estrella gentil, porque não levas  
O triste coração que teu só é?...

E foi-se a nuvem que pairou fagueira  
Nos horisontes de doirada côr,  
Ai, nuvem branca, por que assim ligeira  
Passaste, ó nuvem, no meu céu d'amor!..

E foi-se o sonho tanta vez sonhado,  
Foi-se a meiga illusão que me seduz ;  
Ai santa inspiração do desgraçado,  
Ai vida, sonho, amor, visão, ai luz!...

E foi-se a redempção d'uma alma escrava  
De rude preconceito aos duros nós,  
Livre julguei-me e quando livre estava  
Meu anjo tutelar deixou-me a sós.

E foi-se a chamma vivida e brilhante  
Que o enregelado peito me queimou,  
Por que assim te apagaste n'um instante  
Minha chamma d'amor que se apagou?

E foi-se a estrella que luzio nas trévas  
De um triste coração ermo de fé ;  
Minha estrella gentil, por que não levas  
O triste coração que teu só é?

---

## AVE MARIA !

POESIA DE FAGUNDES VARELLA

A noite desce, lentas e tristes  
Cobrem as sombras a serrania ;  
Calam-se as aves, choram os ventos,  
Dizem os genios : — Ave Maria !

Na torre estreita de pobre templo  
Resôa o sino da freguezia;  
Abrem-se as flôres, Vesper desponta,  
Cantam os anjos : — Ave Maria !

No tosco albergue de seus maiores,  
Onde só reinam paz e alegria,  
Entre os filhinhos o bom colono  
Repete as vozes : — Ave Maria !

E, longe, longe, na velha estrada  
Pára, e saudades á patria envia

Romeiro exausto que o céo contempla,  
E fala aos ermos : — Ave Maria!

Incerto nauta por feios mares,  
Onde se estende nevoa sombria,  
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,  
Reza baixinho : — Ave Maria!

Nas soledades, sem pão nem agua,  
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,  
Triste mendigo, que as praças busca,  
Curva-se e clama : — Ave Maria!

Só nas alcovas, nas salas dubias,  
Nas longas mezas de longa orgia,  
Não diz o impio, não diz o avaro,  
Não diz o ingrato : — Ave Maria!

Ave! Maria! — No céo, na terra!  
Luz da alliança! Doce harmonia!  
Hora divina! Sublime estancia!  
Bem dita sejas! Ave! Maria!

————— .

## DESPEITO

Sei que és querida de muitos,  
E que a ninguem tens amor...

Mas olha que a tua dôr  
Virá mais tarde... criança!  
Não vês o Deus justiceiro  
Que nos domina de perto?  
Teu castigo será certo...  
Delle terás a vingança!

E's bem formosa, menina,  
Mas isso não é riqueza...  
Embora fosses princeza  
Do reino de algum Sultão,  
Devias ser mais constante  
Com quem penando te adora,  
E por ti vivendo chora  
Magoas de eterna paixão!

E's bella, és meiga, engraçada...  
Pois tudo em ti fica bem;  
Mas, não amando a ninguem,  
Tens um defeito immortal!  
Não vês o sol que desponta?  
Não vês a rosa no prado?...  
E' elle seu namorado  
Que não conhece rival!...

Não vês no sol a constancia?...  
Não vês na rosa a firmeza?  
Olha que a tua belleza  
Não póde a rosa igualar!...  
Não te illudas, pois, donzella,  
C'os dotes da formosura...

Pódes perder a candura  
Qual a rosa ao desfolhar!

---

## MEU ANJO, ESCUTA

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Meu anjo, escuta : quando junto á noite  
Perpassa a brisa pelo rosto teu,  
Como um suspiro que um menino exhala ;  
Na voz da brisa quem murmura e fala  
    Brando queixume que tão triste cala  
    No peito teu ?  
Sou eu, sou eu, sou eu !

Se alguém te acorda do celeste arroubo,  
Na amenidade do silencio teu,  
Quando tua alma n'outros mundos erra,  
    Se alguém descerra  
    Ao lado teu  
Fraco suspiro que no peito encerra,  
Sou eu, sou eu, sou eu !

Se alguém se afflige de te ver chorosa,  
Se alguém se alegra co'um sorriso teu,  
Se alguém suspira de te ver formosa,  
O mar e a terra e enamorar e o céu ;

Se alguém definha  
Por amor teu,  
Sou eu, sou eu, sou eu!

---

## O TROVADOR DO SERTÃO

POESIA DE MELLO MORAES FILHO

Tu vens, ó minha amante,  
Por noites sem neblina,  
Ao lume das estrellas  
Na branca musselina,

Descendo da montanha  
Com a perna e braços nús,  
Por entre as verdes cannas  
E as plumas dos bambús...

Mais bella do que os cantos  
Das aves, na espessura,  
Que o ninho d'alva espuma,  
Que a fonte que murmura.

O' minha amante, és bella  
Qual harmonia eolia!  
— Flecha de luz a prumo  
Na flôr da magnolia!

Seus labios rubros, rubros,  
Gardenias são do pejo :  
Seus seios — pombas mansas ;  
Seu sonho — o meu desejo !

A vida eu déra inteira  
Por vel-a na cabana,  
Ao fogo da fogueira,  
Ao cheiro da coirana,

Carpindo a trova meiga  
Que o peito meu consola,  
Aos quêbros do fandango,  
Aos sons d'esta viola.

O' minha amante, és bella  
Qual harmonia eolia !  
— Flecha de luz a prumo  
Na flôr da magnolia !

---

## O GUARDA NACIONAL

POESIA DE TEXEIRA E SOUZA

Espanta o grande progresso  
D'esta nossa capital,

Decresce o bem por momento,  
Cresce a desgraça e o mal.

A carestia de tudo  
De grande já não tem nome,  
O pobre morre de fome,  
De miseria e de trabalho.

Em bellos carros  
O rico corre,  
O pobre morre,  
Sem que comer ;  
Tudo é soffrer  
Para a pbobreza ;  
Só a riqueza  
Vive contente :  
Mortal que vive  
De seu trabalho,  
Não tem um canto  
Para agasalho.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar ;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, vou rondar.

A carne secca tão cara !  
Cada vez o preço cresce ;  
O monopolista á custa  
Da pobreza s'enriquece.

Nos açougues carne podre,  
Nas ruas leite com agua,  
Causa dôr é causa magua  
O pão de tão pequenino.

A dez tostões  
Pinto gosmento,  
Feijão bichento  
A peso d'ouro ;  
Toucinho couro  
E já tocado,  
Café torrado  
Com milho podre ;  
Todos os mezes,  
Por alugueis,  
Quatro paredes,  
Trinta mil réis.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar ;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, vou rondar.

Pejam as ruas mendigos,  
Ha ladrões por toda a parte,  
Em breve nos darão leis  
A faca e o bacamarte.

Por altas horas da noite  
Invadem nossos poleiros,  
E nos levam, ratoneiros,  
A criação dos quintaes.

Té as torneiras  
Já não escapam,  
Pois tudo rapam  
De um modo estranho ;  
Pretos do ganho  
São espreitados,  
E após roubados  
Pelos gatunos ;  
Em grandes festas,  
Bailes, passeios,  
Sempre acham meios  
De ratonar.

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar ;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, vou rondar.

O feijão, milho e assucar,  
Carne e peixe já cozidos,  
Nos vêm das terras d'Europa,  
Vêm dos Estados-Unidos...

Emquanto o monopolista  
O seu negocio equilibra,  
Vendendo a pataca a libra,  
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas  
Por um vintem,  
Só quem o tem

Póde as gozar ;  
Quem quer comprar  
Alguns limões,  
Dá dous tostões  
Por um sómente :  
Vive quem vive,  
Morra o regresso,  
Viva a nação,  
Viva o progresso !

Sinhá, não me peça dinheiro,  
Que eu não tenho para lhe dar ;  
Quando não estou de guarda,  
Para folga, vou rondar.

---

## QUE MAIS DESEJAS

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Que mais desejas?  
Tudo te dei ;  
De tudo em troca  
Nada alcancei.  
Dei-te meu peito  
Em pranto e ais ;  
Dei-te minha alma,  
Que queres mais ?

Juraste eterna  
Fidelidade,  
Seguiu-se á jura  
Só falsidade.  
Por toda a parte  
Vejo rivaes ;  
A fé perdi-te,  
Não creio mais.

Se me não amas,  
Se não me adoras,  
Quando me queixo :  
Que tens, que choras ?  
Ah ! não me prendas  
N'um pranto teu ;  
Não quero um pranto  
Que não é meu.

Mas ah ! perdôa !  
Foi illusão ;  
Dos meus transportes  
Tem compaixão ;  
Perdôa, esquece  
O meu rigor ;  
Não fere a offensa  
Que vem de amor.

---

## SE SOUBESSES...

Se acaso soubesses o quanto te adoro,  
Talvez que não fôras assim tão ingrata!  
A dôr que meu peito lacera, pungente,  
E' dôr inaudita que fere e que mata.

Se tento, distante, debalde esquecer-te,  
Se busco no peito matar minha dôr,  
Tu segues-me sempre no somno ou vigilia,  
Pudesse em teu collo pousar esta flôr.

E quanto mais longe mais cresce este amor!  
Lenindo amarguras da barbara sorte,  
Meus olhos cerrára contente, risonho,  
Se nelles dormisse o somno da morte.

Mas, como é meu fado soffrer estas maguas,  
Sem mesmo um suspiro poder exhalar,  
Procuro um martyrio cruel, fulminante,  
Que venha de prompto meus dias findar.

---

## NO MEU ROSTO NINGUEM VÊ

No meu rosto ninguém vê  
Nenhum signal de afflicção ;  
Meu desgosto, minha dôr,  
Eu guardo no coração.

Eu occulto o quanto posso  
O que sofre o coração ;  
Soffre muito, mas não mostra  
Nenhum signal de afflicção.

Nas festas tambem m'encontram  
Fingindo satisfação,  
Porque magoa bem cruel  
Eu guardo no coração.

---

## MALMEQUERES? BEM ME QUERES?

POESIA DE E. ZALUAR

Malmequeres? Bem me queres?  
Que respondes, meiga flôr?

Diz-me tu, syllaba d'alma,  
A sina do meu amor!

Quero ler o meu fadario  
Nesta flôr innocentinha ;  
Não me enganes, não me illudas,  
Mal me quer, esperança minha!

Na primeira tua folha,  
Não sou eu afortunado!  
Bem me quer, diz a segunda,  
Folga, peito, qu'és amado!

A terceira diz, o *muito!*  
Uma a uma vou contando ;  
Esta alegre me sorrindo,  
Aquella triste esfolhando!

Ai! assim és, vida minha!  
Já desprezos, já carinhos ;  
Hoje grinalda de rosas,  
Amanhã c'rôa d'espinhos!

E contei-as, contei todas,  
Acabou dizendo, *nada!*  
Cada folha era uma esp'rança!  
Triste vida, malfadada!

Procurei ler minha sina,  
Nos arcanos d'esta flôr ;

Encontrei o desengano,  
Onde qu'ria achar *amor!*

---

## O FATAL SEGREDO

POESIA DE E. ALVARES LOBO

No peito guardo um segredo  
Que faz a mente delirar,  
Bem o quero revelar  
A quem? não sei ; tenho medo !

Não importa, tarde ou cedo  
Virá o mundo a saber,  
Melhor fôra já romper  
Este meu fatal segredo.

Mas não ; antes ficar quêdo,  
Deixal-o cahir no olvido,  
Do que tornar tão sabido  
Este meu fatal segredo.

---

## A ROMÃ

LUNDÚ

POESIA DE LAURINDO RABELLO

Entre as fructas que ha no mundo  
Não ha uma fructa irmã  
Na belleza e na doçura  
Da que se chama romã.

Tem corôa de rainha,  
Rosea côr na casca tem,  
Quando racha me retrata  
A boquinha de meu bem.

Pela vez primeira vi,  
N'um jardim, pela manhã,  
O meu bem, que em vez de flôres,  
Me trazia uma romã...

Consentio, p'ra que eu sentisse,  
D'esse seu fructo a doçura,  
Que eu possesse a mão no pomo,  
A boca na rachadura.

---

## ANJO OU VISÃO

N'areia da praia que o vento batia,  
N'areia macia da beira do mar,  
De branco se via garbosa donzella  
Com negros cabellos voando no ar...

Trajava roupão, descalça correndo,  
Ao longe se vendo seu pé delicado,  
O mar agitado, bramindo ruidoso,  
Juntinho á donzella ficava parado!

As per'las, coraes, alegres peixinhos,  
Mimosos pombinhos chegavam á praia,  
Queriam beijar os pés da donzella,  
Mas presos ficavam nas rendas da saia...

E ella correndo, sem nunca ter fim,  
A's vezes p'ra mim voltava seu rosto,  
Que lindo, mais lindo que as rosas do céo,  
Mostrava que tinha de ver-me desgosto.

Já a tarde cahia e do sol rutilante  
Sua luz cambiante bem longe se via,  
Eis quando a donzella, sem nunca parar,  
Nas trêvas da noite seu vulto sumia...

Cansado, prostrado, sentei-me na areia  
Que a lua prateia com meigo brilhar,  
Scismando, chorando, queria a donzella  
Que foi-se correndo na beira do mar!

---

## OLHANDO-A ELLA ME VIA

POESIA DE XAVIER MARQUES

Olhando-a ella me via,  
Só, mais nada : e o coração  
Soltava uma melodia  
Em cada palpitação.

Buliçoso, inquieto, ardente  
Como a vaga do alto mar,  
Que agita o dorso nitente  
E vai sobre outra jogar,

Batia o pendulo d'alma,  
Em cujas oscillações  
Se accusa a hora da calma  
E a hora das turbações.

Gorgear continuo de aves...  
Effluvio de casta fôr

Sorvido em haustos suaves...  
Uma embriaguez... um torpor...

Céo de eterna primavera,  
Mar de rosas, mar sem fim...  
Era assim a vida, era,  
Só de eu vel-a e ella a mim.

Raro sorriso, esta forma  
Que o beijo toma ao se abrir,  
Que como a flôr se conforma  
A's estações — ao sentir...

Nunca um d'esses movimentos  
Que ás harpas fazem dar sons,  
D'esses estremecimentos  
Que denunciam vulcões.

Dos seus labios rubicundos  
Nem uma palavra ouvi,  
D'esses que desvendam mundos,  
Mundos d'esses que entrevi...

Apenas ella me olhava  
Quasi triste e a ella eu...  
E a ventura illuminava,  
Como um luar, o meu céu.

---

## O FADO HILARIO

*A minha capa velhinha  
Tem a côr da noite escura,  
Nella quero amortalhar-me  
Quando fôr p'ra sepultura!*

E' a qu'rida companheira  
D'este risonho estudante,  
E eu não a largo um instante,  
Té a hora derradeira.  
Está rota! é da maneira  
Como seu dono a acarinha,  
Pobre capa, coitadinha!  
E' quasi toda um rasgão,  
Mas ainda vale um milhão,  
*A minha capa velhinha.*

Quando faz muito calor  
Resguarda-me ella do sol,  
E d'inverno é meu lençol,  
E é tambem meu cobertor.  
Eu tenho-lhe tanto amor,  
Que vou dar-lhe uma tintura,  
Pois sua côr tão segura  
Foi um momento indiscreta ;  
Não se sabe bem se é preta ;  
*Tem a côr da noite escura.*

E' velhinha, pouco importa  
Que não seja muito nova,  
Baixára commigo a cova,  
Como capa que é já morta.  
Se a vida me corre torta,  
Só ella vem consolar-me,  
E este corpo resguardar-me,  
Quando em tempo assustadiço.  
E' minha amiga, e por isso  
*N'ella quero amortalhar-me.*

Se fosse bordada a ouro,  
Não lhe tinha tanto amor ;  
Mas de tão exquisita côr,  
E' o meu unico thesouro.  
Se alguma vez triste choro,  
Lança á minh'alma a tristura ;  
Vem ella, toda ternura,  
E limpa o pranto ao amigo,  
E por isso ha de ir commigo,  
*Quando eu fôr p'ra sepultura*

---

## O CASAMENTO

Agora é que vou contar  
Como foi meu casamento :

Cheguei-me ao pai da dona,  
Pedi seu consentimento.

O pai chamou a *fia*,  
Perguntou se ella queria ;  
Lá de dentro responderam :  
— « O casamento é tal dia. »

A camisa do casamento  
Foi a noiva quem me deu ;  
Mas o panno era tão fino  
Que no vestir se rompeu.

A calça era de ganga,  
De ganga bem amarella,  
O collete de casemira,  
E o paletó de flanela.

Era o chapéo de manilha,  
Manilha acabocolada ;  
E quando entrei na igreja  
A gente ficou espantada.

Abotina era de lona,  
Com biqueira de oleado,  
Quando subi a ladeira  
O salto correu p'ra um lado.

Quando cheguei na igreja.  
Que o padre deitou *abença*,

*Foi abraços e boquinhas,  
Que a noiva ficou suspensa.*

---

## MEU DESTINO É IMMUDAVEL

Meu destino é immudavel,  
Minha desgraça constante ;  
Eu choro todos os dias,  
Eu suspiro a cada instante.

### ESTRIBILHO

Ah ! quanto é triste  
Meu padecer,  
Só espero alivio  
Quando morrer.

Perdi de Lilia a belleza,  
Murchou-lhe a morte o semblante ;  
Por Lilia todos os dias  
Eu suspiro a cada instante.

Ah ! quanto é triste, *etc.*

Vem, ó morte piedosa,  
Vem findar um triste amante ;

E meu destino immudavel,  
Minha desgraça constante.

Ah! quanto é triste, *etc.*

---

## ANJO DO CÉO TU ME MATAS

Anjo do céo, tu me matas  
Tu me matas sem querer ;  
De teus labios quero um sim,  
Quero um sim, depois morrer.

Neste rosto, onde acatas  
O pundonor e o riso,  
Onde mil graças diviso,  
Anjo do céo, tu me matas.  
Meu peito todo dilatas  
No mais completo prazer,  
Quizera, Marilia, ser  
Teu amante idolatrado,  
Pois com mimos, com agrados,  
Tu me matas sem querer.

Se volves um riso a mim  
Oh que dicta! que ventura!

Se me adoras, virgem pura,  
De teus labios quero um sim.  
Mas leve côr de carmim  
Faz teu rosto enrubecer,  
Nada tenhas a temer  
Em me falar a verdade,  
P'ra minha felicidade  
Quero um sim, depois morrer.

---

## AS HORAS QUE PASSO

POESIA DE JOÃO CUNHA

As horas que passo contigo na mente,  
Quizera, contente, de amor te falar ;  
Quizera occultar aos olhos do mundo,  
Segredo profundo, profundo scismar.

Quizera, contente, nas horas da vida,  
Contigo, querida, viver e sonhar ;  
Dormir e sonhar mil sonhos ditosos,  
Com a vida e os gozos quizera acordar.

Mas tu não consentes que eu viva de amores,  
Que eu veja nas flôres a tua expressão ;  
E, ao meu coração, que tanto te adora,  
Não cedes um' hora de tua afeição.

E o fado não quiz ceder-me a ventura,  
E tu, creatura, tu foste-lhe igual ;  
Tornaste fatal a minha esperança,  
Tu eras criança, fizeste-me mal !

E hoje que vivo sem crença e sem fé,  
Que triste não é p'ra mim o viver !  
Não posso esconder aos olhos do mundo  
Segredo profundo, profundo soffrer.

De certo não posso, porque o desgosto  
Reflecte em meu rosto o ardor da paixão ;  
E o meu coração, outr'ora contente,  
Agorá resente de amor um volcão.

---

## SAUDADES

POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

Nas horas mortas da noite  
Como é doce o meditar,  
Quando as estrellas scintillam  
Nas ondas quietas do mar ;  
Quando a lua magestosa  
Surgindo linda e formosa,  
Como donzella vaidosa  
Nas aguas se vai mirar !

Nessas horas de silencio,  
De tristezas e de amor,  
Eu gosto de ouvir ao longe,  
Cheio de magua e de dôr,  
O sino do campanario,  
Que fala tão solitario  
Com esse som mortuario  
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sosinho —  
Eu solto aos échos da serra  
Suspiros dessa saudade  
Que no meu peito se encerra.  
Esses prantos de amargores  
São prantos cheios de dôres,  
— Saudades — dos meus amores,  
— Saudades — da minha terra!

---

## QUIZ DEBALDE VARRER-TE

### DA MEMORIA

POESIA DE PLINIO DE LIMA

Quiz debalde varrer-te da memoria  
E o teu nome ariancar do coração :  
Amo-te sempre... Oh! que martyrio infindo!  
Tem a força da morte esta paixão...

Eu sentia-me atado ao teu prestígio  
Por grilhões poderosos e fataes ;  
Não me vias sequer, te amava ainda...  
Motejavas de mim, te amava mais...

Tu me vias sorrir ; os prantos d'alma  
Só confia-se a Deus e á solidão...  
Tu me vias passar calmo e tranquillo,  
Tinha a morte a gelar-me coração.

Soffri muito por ti. As minhas trevas  
Nem um raio de amor d'este sequer ;  
Tu sorrias feliz, quando eu chorava,  
E eu chorava por te amar, mulher !

Quantas luctas travei com sentimento,  
Quantas vezes corei de minha dôr !  
Quiz até te odiar ; te amava sempre,  
Sempre, sempre a esmagar-me o meu amor !...

Não consigo apagar-te da memoria,  
Nem teu nome arrancar do coração !  
Amo-te sempre !... Oh ! que martyrio infindo !  
Tem a força da morte esta paixão...

---

## LUCINDA

Eu pensei que meu peito cansado  
De lutar entre amor e paixão,  
Conservasse cá dentro guardado  
Algum tempo este meu coração.

Ai que assim não quizes-te, Lucinda,  
Com esses olhos de tanta poesia,  
Que em me vendo deixaram-me louco,  
Me roubando a feliz phantasia.

Eu vivia tão livre na terra  
Que na terra só amava a soidão,  
E ao doce estribilho dos ventos  
Revolvido em feroz furacão.

Oh! se eu via uma virgem chorando,  
Que prazer n'esse pranto eu sentia!  
Era a voz da desgraça um consolo,  
Era um raio estalando a harmonia.

Mas teus olhos, Lucinda, formosos,  
Abrandaram este peito feroz,  
Aborreço os horrores que amava  
Dá-me nova harmonia tua voz.

Adorar-te e viver a teu lado,  
Alta noite, assentado ao luar,  
Em teus olhos, Lucinda, embebido  
Quero a vida em delirio passar.

---

## . O COLIBRI

Como esquecer-te,  
Flôr melindrosa,  
Se para mim vives  
Pura e formosa?

### ESTRIBILHO

Como esquecer-te,  
Se és minha vida?  
Prendi minh'alma  
Aos teus pés, querida.

O colibri,  
Por ser constante,  
Soffre martyrios  
A todo instante.

Como esquecer-te, *etc.*

A borboleta  
De vivas côres,

Sobre as campinas  
Adeja amores.

Como esquecer-te, *etc.*

---

## ACORDA, DESPERTA

Acorda, desperta,  
Mulher de minh'alma,  
Eu sinto nest'hora  
Por ti grande calma.

### ESTRIBILHO

Não sabes que ainda  
Não pude dormir,  
Sómente pensando  
Em nosso porvir.

Se durmo, começo  
Comtigo a sonhar,  
Então me levanto  
Vagueio ao luar.

Não sabes que ainda, *etc.*

Acorda, desperta,  
Mulher de minh'alma,

Eu sinto nest'hora  
Por ti grande calma.

---

## LONGE D'AQUELLA QUE ADORO

Longe d'aquella que adoro  
Vou lutar com a triste sorte,  
Pois que a dôr de uma saudade  
E' peor que a dôr da morte.

Meu bem, meu anjo,  
Tem compaixão,  
Torna ditoso  
Meu coração;  
Dá-me um sorriso  
Terno de amor,  
Dá lenitivo  
A' minha dôr.

N'este exilio de minh'alma  
Em que peno sem abrigo,  
Minha estrella é cirio inutil  
Brilhando sobre um jazigo.

Oh! vem, não tardes,  
Vem, peregrina,

Espanca as trevas  
De minha sina !  
Que a tua ausencia  
Custa soffrer,  
Tanta saudade  
Me faz morrer.

---

## QUE VALEM FLÔRES

POESIA DE XISTO BAHIA

Que valem flôres  
Ao teu sorrir ?  
Quando em teus labios  
Se vão abrir ?  
São duas pet'las  
De rosea côr,  
Que se entreabrindo  
Falam de amor.

Teus lindos olhos  
Pretos, serenos,  
Despedem lumes  
Brandos, amenos;  
Teu collo esvelto,  
Alvo, opulento,

Amor me acende  
E's meu tormento.

## ESTRIBILHO

Estatua ou anjo,  
Mulher divina,  
Marca-me o termo  
Da minha sina.

Se alvas roupagens  
Ligeira, vestes,  
E os teus cabellos  
Entre ouro teces ;  
Se a fimbria arrastas  
De longa tunica,  
E's uma grega  
Perfeita e unica.

Aspasia vejo  
De linda plastica,  
Pedindo um beijo  
Na boca elastica.  
Quantos enleios  
Tenho no peito,  
Arfando ancias  
De amor sujeito.

Estatua ou anjo, *etc.*

---

## FOI ASSIM O SEU AMOR

POESIA DE H. CESAR MUZZIO

Foi assim o seu amor,  
Como a onda elle passou,  
Foi esperança de um dia  
Que o desengano matou.

Foi assim o seu amor,  
Dubio brilhar d'uma estrella  
Em céu escuro e turvado,  
Vão capricho d'uma bella.

Foi assim o seu amor,  
Exalação venenosa  
De uma flôr que simulava  
Ser innocente e mimosa.

Foi assim o seu amor,  
Infel, mentida jura,  
Promessa que fôra santa  
Se a fizera um'alma pura.

---

## SERENATA

POESIA DE DE CARDOSO DE MENEZES

Murmura a briza fagueira  
Passando de flôr em flôr!  
E corre, branda, ligeira,  
Nas brancas azas do amor!  
Gemem de manso na praia  
As ondas verdes do mar;  
A luz da lua desmaia  
Na transparencia do ar!

Tudo descanta e suspira,  
No mar, na terra e nos céos;  
O proprio silencio inspira  
Ferventes hymnos a Deus!  
Dentro em minh'alma, uma imagem  
Ergue-se cheia de luz,  
Como uma grata miragem  
Que me fascina e seduz!

E' tua imagem, querida  
Que se levanta a sorrir,  
Iluminando-me a vida  
— Astro de roseo porvir. —  
Tremem fugazes lampejos  
No teu dulcissimo olhar,

Nos labios teus tremem beijos  
De uma vulupia sem par!

Quizera ter-te abraçada  
Bem junto do coração,  
Minh'alma á tua enlaçada  
Em sempiterna união.  
Viver assim, eu quizera,  
Ao lado teu, minha flôr,  
N'uma infinda primavera  
De paz, de luz e de amor!

---

## UMA HISTORIA

POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

A briza dizia á rosa :  
— « Da formosa,  
Dá-me, linda, o teu amor ;  
Deixa eu dormir no teu seio  
Sem receio  
Sem receio, minha flôr!

De tarde virei da selva  
Sobre a relva

Os meus suspiros te dar ;  
E de noite na corrente  
    Mansamente,  
Mansamente te embalar! » —

E a rosa dizia á briza :  
    — « Não precisa  
Meu seio dos beijos teus ;  
Não te adoro... és inconstante...  
    Outro amante,  
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia  
    Sem poesia  
A repetir-me os teus ais  
Não te adoro... quero o Norte  
    Que é mais forte  
Que é mais forte e eu amo mais! »

No outro dia a pobre rosa  
    Tão vaidosa  
No hastil se debruçou :  
Pobre d'ella! Teve a morte  
    Porque o Norte,  
Porque o Norte a desfolhou!...

---

## PALLIDA MADONA

O' pallida madona de meus sonhos,  
Bella filha dos serros de Engrady,  
Vem inspirar os cantos do poeta,  
Rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que eu meu peito repousava,  
Como o orvalho das noites de relento,  
A teus pés elevou-se como as nuvens  
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui, além, bem longe, em toda parte,  
Meu pensamento segue ao passo teu ;  
Tu és a minha luz, sou tua sombra,  
Eu sou o lago teu, tu és meu céu.

A tarde, quando chegas á janella,  
A trança solta onde suspira o vento,  
Minh'alma te contempla de joelhos,  
A teus pés vai morrer meu pensamento.

Inda hontem á noite, no piano  
Os dedos teus corriam no teclado,  
Nas caricias de tuas mãos tão lindas  
Suspirava e gemia apaixonado!

Depois cantando a aria suspirosa  
Veio n'alma accender-me mil desejos!  
Eu prostrei-me a teus pés perdido e louco,  
Supplicando-te amor em doces beijos.

Vem dizer-me se posso ainda um dia  
Nos teus labios beber o mel dos céos,  
Eu te direi, mulher dos meus amores,  
Amar-te inda é melhor do que ser Deus.

---

## QUANDO EU AMEI-TE

Quando eu amei-te,  
Gentil criança,  
Brilhou a esp'rança  
No peito meu ;  
Então sonhei-te  
Meiga e formosa,  
Flôr odorosa  
Dos jardins do céu.

E aos teus carinhos  
Cheios de amor,  
Tive sorrisos  
De infantil pudor.

Quando partiste  
Para o céo criança,  
Não mais bonança  
Eu pude ter ;  
Não mais sorrís-te,  
E um véo tristonho  
Tornou medonho  
O meu viver.

E agora ausente  
De teu amor,  
Em pranto ardente  
Choro de dor.

# O BEM-TE-VI

MODINHA

POESIA DE

MELLO MORAES FILHO

MUSICA DE

MIGUEL E. PERTANA

*Moderato expr.*



A' som\_bra frondo\_sa de enorme man\_



-gwei\_ra, Co\_ber-ta de flô\_res da tarde ao ea-



-hir, A' som\_bra frondo\_sa de enor-me man\_



-gwei\_ra, Co\_ber-ta de flô\_res, da tarde ao ea-



- hir — A vir\_gem dos cam - pos, — mo\_re\_na gar-



- bo - sa — Can tav' ao a\_ man - te — meigui\_ ces a

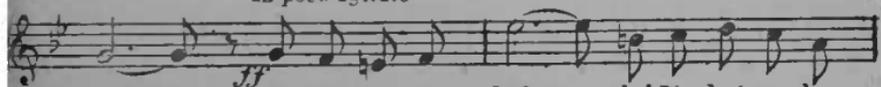


- rit. — A virgem dos cam pos, — more\_na gar-



- bo sa, — Can tav' ao a\_ man - te — meigui\_ ces a

*un poco agitato*



- rit — *ff* O céo e \_ra bel lo! Na\_ bei\_ ra da es\_

*meno*



- tra da can\_ ta\_ va o en\_ con tro nas moi\_ tas de



ipé! — *p* Eos o\_ lhos da vir\_ gem — tornaram\_ se.



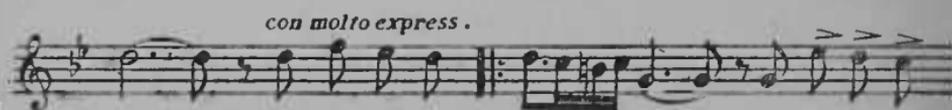
lan\_gui\_dos, — E os labios mais ru\_bros — que o ru\_bro ca —



— fé' — *ff* O céo e\_a ra bel — lo! Na bei\_ra da



estra — da Can\_t\_a va o en\_con — tro nas moi\_tas dei\_



pé! — E os o\_lhos da vir — geim — tor naram se



languidos — E os labios mais ru\_bros — que o rubro ca —



— fé. — E os o\_lhos da fé. E — rir.

# NO MEU ROSTO NINGUEM VÊ

MODINHA

MUSICA DE SANTA ROSA

The musical score is written on four staves in a single system. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The melody is written in a soprano clef. The lyrics are written below the notes. The first staff contains the first line of the melody and the lyrics "No meu ros to nin-guem". The second staff continues the melody with the lyrics "vê Nem um si-gnal d'af-fli-". The third staff begins with a dynamic marking of *f* and contains the lyrics "-ção; Nem um si-gnal". The fourth staff begins with a dynamic marking of *Prall.* and a tempo marking of *1º Tempo.* It contains the lyrics "d'af fli-ção; Meu des-gos".

No meu ros to nin-guem  
vê Nem um si-gnal d'af-fli-  
-ção; *f* Nem um si-gnal  
*Prall.* *1º Tempo.* d'af fli-ção; Meu des-gos

-to, mi - nha dôr - Eu guar -  
*dim.* *dolce.* *p*

- dei no co - ra - ção Eu guar -  
*f* *f*

- dei no co - ra - ção Eu - guar -

- dei no co - ra ção

*ff* *tr*

Eu - guar - dei no co - ra - ção

# O FATAL SEGREDO

ROMANCE

POESIA E MUSICA DE ELIAS ALVARES LOBO

Andante.

No peito guardo um se-  
-gre - do que - faz - a mente de-li-  
*tr*  
- rar, No — peito guardo um se-  
gre-do que faz a mente faz a mente de-li-

-par, ... .. Bem - o que ro re - ve -

-lar - - - - - A quem? não sei te - nho

me - do! Bem - o que ro re - ve -

lar - - - - - A quem? não sei te - nho

me - - - - - do!

D.C.

# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

### HYMNOS

Hymno da Independencia .	3
Hymno da Independencia ou morte	6
Independencia ou morrer .	8
Hymno á Constituição.	11
Hymno nichtheroyense.	13
Hymno commemorativo.	16
Hymno marcial.	21
Hymno braziliense .	25
Hymno do Batalhão do Imperador.	28
Hymno da Proclamação da Republica .	31
Hymno alagoano .	34
Hymno do Centenario.	37

## SEGUNDA PARTE

### MODINHAS DIVERSAS

Flór gentil	43
A rosa .	44

Pescador da barca bella.	45
Laura	46
Beijo a mão que me condemna	48
O desejo	48
Acorda, escuta, escuta	51
A despedida	52
A despedida . . . . .	54
A estrella de minha vida	55
A flôr dos meus cultos	56
Ai meu bem se eu não te amo.	58
Queixa . . . . .	59
Grandezas da terra .	60
Prazeres que eu não sonhava	61
Botão de rosa	62
Dá-me um sorriso.	63
Sim	64
Confissão e desengano	65
Amor de mãe .	66
Dá-me um beijo . . . . .	67
Se és anjo no gesto e belleza	68
Olha, oh Marcia...	69
É só por ti	70
Mar que outr'ora .	72
Foi cruel o meu destino.	73
Ai de mim	74
Eu te amo .	75
Eu amo as flôres	76
Era um anjo	77
As Uyáras	78
A preta mina. . . . .	81
Perdôa-me, oh ! sê clemente.	82
Uma visão .	84
Não se me dá que outros gozem.	85
Volta.	86
Sempre-viva . . . . .	88
Minha terra tem palmeiras	89
O descrido	90
A mucama	92

Igualdade illusoria	93
A flôr do maracujá	94
À terra um anjo baixou.	96
Escuta .	97
Marinheiro. . . . .	97
Canto do bardo. . . . .	99
Lá para as bandas do Norte.	100
Vendedoras de amores	101
A parasita	103
A rosa murcha .	105
Alta noite. .	106
O augmento das passagens	107
Lua da estiva noite .	110
A mulher é um diabo de saias .	111
A mulata. . .	113
Morena, teus olhos .	116
Saudade	118
Sobre o mar	119
Um mysterio	120
Dorme, dorme, ó morena .	122
É aqui... bem vejo a campa	123
Tyranna	124
Vem .	125
Vingança.	126
Acorda . .	127
O bemtevi	128
Ultima esperanza.	129
A crioula.	131
A vida é um sonho	133
Minha vizinha	134
Á duas flôres.	135
As bahianas	136
És Marília	138
A concha e a virgem	139
Canção do trovador.	140
A marrequinha.	142
Desalento	144
O sello.	145

Ninguem.	147
Mater dolorosa .	148
Saudades de Maura.	149
Oh sorte minha cruel.	150
Gosto de ti	151
Quando os céos dão em teus labios	152
O vagabundo .	153
Ao ver-te. .	157
O gigante de pedra .	158
Ai morena	159
A crioula.	162
A bahiana	163
Catêretê	165
Bolina .	167
O beber	169
Os olhos de starba.	171
Assim	172
Zizinha.	173
O sapo na lagôa	175
O guarany	176
A mulata.	177
Morena.	179
Talvez não creias.	180
Oh! mulher não sorrias.	181
Quizera amar-te	182
Que sorte, que sina.	183
Serenata . .	184
Ai! morena!	186
Por teu riso... .	187
O poeta e a fidalga	188
Partida.	191
Quando vejo o lindo rosto.	192
Naquelles dias	193
Á minha mãe.	194
Beijo de amor	196
Na roça	197
Por mãis que busque abafar.	199
Não sei.	200

Os olhos azues	201
A facada	202
Desejo .	204
Sobre as ondas .	205
Uma entrevista.	206
Lundú . .	207
Desde o dia em que te vi	208
Chiquinha	209
Como eu vos amo.	211
A brisa corre de manso .	213
Quando meu corpo se abysmar na campa	214
Na solidão .	215
Mulher ideal	217
Na aldéa .	219
A mulatinha	221
A primavera	223
Não corras na areia.	224
O pinto pinica o velho	225
Chiquita .	227
O beber e o fumar	228
Sertanejas paulistanas	229
Dá-me um beijo	231
Afeições .	232
Barcarola.	233
Sonambula .	234
Anjos do mar.	237
Riso e morte .	239
Tenho medo, donzella...	240
Pezares	241
Ao luar.	242
A noite.	245
E foi-se... .	246
Ave-Maria!.	247
Despeito .	248
Meu anjo, escuta.	250
O trovador do sertão	251
O guarda nacional	252
Que mais desejas .	256

Se soubesses . . . . .	258
No meu rosto ninguem vê. . . . .	259
Malmequeres ? Bem me queres ? . . . . .	259
O fatal segredo. . . . .	261
A romã . . . . .	262
Anjo ou visão. . . . .	263
Olhando-a ella me via . . . . .	264
O fado Hilario . . . . .	266
O casamento . . . . .	267
Meu destino é immudavel. . . . .	269
Anjo do céo, tu me matas. . . . .	270
As horas que passo. . . . .	271
Saudades. . . . .	272
Quiz debalde varrer-te da memoria . . . . .	273
Lucinda . . . . .	275
O colibri . . . . .	276
Acorda, desperta . . . . .	277
Longe d'aquella que adoro. . . . .	278
Que valem flôres . . . . .	279
Foi assim o seu amor. . . . .	281
Serenata . . . . .	282
Uma historia. . . . .	283
Pallida madona. . . . .	285
Quando eu amei-te. . . . .	286









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).